

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**A COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ,
VILA VELHA-ES: CONFIGURAÇÕES E SUJEITOS**

ALIKE DA SILVA ALVES

VILA VELHA-ES
MARÇO / 2021

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**A COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ,
VILA VELHA-ES: CONFIGURAÇÕES E SUJEITOS.**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

ALIKE DA SILVA ALVES

VILA VELHA-ES
MARÇO / 2021

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

A474c

Alves, Alike da Silva.

A Comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã – Vila Velha – ES : configurações e sujeitos / Alike da Silva Alves. – 2021.

120f. : il.

Orientador: Augusto Cesar Salomão Mazine.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2021.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Pesca Artesanal. 3. Ecologia Política.
I. Mazine, Augusto Cesar Salomão. II. Universidade Vila Velha.
III. Título.

CDD 306.2

ALIKE DA SILVA ALVES

**A COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ,
VILA VELHA-ES: CONFIGURAÇÕES E SUJEITOS**

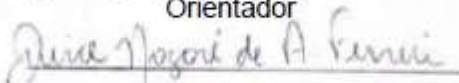
Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

Aprovado em 01 de março de 2021.

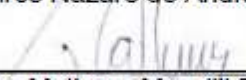
COMISSÃO EXAMINADORA



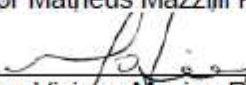
Prof. Doutor Augusto César Salomão Mazine (UVV)
Orientador



Prof.^a. Doutora Dirce Nazaré de Andrade Ferreira (UFES)



Prof. Doutor Matheus Mazzilli Pereira (USP)



Prof.^a. Doutora Viviane Mazine Rodrigues (UVV)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por me conceder saúde e sabedoria diante deste mundo tão caótico e tempos difíceis. Tempo este de pandemia em que nos mantermos vivos é uma dádiva.

Agradeço ao meu marido, Marcus Vinicius, por toda paciência, carinho e amor. Obrigada por todas as renúncias, dedicação e por ter sido fundamental na minha trajetória acadêmica. Você sempre foi o meu maior incentivador. Obrigada, meu amor, por não medir esforços por minha formação acadêmica.

A minha família, em geral, por todo o apoio e incentivo de sempre.

Aos amigos que ganhei nesta jornada, pelo apoio e força tão significativos. A alguns, em especial: Maria Izabela Chesquini que sempre ofereceu o ombro amigo e, assim, construímos uma bela amizade; houve muitas transformações até chegar aqui, meu muito obrigada por sempre me incentivar e dizer que eu poderia ir muito mais quando a vida me forçava a desistir, você sempre esteve ao meu lado me mostrando que deveria ir em busca de mais... Ao André Vianna, pessoa especial que vibra luz e sabedoria, não é à toa que é conhecido com o apelido carinhoso de Dedé da UVV. Obrigada, amigo pelas palavras de carinho e incentivo e por todas as trocas que tivemos. Elas foram fundamentais também na construção de conhecimento, você faz parte desse legado. A Lorena, uma mãezona para todos nós. A todos os bolsistas do Projeto RDC: Camila, Iara, Yasmin, Amanda, Cleiton cada um, em especial, contribuiu e deixou um pedacinho em mim que carrego comigo por onde for. Obrigada pelos momentos alegres e de descontração que vocês me proporcionaram em dias difíceis!! Vocês foram essenciais!!!! Aos professores pesquisadores do RDC: Maria Angela, Renan Lubbanco, ao Marcus Vinicius que sempre estiveram disponíveis para indicar bibliografias e tornar mais claros alguns conceitos, obrigada! Vocês contribuíram em paralelo por este título. E, por fim, e não menos importante, a querida Ana Lúcia por sua força de mulher guerreira que não perde a luta. Obrigada por todo carinho e dedicação nesta jornada, amiga; Em especial também a essa menina mulher tão gentil e sensível, Thaíz Altoé, por sempre me empurrar para cima quando as aulas pareciam um fardo pesado que eu não conseguiria suportar.

Você esteve ali para me abraçar e consolar; Gratidão por essas pessoas especiais que foram essenciais nesta minha trajetória.

Agradeço ao Professor Doutor Augusto Cesar Salomão Mazine por ter acreditado em mim desde os tempos da graduação. A participação em seu grupo de pesquisa foi peça fundamental para obtenção deste Título. Obrigada por me mostrar que eu era mais capaz do que eu poderia imaginar. Grata por compartilhar conhecimento com generosidade e por me motivar e acreditar em mim, pelas indicações de bibliografia e por agir de forma leve para estimular a construção de conhecimento.

Agradeço também aos professores da Universidade Vila Velha, em destaque, Matheus Mazzilli Pereira que sempre esteve disposto a sanar dúvidas as quais, muitas das vezes, fugiam do contexto das aulas, mas sempre atencioso e gentil em suas falas, obrigada, Professores. A Professora Doutora Dirce Nazaré de Andrade Ferreira por sua contribuição na minha banca de qualificação e de defesa.

Agradeço ao Projeto Redes de Cidadania/Petrobras¹ pela bolsa de pesquisa concedida, fator relevante na conclusão deste estudo, em especial, aos coordenadores Augusto Cesar Salomão Mazine e Viviane Mazine Rodrigues pela compreensão no desenvolvimento das atividades presenciais junto à comunidade e as demandas telepresenciais necessidade com que fomos surpreendidos durante este percurso, muito obrigada!!

Quero agradecer a meus alunos e às professoras/companheiras de trabalho pelos caminhos trilhados e jornadas de horas/aulas em que tive o privilégio, nas trocas, de aprender em sala de aula até o início do mestrado no ano de 2019. Vim para o mestrado com o objetivo de aperfeiçoamento profissional, como também em busca de crescimento pessoal capaz de transformar e compreender melhor as necessidades que a vida nos apresenta em sociedade.

¹ Este trabalho foi financiado pelo PEA-Redes de Cidadania que integra o Programa de Educação Ambiental regulado pela Nota Técnica CGPEG/DILIC/IBAMA 01 de 2010, sendo caracterizado como medida de mitigação exigida pelo processo de licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama e formalizado, por meio do convênio 5400.0107359.18.04, firmado entre a Universidade Vila Velha UVV-ES e a Petrobras.

Só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito.

Norbert Elias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA ORAL E PESCA.....	12
1.1. O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DA PESCA ARTESANAL.....	12
1.2. OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS ATORES DA COMUNIDADE E PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ.....	24
2. A COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ.....	33
2.1. O TERRITÓRIO EM DISPUTA.....	34
2.2. AS PRÁTICAS.....	43
3. A HISTÓRIA CONTADA DA COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ	64
3.1 O INÍCIO DA COMUNIDADE PESQUEIRA	66
3.2 DESENVOLVIMENTO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	73
3.3. CONFIGURAÇÃO ATUAL DA COMUNIDADE	76
3.4 DINÂMICA E TRANSFORMAÇÕES: DESAFIOS DA COMUNIDADE	78
4. COMUNIDADE TRADICIONAL E QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS	84
4.1. CULTURA E MODO DE VIDA.....	84
4.2 PRESSÕES EXTERNAS NA COMUNIDADE DE PESCA ARTESANAL.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA – AOS PESCADORES E COMUNIDADE:	107

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Produtos da Taxidermia de Espécies Marítimas	27
Foto 2 - Empreendimento imobiliário – Praia de Itapuã	39
Foto 3 - Colônia Z2 e Empreendimento imobiliário – Praia de Itapuã.....	40
Foto 4 - Embarcações atracadas na praia da comunidade de Itapuã ⁷	44
Foto 5 - Condições de trabalho artesanal da comunidade de Itapuã.....	45
Foto 6 - Beneficiamento do Sururu.	47
Foto 7 - Puxada de Rede – Praia de Itapuã.	48
Foto 8 - Manutenção Redes – Praia de Itapuã.	49

LISTA DE SIGLAS

GAC – Grupo de Ação Cidadão

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

PEA – Projeto de Educação Ambiental

RDC – Redes de Cidadania

RESUMO

ALVES, Alike da Silva, M.Sc. Universidade Vila Velha – ES, março de 2021. **A Comunidade de Pescadores e Marisqueiras de Itapuã – Vila Velha – ES: Configurações e Sujeitos.** Orientador: Prof. Doutor Augusto Cesar Salomão Mazine

O estudo desta dissertação acontece a partir de investigações sobre as relações sociais e a cultura local considerando as configurações de modo de vida da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã, Vila Velha/ES, discutindo as disputas pelo território pesqueiro. Por intermédio desta pesquisa, buscamos entender os saberes utilizados de forma potente como resistência na comunidade além de visibilizar as temáticas que priorizem populações tradicionais como aliados à preservação do meio ambiente. A metodologia focou em abordagens da História oral e memória e percorreu autores como Le Ven, Faria e Motta (1996) e Orlandi (1996) para contextualização de suas narrativas. Após abordagem de campo, com observação participante por meio de reuniões com grupos da comunidade e leituras de alguns autores, abordamos conceitos que dialogam com as necessidades e a dinâmica da comunidade tradicional de pesca artesanal. Por fim, adotou como referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa que se estabeleceu nos conceitos de Configurações (ELIAS;2000), Saber Ambiental (LEFF;2015).

Palavras-Chave: Pesca Artesanal. Modos de Vida. Saberes Tradicionais. Ecologia Política. História Oral.

ABSTRACT

ALVES, Alike da Silva. M.Sc. University of Vila Velha – ES, march of 2021. **The Fishermen and Shelfish Community of Itapuã- Vila Velha- ES: Configurations and Subjects.** Advisor: Augusto Cesar Salomão Mazine

The study of this dissertation revolves around social relations and the local culture through the configurations in the way of life of the fishermen and shellfish gatherers in Itapuã, Vila Velha-ES, discussing the disputes over the fishing territory. Through this research we seek to understand knowledge in an increasingly powerful and meaningful way as a form of resistance in the community and to make visible the themes that prioritize traditional populations as allies to preserve the environment. The methodology focused on approaches to oral history and memory and covers authors such as Le Vem, Faria and Motta (1996) and Orlandi (1996) to contextualize their narratives. After a field approach, with participant observation through meetings with community groups and readings with some authors, we approach concepts that dialogue with the demands and dynamics of the traditional artisanal fishing community. Finally, it adopted as a theoretical reference for the development of this research that is established in the concepts of settings (ELIAS; 2000), Environmental Knowledge (LEFF;2015).

Key Words: Artisanal fishing. Lifestyle. Traditional Knowledge. Political Ecology. Oral History.

INTRODUÇÃO

O estudo desta dissertação acontece em torno das relações sociais e a cultura local por meio das configurações no modo de vida da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã, Vila Velha/ES, discutindo as disputas cada vez mais acentuadas na região pelo território pesqueiro.

O problema desta pesquisa busca compreender de que maneira a história da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã, em Vila Velha/ES, contada por seus membros, expressa a configuração de suas atividades tradicionais e a sua relação com o meio ambiente. Ao realizarmos este estudo, buscamos entender sobre os saberes potentes e significativos usados como forma de resistência na comunidade. Foi possível, também, visibilizar as temáticas que priorizam populações tradicionais como aliadas à preservação do meio ambiente.

Após pesquisa de campo, com observação participante por meio de reuniões com grupos da comunidade e leituras com alguns autores, abordamos conceitos que dialogam com as demandas e a dinâmica da comunidade tradicional de pesca artesanal e, assim, buscamos o referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa que se estabelece nos conceitos de Configurações (ELIAS, 2000), Saber Ambiental (LEFF, 2015). Porém, as metodologias em História oral e memória percorrem com os autores Le Ven, Faria e Motta (1996) e Orlandi (1996) para contextualização de suas narrativas.

Para melhor entendimento deste estudo, apresentaremos algumas possibilidades de inserção no campo de pesquisa, por meio dos relatos coletados em reuniões de GAC (Grupo de Ação Cidadã). As abordagens em campo possibilitam aos pesquisadores do Projeto Redes de Cidadania, em específico na área de conhecimento em tela neste estudo, idas à comunidade em busca de contato expressivo, significativo e direto com os sujeitos da pesquisa. Nesse contato próximo ocorre a coleta de dados e se busca validar o diagnóstico. Sendo assim, a partir de relatos, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, abordagens em campo, participações em

reuniões do GAC (Grupo de Ação Cidadã²) realizadas pelo Projeto Redes de Cidadania (2019/2020) e também por registros de imagens da comunidade, usando o recurso da fotografia, colocamos em ação a metodologia utilizada. Importante registrar que se promoveram discussões sobre as análises e se problematizaram as questões apresentadas nesta pesquisa conforme o caminho metodológico seguido.

O litoral Capixaba possui uma extensão de 40km de faixa litorânea. Nesta faixa de litoral, encontra-se a comunidade de pescadores artesanais de Itapuã, bairro localizado em Vila Velha, Espírito Santo (PROATER, 2011). A Comunidade chama atenção por seu território pesqueiro estar bem localizado e ser privilegiado por belezas naturais. Isso promove disputas de grandes empreendimentos e de órgãos institucionais já que consideram que no local deveria haver prioridade para as chamadas demandas civilizatórias e urbanísticas, mesmo contrariando o modo de vida tradicional da comunidade pesqueira. O território pesqueiro começou a demonstrar vestígios de comunidade na região há, pelo menos, cinco gerações. Tempo em que seus saberes foram passados de forma oral e prática por seus ancestrais.

Diante desse contexto, o conhecimento tradicional adquirido por essa comunidade se mostra relevante para a sustentabilidade do meio ambiente, visto que suas práticas na atividade pesqueira artesanal promovem uma racionalidade ambiental que estimula a consciência. Esse tipo de atitude é de grande relevância no mundo contemporâneo em que a natureza se mostra cada vez mais explorada (LEFF, 2002). Os povos tradicionais buscam, em seu modo de vida, práticas que colaboram para a preservação do meio natural já que têm constante contato com a natureza.

O saber ambiental se inscreve num processo de construção de uma nova racionalidade produtiva e de novos processos civilizatórios. Neste sentido, o saber ambiental surge como um processo de revalorização das identidades culturais, das práticas tradicionais e dos processos produtivos das populações urbanas, camponesas e indígenas; oferece novas perspectivas para a reapropriação subjetiva da realidade; abre um diálogo entre o conhecimento e saber no encontro do tradicional com o moderno. (LEFF, 2015, p. 232).

² O Grupo de Ação Cidadã (GAC) e o apoio do Agente de Cidadania na sua Comunidade. O GAC é formado por membros da Comunidade: lideranças, jovens, mulheres e marisqueiras. Este grupo participa das definições das ações do projeto, das datas dos cursos e das demandas da Comunidade.

Seguindo o pensamento de Leff (2015), observa-se que se constrói uma racionalidade sustentável para o meio ambiente visto que sua principal fonte de subsistência é a pesca dentro da comunidade e seus conhecimentos tradicionais contribuem para validar os saberes. É importante observar que se considera possível conversar com as ações científicas. Existe um conhecimento tradicional construído no contato com o meio ambiente. Este saber é marcado por constantes transformações as quais se tornam meios que colaboram para a racionalidade ambiental. Para Diegues (2001) “Para efeito deste trabalho, conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”. (2001, pp:30)

Neste sentido, nosso estudo busca contribuir de forma reflexiva e democrática para se entender tamanha complexibilidade do envolvimento na preservação do meio ambiente para nossa sociedade. Citamos a importância e os cuidados que essa comunidade promove a fim de manter-se viva fazendo uso de práticas pesqueiras sustentáveis em seu estilo de vida. Assim, reforça o saber ambiental de forma potente. Sendo assim, algo que chama atenção quanto ao enquadramento e delimitação para esta pesquisa se aplica na metodologia da história oral e memória. Estes são pontos relevantes e significativos para nossa análise já que se realizaram via narrativas dos sujeitos representativos da comunidade *lôcus* de pesquisa. As narrativas foram colhidas por meio de entrevistas semiestruturadas e têm como objetivo melhor compreensão do modo de vida e como essa comunidade tem se consolidado há anos na região.

Pretendemos coletar, por meio das narrativas desses sujeitos, memórias relevantes para a comunidade na atualidade. Essas memórias incluem o saber/fazer dos pescadores e marisqueiras e analisam sua relação com o meio ambiente e território pesqueiro da região. Há também a finalidade de se divulgar uma visão que esclareça a importância da pesca, visto que, além de ser uma prática de subsistência na comunidade, é também sua principal fonte de renda. Essas pessoas vivem da pesca e a pesca é cultura da sociedade capixaba.

Torna-se relevante visibilizar como ocorre a configuração em ser pescador e marisqueira artesanais na comunidade pesqueira inserida no contexto totalmente urbanizado e disputado. Apesar do assédio, a prática da pesca artesanal movimenta esses sujeitos e faz com que permaneçam na comunidade. Diante disto, buscamos analisar quais são os fatores que interferem nas práticas sociais desses indivíduos para compreender o porquê de alguns desses sujeitos preferirem deixar a comunidade e não darem continuidade à tradição da pesca artesanal. Analisar esses fatores nos dará respostas para algumas questões buscadas neste estudo. Sendo uma delas: O que motiva esses indivíduos a preferir deixar sua comunidade na qual passou boa parte de sua vida? Desta forma, a história oral pretende proporcionar narrativas a serem contadas por meio dos próprios sujeitos a fim de que protagonizem sua história neste local. Por fim, buscamos observar quais demandas atravessam esses sujeitos na abordagem entre os fatores socioambientais no que diz respeito ao território de pesca marcado por disputas tão recorrentes na comunidade.

Nesse sentido, o presente estudo foi realizado na comunidade pesqueira de Itapuã, localizada na cidade de Vila Velha, Espírito Santo. Serão realizadas 09 entrevistas semiestruturadas com membros representativos da comunidade. Imersões em campo com o projeto, nas reuniões do GAC, além do contato direto e expressivo com a comunidade foram fatores determinantes para o enquadramento desses 09 sujeitos para a coleta das narrativas através das entrevistas. As entrevistas foram realizadas por meio de gravações em aparelhos celulares e transcritas com base em um roteiro com 10 questões semiestruturadas cujo teor pode ser verificado no apêndice I. Foram analisadas com base na técnica de análise de discurso, nos moldes enfatizados por Orlandi (1998; 1999; 2006) e em conversas informais nas idas e vindas na comunidade entre (2019/2020/2021) períodos estes atravessados pela pandemia global Covid-19.

Por meio da pesquisa de campo, em abordagens metodológicas compreendidas pela história oral e a memória dos sujeitos representativos e os métodos aplicados, buscamos analisar as relações desses indivíduos e as disputas decorrentes de Instituições Políticas e Privadas pelo território pesqueiro privilegiado. Como esses fatores atravessam esses sujeitos e suas configurações na identidade do pescador e

marisqueiras e seus membros da comunidade tradicional por meio de suas práticas sociais com o coletivo na atividade pesqueira artesanal bem como as tradições culturais a prática da pesca artesanal e o beneficiamento do sururu? Neste contexto, buscamos analisar o objeto deste estudo pautados na história oral e memória desses sujeitos representativos na intenção de compreensão das configurações de seu modo de vida tradicional no saber/fazer de pescadores e marisqueiras e suas relações com o meio natural e o território marcado por disputas.

As relações entre os indivíduos pescadores artesanais, a comunidade tradicional, o território pesqueiro são pontos que nos chamam atenção no desencadeamento do ambiente coletivo marcado pelo contato constante com o meio ambiente. Então, o coletivo, o indivíduo e a sociedade são pontos significativos na história oral desses sujeitos. A intenção é promover e visibilizar as interações desses sujeitos com o meio ambiente marcado por disputas no território pesqueiro.

O referencial teórico deste estudo parte do autor Norbert Elias (1897). Baseamo-nos nas discussões em que ele aborda o conceito de configurações entre indivíduos e sociedade promovendo as discussões que norteiam as relações sociais, os modos e os comportamento dos indivíduos ao estarem inseridos no coletivo em determinadas sociedades. (ELIAS; SCOTSON, 2000). Seguindo regras e normas de uma determinada cultura, os povos se configuram, ou seja, se transformam conforme as sociedades nas quais estejam imersos. A partir deste conceito, pretendemos analisar e compreender como essas configurações ocorrem na comunidade tradicional pesqueira de Itapuã na qual o manejo do meio ambiente se torna constante.

Os indivíduos em sociedades estão em constantes transformações e isso ocorre ao longo de nossa vida. As configurações sociais são baseadas nas imagens sociais construídas nas relações sociais de acordo com as prioridades e as demandas em favor de determinados grupos sociais (ELIAS; SCOTSON, 2000). Assim, os pescadores e marisqueiras e demais membros da comunidade de pesca constroem, no seu dia a dia com o meio natural, práticas sociais que, muitas vezes, priorizam o ecossistema e o meio natural. Os pescadores e marisqueiras se configuram a partir das necessidades de práticas sustentáveis devido ao constante contato com os recursos

naturais. Assim, muitas vezes, essas populações mostram, em suas práticas, ações renováveis no que diz respeito à exploração do meio ambiente.

O autor aborda com mais profundidade esse conceito em seu livro “Sociedade da Corte” (1969). Um ponto chave da obra retrata a educação como sendo uma ponte relevante na construção do ser social. A discussão trazida pelo autor sobre a “corte Francesa” pontua que os comportamentos infantis apresentavam regulações em aspectos de autocontrole e disciplina daquela determinada cultura francesa na época.

Vale ressaltar que este conceito de configurações em Norbert Elias (1897) nos ajuda a compreender como os indivíduos, no caso os pescadores, se relacionam em sociedade, de forma específica, na comunidade ou em seu grupo por meio da atividade pesqueira.

Conforme os moldes normativos estabelecidos pelas demandas civilizatórias, os sujeitos da comunidade tradicional se estruturam baseados de acordo com as prioridades que o meio natural lhes oferece (ELIAS; SCOTSON, 2000). Dentre esses fatores e demandas, observamos o modo de vida tradicional da comunidade pesqueira no manuseio do meio ambiente. Percebe-se que buscam respeitar o ciclo natural das espécies marinhas. A partir desta perspectiva, buscamos visibilizar as ações e práticas da comunidade pesqueira de Itapuã.

A comunidade pesqueira permite aos indivíduos pescadores e marisqueiras um modo próprio de se configurar, de se fazer existir no coletivo e no contato constante com o meio ambiente. É possível assinalar que esse modo de vida tradicional não é valorizado pela sociedade contemporânea. Muitos priorizam o modo contrário, de exploração, desconsiderando o ciclo natural renovável dos ecossistemas e dos pesqueiros ao meio natural.

Pertencer a um grupo, a uma comunidade ou a uma determinada categoria é um direito universal e incontestável que cada indivíduo deve exercer em uma sociedade. Os indivíduos, na sociedade, constroem suas relações uns com os outros e, assim, as diferenças vêm à tona. Tais diferenças devem aparecer e serem pontuadas como fatores

positivos na construção das relações entre os indivíduos. Segundo Norbert Elias: “A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas” (1994, p.13). Ao pertencer e compor uma determinada sociedade, ocorre a caracterização dos sujeitos identificando-os e/ou fazendo com que eles pertençam a uma cultura. Isso se configura através de simbolismos os quais demonstram que o indivíduo faz parte de um povo ou de um grupo, de uma determinada comunidade e/ou de uma cultura. Ou seja, os modos e formas pelos quais os indivíduos se mostram em suas relações sociais permitem identificação e demonstram o pertencimento desses sujeitos diante da sociedade. Neste contexto, buscamos analisar as configurações na comunidade de pesca artesanal no território estudado.

A sociedade é composta por indivíduos em constantes aprendizados e saberes construídos nas relações uns com os outros, são essas transformações que ocorrem nas relações dos sujeitos em sociedades e que buscamos compreender como o conceito que Norbert Elias traz para as configurações.

As diferenças entre os sujeitos, e conforme as relações, vão sendo estabelecidas, trilhadas e transformadas na existência dos sujeitos uns com os outros. São estes fatores que contribuem para a diversidade de nossa sociedade. Nessa diversidade, os indivíduos, ao conviverem em grupos, se configuram para se moldar a determinadas situações e posições e, assim, se mostram pertencentes àquela cultura ou tradição.

A contextualização com o conceito de Norbert Elias (1897) sobre configuração nos aproxima para as possíveis análises e compreensões sobre as transformações e as regras normativas que são impostas no território pesqueiro de acordo com a dinâmica da comunidade tradicional e as demandas atravessadas pelas transformações socioambientais com as quais a comunidade de pescadores artesanais vem convivendo, com relevância, nos últimos anos quando têm ocorrido intervenções antrópicas no manejo com o meio ambiente.

Conforme podemos observar nos estudos de Norbert Elias (1897), quando buscamos alguns conceitos para identificar, dar sentido, traduzir ou rotular o termo

“sociedade”, é necessário refletir, de imediato, que estamos falando de diversos indivíduos, em grupos específicos nos quais são demarcadas e assinaladas algumas ações que identificamos como pertencentes a determinado grupo, comunidade ou sociedade. E, muitas vezes, alguns agrupamentos desconsideram os conhecimentos tradicionais e pouco consideram as práticas desses sujeitos ao percorrer sobre o conceito que Leff nos traz sobre o saber ambiental quanto às discussões sobre racionalidade ambiental. Segundo Leff, “O saber ambiental constitui novas identidades e interesses, onde surgem os atores sociais que mobilizam a construção de uma racionalidade ambiental.” (2015, p.235). A racionalidade ambiental se constitui a partir do conhecimento tradicional e por meio dos métodos empíricos adquiridos no cotidiano da comunidade.

As populações tradicionais, como os pescadores artesanais, são responsáveis por contribuir para diagnosticar e até mesmo domesticar certas espécies devido a seu contato constante com a natureza. Dessa forma, elas criam processos empíricos e constroem as maneiras mais apropriadas de lidar com certas espécies, possibilitando assim conhecimento sobre o domínio com a natureza. Compreendemos que, conforme comprovam estudos e pesquisas, esses conhecimentos tradicionais são permitidos via representações simbólicas existentes em cada cultura. Isso permite a compreensão e domínio de certos manejos com a natureza e suas espécies.

O que se propõe, para a criação de uma nova ciência da conservação, é uma síntese entre o conhecimento científico e o tradicional. Para tanto, é preciso antes de tudo reconhecer a existência, nas sociedades tradicionais, de outras formas, igualmente racionais de se perceber a biodiversidade, além daquelas oferecidas pela ciência moderna (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 35).

Buscamos, assim, entender como a configuração social da comunidade a partir das transformações e a dinâmicas em que esses sujeitos surgem e são inseridos quando se buscam saberes, na sociedade, com referência às demandas socioambientais, culturais, sociopolíticas já que esses temas, a todo momento, atravessam as relações desses sujeitos. Pretendemos observar como essas necessidades ocorrem quando se trata de uma comunidade tradicional de pescadores e marisqueiras inseridos num contexto totalmente urbanizado e modificado pelas investidas

de setores privados e públicos que muito alteram a dinâmica de um povo marcado por ações concretas de racionalidade ambiental já que muitos de seus anseios se mostram contraditórios àqueles da sociedade cada vez mais urbanizada, conforme se mostra o entorno do território pesqueiro de Itapuã. Há modificações reais na paisagem que são contrárias ao que se podia observar em tempos antigos quando a comunidade de pescadores foi pioneira na marcação do território da região.

Nesta dinâmica, vale ressaltar como os capítulos se organizam nesta pesquisa. O capítulo 1 busca mostrar a metodologia utilizada. Utilizamos a metodologia da história oral aplicada à comunidade tradicional pesqueira. Houve interação dos colaboradores e a pesquisadora por meio de entrevistas cujos pontos fundamentais aconteceram para compreender a dinâmica e o fluxo da comunidade pesqueira e as configurações desses sujeitos na sociedade moderna, promovendo assim a construção da história social. O fator determinante no uso desta metodologia ocorre devido ao fato de os entrevistados relatarem sua história de vida a qual, muitas vezes, traz as marcas do coletivo. Isso nos permite a compreensão das configurações que ocorrem no território pesqueiro.

O capítulo 2 oportuniza ao leitor a caracterização da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã a partir do território pesqueiro, buscando situar quanto à localização e ao território no sentido de pertencimento dos indivíduos na ocupação do espaço geográfico. Assim, será possível visualizar os sujeitos da comunidade e as práticas desenvolvidas na região, proporcionando um breve resumo sobre a dinâmica da comunidade pesqueira.

Já o Capítulo 3, por fim, contempla um breve relato sobre a história contada da comunidade por meio das narrativas de 09 sujeitos representativos que movimentam a sessão no que diz respeito ao início da comunidade, sua dinâmica e as transformações no território pesqueiro. Por fim, o último capítulo, o busca reflexões sobre a comunidade tradicional e suas questões socioambientais nas subdivisões entre a cultura local e o modo de vida da comunidade pesqueira e suas demandas externas no que diz respeito à atividade de pesca artesanal na região.

1. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA ORAL E PESCA

A metodologia em história oral se mostra bastante relevante na comunidade pesqueira diante da realidade em que os sujeitos estão inseridos, à margem da sociedade do entorno. Ressaltamos que as demandas externas, muitas vezes, atravessam esses sujeitos em seu modo de vida. Em consequência disso, promovem-se novas configurações na realidade desses sujeitos. Diante deste contexto, a história oral desses sujeitos se mostra satisfatória ao promover e visibilizar sujeitos marginalizados na sociedade moderna já que seu modo de vida é contrário à realidade da comunidade tradicional de pesca.

Assim, compreender a história de vida desses sujeitos por meio da oralidade é um método significativo na construção da história social da comunidade. Isso propõe promover e compreender a realidade de cada um em suas particularidades e analisar os sentidos e significados no modo como esses sujeitos são atravessados pela sociedade moderna. Nesse sentido, ainda promove a diversidade dos acontecimentos na história de vida desses sujeitos, o que visibiliza a comunidade em âmbitos locais e a cultura do estado. Ouvir a história de vida desses sujeitos representativos da comunidade colabora para evidenciar as marcas do coletivo no processo histórico da comunidade tradicional pesqueira de Itapuã.

1.1. O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DA PESCA ARTESANAL

A metodologia em história oral com a memória nos propõe compreensões nas relações entre o indivíduo e a sociedade. Este deve ser o interesse quando utilizamos tal método conforme os autores articulam entre Le Ven, Faria e Motta (1996) e Orlandi (1996). É compreender que a história desses sujeitos está sendo marcada na vida deles em seu contato com o ambiente no coletivo. Suas ações e as ações dos outros são atravessadas por comportamentos diferenciadas uns dos outros. É neste sentido que está pautada a proposta em compreender o comportamento uns dos outros. Muitas vezes esses sujeitos são limitados a certas ações e comportamentos justamente por terem sido moldados e educados dentro de certas culturas e padrões conforme as sociedades, onde

se formaram. Contextualizamos o conceito de Norbert Elias (1897) para compreender as transformações que os pescadores e marisqueiras presenciam na comunidade de pesca artesanal em território de disputas.

As configurações no ambiente marcado pelo manejo constante do meio natural tanto em modos sustentáveis como entre ações consumistas das sociedades contemporâneas. Como estas configurações são atravessadas nas relações sociais desses sujeitos? É neste jogo de relações de poderes que buscamos analisar, no território pesqueiro marcado por disputas, modos de comportamentos totalmente contrários entre comunidade tradicional e sociedade urbanizada e tecnologicamente complexa. Sendo assim, de acordo com os autores Le Ven, Faria e Motta: “Em análises de história de vida, pode se perceber as nuances da sociedade ou de um grupo específico de pessoas, pois o indivíduo, inserido num contexto, reflete as características deste”. (LE VEN; FARIA. MOTTA, 1996; p. 60).

Esses sujeitos são composições com o meio coletivo e com o meio ambiente. Ocorrem trocas nessas relações significativas em sociedade, no grupo ou até mesmo na comunidade na qual estes sujeitos estão inseridos. São essas narrativas que nos interessam quando utilizamos este método. Ocorre constante interação entre entrevistado e entrevistador, uma troca válida e potente entre eles, conforme pontuam os autores Le Ven, Faria e Motta (1996), no momento das entrevistas.

A coleta dos dados para esta pesquisa ocorreu por meio de técnicas como: entrevista, recurso de imagens por meio da fotografia e observação participante. A entrevista, dentre suas diversas definições, é uma prática social que ocorre entre o informante e o sujeito da pesquisa. Sendo o pesquisador-entrevistador uma ferramenta potente na troca de diálogos que agregam e enriquecem a composição da pesquisa, conforme conceituam os autores, contribuindo para história local.

Houve sistematização de ações. Usamos um roteiro com 10 questões, conforme **Apêndice I**, para a entrevista, **com o qual** buscamos direcionar as informações obtidas para pontos fundamentais. As ações ocorreram de maneira objetiva e subjetiva. Fato que deve ser levado em conta pelo entrevistador em suas análises.

Um outro ponto de atenção diz respeito à captura das informações a fim de que elas estejam em acordo com a realidade ou com o convívio real dos sujeitos envolvidos. Ou seja, não deve haver contaminação por fatores externos ou internos na hora da coleta dos dados. São marcações que Le Ven, Faria e Motta (1996) chamam atenção nesta metodologia.

O pesquisador ao analisar as informações obtidas, por meio de entrevista ao pesquisador, deve estar atento porque esses dados são referentes ao que foi vivido pelos sujeitos no passado já que poucos relatam acontecimentos do presente e esses conceitos se misturam ao serem relatados durante a entrevista. A entrevista é regada por memórias afetivas e esses indivíduos, muitas vezes, estão mergulhados em fortes emoções e sentimentos, envolvidos com as mais diversas lembranças que vêm à memória no ato da entrevista. Deve o entrevistador ter sensibilidade ao lidar com o momento da entrevista, ter atenção e escuta atenta.

Sendo assim, o entrevistador/pesquisador deve estar atento para não tornar o momento da entrevista em situação formal, limitada e desconfortável para o informante. Assim a entrevista deve ser analisada de forma atenta e minuciosa para que seja possível realizar as análises de forma que não interfiram em seu resultado final. As considerações devem ser realizadas a partir de significados e sentidos trazidos pelos informantes e não pelo entrevistador. Isso pode gerar dados controversos e que não condizem com a realidade vivida e experimentada pelos sujeitos representativos da comunidade.

Conforme retratam Le Ven, Faria e Motta: “A intenção seria a de analisar um discurso individual tendo em vista a sua inserção social” (1996, p. 64). Fator importante é o discurso dos indivíduos que contribuem para a construção das narrativas em modos coletivos de uma sociedade ou de um grupo. Torna-se relevante visibilizar as narrativas que contribuem para a construção da história social da comunidade na região.

O Método baseado na história oral procura fundamentar as ações e as relações dos indivíduos e dos grupos sociais por meio dos relatos que dão prioridade às vivências e experiências do indivíduo por meio de sua história de vida, devendo assim o

pesquisador ter o cuidado de não alterar os sentidos e significados que o próprio indivíduo deu a suas experiências.

Partindo do reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de trabalhar pela construção de projetos alternativos e do uso de novas metodologias de análise, acreditamos que produzir História, nas ciências da linguagem - e, particularmente, na Análise de Discurso-nos permitirá contribuir para a sua democratização, pois estaremos reconhecendo uma multiplicidade de sujeitos e agentes, de formas e maneiras de interpretar além do já dito. (DOMINGUES; CARROZZA, 2013, p.142-143)

A metodologia em História Oral nos permite validar processos que facilitam o entendimento e análises de certas questões nas relações sociais dos sujeitos nos coletivos. Segundo Silva e Barros: “É o retrato de uma pessoa cuja trajetória é registrada e analisada num esforço para deslindar interações entre percursos individuais e processos coletivos” (2010, p.71)

A relação entre o indivíduo pescador artesanal, a comunidade tradicional e o território pesqueiro **chama a atenção** no desencadeamento das relações sociais desses sujeitos no constante contato com o meio ambiente. Marcados nas construções sociais coletivas, por meio das entrevistas, buscamos compreender e analisar os desfechos nestas relações. Sendo o indivíduo e o coletivo pontos relevantes nas análises de história oral de sujeitos representativos na comunidade e em seu convívio em sociedade.

A história oral proporciona, assim, aos atores sociais, como no caso deste estudo, os sujeitos da pesquisa – pescadores e marisqueiras – um protagonismo entre sua comunidade ou grupo perante a sociedade. Diante dos conceitos de história oral e memória, buscamos problematizar, ao realizar esta pesquisa, já que percebemos em estudos acadêmicos e pesquisas que utilizam esta metodologia, ferramentas aliadas em que os sujeitos retratam as vivências e experiências narradas pelos próprios indivíduos em determinados grupos ou comunidade já que suas narrativas contam suas histórias de vida da forma como eles mesmos vivenciaram. A partir desses relatos, surgem a análise e as interpretações do pesquisador sobre como o pesquisado interpretou. Assim, o trabalho do pesquisador é analítico e se torna bastante relevante na construção da transformação social desses sujeitos. Segundo os autores, a abordagem para este conceito identifica como:

O trabalho do pesquisador não só é um trabalho analítico, de cunho científico, mas um trabalho social. Na tentativa de compreensão- a partir das histórias de vida – de um grupo ou de uma comunidade, o pesquisador ajuda o grupo a se compreender enquanto agente de transformação social. (LE VEN; FARIA e MOTTA 1996, p. 64)

Através da história oral membros representativos na comunidade pesqueira de Itapuã entre pescadores, marisqueiras, ex-membros da comunidade, buscamos compreender os saberes existentes nas relações sociais dos sujeitos que atuam na atividade pesqueira artesanal bem como suas experiências no convívio da comunidade. Então, a história oral por meio da oralidade desses sujeitos tem a função de proporcionar a esses indivíduos a oportunidade de demonstrar à sociedade como são potentes os conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em geração nas relações com o meio ambiente. Sendo assim, contribuem de forma positiva para a construção da identidade, pertencimento e território das populações tradicionais e dão visibilidade para esses sujeitos que vivem da pesca artesanal ou no ambiente pesqueiro.

Com o método da história oral sendo relatada pelos pescadores e marisqueiras de Itapuã, há um início de se construir de uma história em que ocorrem trocas de interação entre os sujeitos entrevistados e o entrevistador no instante da entrevista. De acordo com os autores:

Este ‘fazer história’ pode ser compreendido como interação, termo muito feliz para se pensar nas entrevistas de história de vida; trata-se, efetivamente, de uma interação, ou seja, uma ação entre os cúmplices envolvidos no processo da entrevista. Há uma interessante troca de ‘saberes’, possível quando da utilização da história oral, pois tratamos de informações que estão vivas. (LE VEN; FARIA; MOTTA 1996, p. 63)

A história oral desses sujeitos nos permitirá compreender, via processos significativos e representativos para esta comunidade, como essas relações são potentes. É possível observar os grandes empreendimentos que surgem aliados a instituições públicas para modificar e alterar os modos de vida de uma comunidade tradicional, num momento em que o contexto das suas relações e ações se mostram totalmente contrários ao modo urbanizado e tecnológico priorizando assim a “capitalização da natureza” conforme utiliza o termo de Leff (2015) para esta discussão e como o meio natural está cada dia mais comercializado nas sociedades contemporâneas.

A história oral proporciona a esses membros da comunidade um lugar de fala potente, significativo e democrático não só na comunidade, como também visualizações em proporções maiores sobre a sociedade, evidenciando a atividade pesqueira como produtiva para nossa sociedade. Não só para sua comercialização e contribuições conforme a cadeia alimentar das populações, mas também de forma benéfica para a cultura do povo brasileiro já que a pesca vem sendo praticada há tantos anos, épocas antigas em que a população ainda se desenvolvia em termos civilizatórios.

Logo, este método vem, neste estudo, compor e reforçar a modalidade da atividade pesqueira artesanal como uma realidade positiva à historicidade e, culturalmente, pretende fortalecer populações tradicionais em nossa sociedade. Segundo Le Ven, Faria e Motta:

Em resumo, podemos concluir que a experiência recente da história oral de vida nos fez redescobrir o sentido próprio da entrevista não como uma fonte para um produto posterior e final da pesquisa, mas como momento fundante onde não só recolhe-se a história, mas onde se vive a memória e se cria um acontecimento que também faz história (1996, p. 65).

Observa-se então, que podem ocorrer certos esquecimentos ou falhas na memória. Talvez, alguns fatos históricos do passado que tenham sido relevantes para a sociedade sejam esquecidos e seja o momento oportuno para relembrar.

Entretanto, conforme as discussões de Domingues e Carrozza (2013) sobre a história oral por meio das memórias e lembranças que os sujeitos tenham presenciado, a história oral permite contribuições para processos mais democráticos e lutas dos menos desiguais na comunidade, isto é, haverá contribuição para fortalecimento do grupo. Este método pode ser a única oportunidade que o sujeito tem para relatar ou relembrar algo que marcou sua história de vida ou da comunidade ou grupo. Baseados no conceito de rememorar e lembrar podem ser resgatados saberes, fazeres e histórias. Não de forma completa como ocorreu no passado, já que sempre há alguns esquecimentos. Os autores nos ensinam:

E o instante de rememorar implica e o imaginar, pois serão representadas-trazidas para o presente de novo - tais como ocorreram no passado. Além disso, por mais que se possa resgatar do passado, há sempre lacunas de lembrança: a memória do esquecimento. (LE VEN, FARIA; MOTTA, 1996, p. 59)

A história oral permite retornar à memória algo que talvez tenha ficado no esquecimento ou no passado, mas que, no momento da reflexão, é possível ressignificar e contribuir para trazer lembranças no momento da entrevista, podendo ser algo de relevância que precise ser visualizado por outros indivíduos e não somente por quem viveu a situação ou o acontecimento na época. Talvez seja significativo para a comunidade.

Buscamos uma relação dialogada entre colaborador e informante para construção de dados de forma significativa para análise dos dados da pesquisa. De acordo com Silva:

Nesta visão, a pessoa que narra a sua trajetória é um interlocutor com quem se estabelece uma relação de cooperação, criando, desta maneira, a possibilidade de uma relação dialogada. Busca-se construir uma relação de colaboração e, por isso, adota-se o termo colaborador (a) em substituição a entrevistado ou informante, o qual deixa de ser considerado um objeto de conhecimento para conduzir conjuntamente com o (a) pesquisador (a) o registro de sua história. O procedimento fundamental da construção dos dados na história oral de vida é a entrevista, uma das etapas essenciais de projetos baseados neste método (2010, p. 71).

A história oral permite análise e avaliações de certos acontecimentos em determinados grupos tanto em aspectos positivos como negativos.

Esses relatos trazem à tona memórias em diversas formas. Podem ser construtivas, mas nem sempre são produzidas de forma significativas. Podem trazer recordações não benéficas aos sujeitos, mas que podem ser relevantes para a história e cultura de um coletivo. Segundo Le Ven, Faria e Motta: “Em análises de histórias de vida, pode se perceber as nuances da sociedade ou de um grupo específico de pessoas, pois o indivíduo, inserido num contexto, reflete as características deste” (1996, p. 60).

Conforme o autor descreve, há acontecimento em que os indivíduos vivenciam a oportunidade de composição com o grupo, o que talvez em sua individualidade não seja aflorado conforme no coletivo. De acordo com Le Vem, Faria e Motta: “E é a priori, exatamente este o nosso interesse: a relação entre o individual e o coletivo. (1996, p. 60).

Maria Isaura Pereira de Queiroz aborda o sujeito (indivíduo) e o coletivo nos dizendo que é possível observar que o individual e o coletivo entre os indivíduos são

entrelaçados até mesmo quando estamos fazendo as narrativas de nossa história de vida e nos debruçamos nas relações sociais no universo coletivo mesmo que sem perceber. Relacionamo-nos direta ou indiretamente nas interações com o outro sujeito, sendo esta relação traçada nas vivências com o coletivo.

A memória possui uma grande variedade de definições: faculdade de lembrar, de reter impressões e ideias, lembrança, recordação, reminiscência. Costuma também ser dividida em individual e coletiva, apesar das duas formas se relacionarem de modo contínuo e intenso. Para Meihy (2005), a primeira é de caráter pessoal e psicológico, pois se relaciona a experiências particulares e possui um aporte orgânico (cérebro) e cognitivo (mente); já a memória coletiva é de ordem fundamentalmente cultural e transcendente, uma vez que compreende elementos externos que marcam a identidade de um grupo específico. (SILVA, 2010, p. 70)

O coletivo e o individual dos sujeitos estão de certa forma direta ou indiretamente relacionados por meio das relações que construímos em sociedade, porém nem sempre essas relações se mostram de forma positiva para um desses sujeitos, tanto no coletivo como no individual.

Pode ocorrer que nem sempre os sujeitos estarão dispostos a relembrar certas memórias de acontecimentos. Tais lembranças podem trazer algum desconforto a eles. Assim, o sujeito acaba silenciando ou expressando de alguma forma sentimentos negativos, mas que essas interpretações do pesquisador podem ajudar a validar certos acontecimentos e conhecimentos do grupo. Segundo Domingues e Carroza: “A memória [...] é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentidos” (2013, p. 151).

O entrevistador deve minimizar os sentimentos e emoções ainda mais negativos aos indivíduos. De acordo com Silva e Barros: “Neste tipo de pesquisa também devam ser considerados os silêncios, os esquecimentos, as reiteraões, as linguagens não verbais e o cotejamento com fontes escritas e imagéticas” (2010, p. 71). Devem ser considerados todos os tipos de linguagens que foram demonstradas pelos colaboradores – entrevistados – ou percebidas pelo pesquisador nesta metodologia de pesquisa, na compilação dos dados.

Silva e Barros (2010) argumentam que a história oral permite ao colaborador um ato libertador através da fala do indivíduo em narrar os acontecimentos de sua história. Ao mesmo tempo dá oportunidade aos pesquisadores em trabalhar uma escuta atenta aos sujeitos de pesquisa o que causa uma parceria entre os indivíduos envolvidos na pesquisa. Conforme os autores Santos e Santos define:

O método história de vida oportuniza aos pesquisadores aprender a ouvir o sujeito que vivenciou a situação que se quer estudar, o que implica em tê-lo no estudo como um parceiro, como alguém que é ativo no estudo e reflete sobre sua própria vida (2008, p. 715).

As relações entre pesquisador e o sujeito da pesquisa deve ser de cumplicidade em que ambos possam se sentir confortáveis para compor um com o outro e principalmente o pesquisador ouvinte deve lidar sempre com a sensibilidade da escuta atenta em todos os momentos em que houver a entrevista, sendo que o sujeito entrevistado passa por diversas emoções no momento dos relatos.

O pesquisador deve ter a percepção de que seu estudo colabora e promove cunho social na sociedade, de grande relevância para ambos nessa troca de experiência em que a história de vida dele colabora no contexto social.

O método em história oral proporciona entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa uma interação. Às vezes, isso dificulta a validação do método em âmbitos científicos. Observamos um fator positivo construído na relação entre eles. O fato que permite aos indivíduos pesquisados relatar, por meio de suas narrativas, contar do seu jeito. Ou seja, permite ao pesquisador análises sobre suas interpretações e significados contribuindo assim para o processo e o objetivo da pesquisa de forma mais democrática possível, possibilitando, ainda desta interação, uma troca entre os saberes. De acordo com Le Vem, Faria e Motta: “Há uma interessante troca de “saberes”, possível quando da utilização da história oral, pois tratamos de informações que estão vivas” (1996, p;63).

O saber tradicional que envolve a atividade pesqueira tem fatores significativos que surgem por meio da oralidade, ou seja, da fala destes sujeitos. É através da fala que ocorrem trocas de experiências em modos que a oralidade é fator aliado na construção do saber desses indivíduos. Desta maneira, a memória torna-se elemento potente na

construção do saber nas relações entre os pescadores e o contato direto com o meio natural em seu dia a dia.

Observamos que, geralmente, esses sujeitos, em boa parte, não se apropriaram da linguagem escrita sendo a oralidade seu meio principal de comunicação. Buscamos, então, promover visibilidade e fortalecer os conhecimentos construídos ao longo de sua trajetória de vida nas relações com a atividade pesqueira.

Através dos conceitos história oral/oralidade, memória/saber, buscamos compreender e analisar como a oralidade se mostra elemento fundamental nas relações sociais desses indivíduos e de que forma contribui para promover o saber tradicional por meio das lembranças entre passado e presente desses indivíduos.

A memória e a oralidade se tornam pontos fundamentais nas discussões e reflexões referente ao desenvolvimento dos conhecimentos tradicionais e contribuem para a construção da conscientização nas relações sociais com os saberes.

Por meio dos saberes, buscamos compreender os sentidos e significados que essas populações dão à modalidade da pesca artesanal e a relação que se estabelece com o meio ambiente. Propomos, com isso, compor com autores como Leff (2015), grande estudioso na atualidade, que instiga discussões e reflexões sobre a maneira de exploração consumista e tecnológica que as sociedades utilizam ao fazer uso do meio ambiente. Suas críticas contribuem para reforçar e permanecer os métodos e modos de vida em que essas populações tradicionais utilizam o contato direto com o meio ambiente, mas buscando a preservação das espécies e conservação da vida no meio natural.

Nesse contexto, a metodologia história oral possibilita e contribui para processos mais democráticos entre a comunidade pesqueira e colabora para a troca entre os saberes que são construídos no dia a dia e na vida dos pescadores e marisqueiras na comunidade.

O saber científico do pesquisador traz, para a pesquisa no ramo acadêmico, a construção com dados empíricos por meio das idas em campo e os saberes desses

indivíduos das comunidades buscam validar as duas formas de conhecimentos como legítimos e recorrentes a processos menos desiguais das populações tradicionais.

Configura-se, nesse caso, o confronto de dois saberes: o tradicional e o científico-moderno. De um lado, está o saber acumulado das populações tradicionais sobre os ciclos naturais, a reprodução e migração da fauna, a influência da lua nas atividades de corte de madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais, as proibições do exercício de atividades em certas áreas ou períodos do ano, tendo em vista a conservação das espécies. De outro lado está o conhecimento científico, oriundo das ciências naturais que não apenas desconhece, mas despreza o conhecimento tradicionalmente acumulado. (DIEGUES, 1996, p. 71)

Adentrando o conceito e as discussões por meio da ecologia política, termo evidente a partir da década de 1980, em que discute os conflitos socioambientais bastante acentuados após a crise ambiental já que os recursos naturais estão cada vez mais explorados.

Visualizamos que os estudos contribuíram e deram origem a essa interdisciplinaridade dos conceitos visando nova reflexão sobre os modos de vida nada sustentáveis e econômicos do sistema capitalista e moderno nos últimos anos. Sendo assim, o saber tradicional que envolve a atividade pesqueira ficou cada dia mais à mercê da industrialização do setor.

Ao contrário do que Leff (2015) discute em seus estudos sobre a Ecologia Política, ano em que surge o conceito para esta discussão (1980), busca dar visibilidade aos saberes tradicionais como potentes e sólidos na busca por conhecimento de forma sustentável para que colabore na preservação do mundo natural.

Desta maneira, baseados nas teorias da Ecologia Política este estudo com a comunidade pesqueira de Itapuã busca promover visibilidade dos saberes tradicionais como potente e significativo na luta por práticas sustentáveis e democráticas e compreender por meio das configurações em Norbert Elias (1897) os simbolismos que ocorrem em suas relações com a comunidade e a sociedade através da atividade pesqueira artesanal.

Nos tempos atuais, algumas práticas acabam retiradas de nosso convívio e dizem que pouco contribuem para modos coletivos, mas podemos observar que tanto o

saber tradicional no âmbito individual quanto no coletivo em seus grupos ou comunidades contribuem de forma relevante para compor a sociedade. Segundo os autores: “No decorrer do século XX, muitas dessas práticas foram eliminadas do cotidiano das pessoas, então o saber fazer parece se retirar de suas performances individuais”. (DOMINGUES; CARROZA, 2013). Sendo assim, o pesquisador contribui, mesmo que de forma indireta, com suas pesquisas para problematizar estas ações. Porém muitas das vezes esses sujeitos não presenciaram o universo acadêmico, mas o saber foi construído nas relações sociais e no contato direto com o meio ambiente o que não deixa de ser validado como conhecimento tradicional, significativo para as comunidades e principalmente para o próprio indivíduo em sociedade.

Diante destas reflexões sobre a metodologia em história oral, observa-se que este método proporciona marcas no coletivo.

Nessa perspectiva, pretendemos compreender a dinâmica em que esse enquadramento por meio da metodologia da história oral possibilita validar os sentidos e significados em que esses sujeitos, atores sociais na comunidade oportunizando momentos de expressões sobre a atividade pesqueira na comunidade. De modo que os simbolismos sobre a atividade pesqueira proporcionam, em âmbitos individuais como também no coletivo, forma de se expressar mais democrática.

Com este processo, a pesquisa de campo busca validar os dados empíricos tanto para o sujeito pesquisado (colaborador/informante) como também para o pesquisador na compilação dos dados para análises e compreensões posteriores sobre o estudo proposto e desenvolvido na comunidade de pescadores artesanais em Itapuã e na validação dos dados em âmbito acadêmico com a defesa de Dissertação em Mestrado.

1.2. OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS ATORES DA COMUNIDADE E PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ

Os sujeitos da pesca artesanal em Itapuã se caracterizam, em sua maioria, por desenvolver a atividade pesqueira utilizando as tradições da pesca artesanal aprendida por seus ancestrais, passados de geração em geração; muitos deles são fabricantes de suas próprias embarcações e fazem a manutenção de suas próprias redes. Em grande parte, os pescadores são de meia idade e idosos, apresentando ter entre seus 40, 50 e 60 anos de idade. Pouco se veem jovens, filhos desses pescadores seguindo a tradição da pesca na comunidade. Muitos desses pescadores relatam utilizar a pesca artesanal como principal fonte de subsistência. Além da atividade ser realizada de forma profissional, realizam a prática da pesca artesanal por sentir prazer e gosto no constante contato com o mar.

Os pescadores relatam que, em algum momento de sua vida, pensarem em desistir da profissão, até mesmo pelos fatores relacionados às dificuldades apresentadas pelas ações antrópicas e a super-exploração da natureza que percorrem a comunidade na modalidade da pesca artesanal quando se trata de fiscalizações, burocracias e outras dificuldades que deveriam fortalecer o setor pesqueiro, mas, em sua maioria, permanecem à mercê de ações sociopolíticas e ambientais.

Para os fins desta pesquisa, a partir da observação de campo e da interação nas reuniões do Grupo de Ação Cidadã do PEA-Redes de Cidadania, foram selecionados alguns interlocutores privilegiados, com base na sua atuação proativa e interveniente nas reuniões. Para fins de preservação de sua identidade e intimidade, seus nomes foram substituídos por pseudônimos relativos à cadeia da pesca. Com isso, cabe a caracterização desses sujeitos: utilizando os critérios de inclusão: sujeitos representativos da comunidade tradicional pesqueira de Itapuã, 02 lideranças (1 feminina e 1 masculina), 01 pescador, 01 atravessador, 01 marisqueira, 02 jovens (um residente da comunidade, outro não), pessoas que passaram a infância na região pesqueira e boa parte da juventude. Isso promove um recorte sobre acontecimentos passados na comunidade por meio das memórias entre esses sujeitos, ao relatarem em suas narrativas, a experiência com a comunidade. Por fim, 02 *outsiders* (sujeitos estes que

não são nativos da comunidade mas que carregam anos de vivência no território pesqueiro, sendo eles o Sr. Espada (2019/2020) e Sr. ^a Arraia (27/08/1944* 23/11/2020+). Por meio desses instrumentos, chegamos ao enquadramento dos sujeitos representativos para esta pesquisa, sendo eles:

- 02 outsiders: (Sr. Espada e Sr. ^a Arraia) sujeitos não nativos da comunidade mas que estão ou estiveram no convívio com a comunidade e o ambiente pesqueiro por várias décadas. Isso promove diálogos potentes e significativos na construção da história da comunidade; Em destaque na comunidade pesqueira, estão os trabalhos artesanais em taxidermia³ realizado pelo Espada, sujeito ativo e participativo na comunidade há anos. Espada realiza, na comunidade, a taxidermia – conforme Imagem 3 – que consiste no empalhamento de algumas espécies marítimas, reforçando assim o saber tradicional que a comunidade proporciona a seus indivíduos. Já Sr. ^a Arraia, informante privilegiada que muito contribuiu em suas narrativas sobre a história da comunidade, veio a falecer quase uma semana após a entrevista. Destacava-se, na comunidade, por ser afetuosa e receptiva quanto às necessidades sociais da comunidade.
- 02 lideranças: 01 feminina e 01 masculina (Estrela e Mero). Estrela é marisqueira na comunidade. Ela se mostra com sua voz ativa e à frente das bandeiras levantadas em prol das mulheres como também da comunidade. Mero é pescador experiente há décadas na região; mulher de destaque na comunidade está por conta da Marisqueira Estrela de voz ativa e forte, que busca por melhorias para a categoria da pesca artesanal quando se trata de gênero feminino na atividade profissional. O pescador experiente Mero há anos se tornou referência na comunidade devido às demandas entre a pesca e a venda dos pescados na comunidade.
- 02 jovens nativos: Pescada moradora da comunidade há 22 anos. A jovem diz que a Festa de São Pedro é uma das tradições na comunidade; faz faculdade e pontua que com os estudos estará mais preparada para lutar pelas questões burocráticas em busca

³O Autor Carlos Taffarel em seu estudo identifica a taxidermia como sendo oriunda dos processos de mumificação egípcia é um dos recursos utilizados para conservação em museus didáticos e de pesquisa, animais mortos pela ação antrópica. A Taxidermia, termo grego que significa “dar forma à pele, é a arte/técnica de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. É a técnica de preservação da forma da pele, planos e tamanhos dos animais. (TAFFAREL,2012, p.09).

de qualidade de vida para a comunidade. Tivemos a oportunidade de diálogos construtivos quando conversamos com a jovem Pescada. Ela é uma informante de destaque e movimenta a comunidade para buscar reivindicações quando se trata de direitos e deveres a fim de promover qualidade de vida para toda a comunidade pesqueira. Já o jovem Badejo, 35 anos, há sete anos saiu da comunidade à qual chegou aos dois anos de idade e permaneceu até os 28 anos, entre idas e vindas, na comunidade de pesca. Relata ter adquirido boas experiências por conta da vivência com a prática da pesca, tradição entre seus familiares. Ambos contribuem com suas memórias sobre a infância e juventude na comunidade. Dizem que foi um aprendizado contribuir com a história social da comunidade. O jovem Badejo passou boa parte de sua vida na comunidade e relata sobre os ensinamentos que a pesca lhe proporcionou na formação de seu caráter e na construção de sua família. Ele diz ter aprendido, por meio da pesca, a dar valor aos rendimentos desde de criança no aprendizado constante que ele teve com a pesca artesanal com seus tios na comunidade.

- 01 pescador: Sururu é esposo de Estrela. Ele relata que, por meio da esposa, começou seu contato com a pesca na comunidade, em 2001, quando se casou; realizou o sonho de infância da esposa em adquirir sua primeira bateira; ele mesmo fabrica os barcos e faz a manutenção nas redes de uso da família; tivemos o privilégio de encontrar o pescador Sururu na beira da praia, realizando a manutenção de suas redes, esposo da Estrela e foi receptivo ao contribuir com este estudo, por meio de suas narrativas e entrevista.
- 01 pescador e atravessador: Cação relata ter sido criado na comunidade pesqueira e que aprendeu a pescar com seus irmãos mais velhos; hoje em dia, além da pesca, faz travessias para as ilhas. Cação, sujeito ativo, há anos na comunidade, faz da pesca uma tradição pelo ensinamento do seu irmão mais velho. Teve sua infância marcada à beira da praia em que aprendeu a pescar.

Buscamos então observar como os indivíduos inseridos neste grupo desenvolvem suas relações uns com os outros e como ocorre seu manejo com a natureza. Nesse contexto, refletimos nas palavras de Elias: “O modo como uma pessoa

decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade” (1994, p.52). Compreende-se, então, que esses sujeitos contribuem para a sociedade e comunidades democráticas. Pessoas que valorizam e priorizam as diferenças, respeitando as diversas opiniões em proporções que reforcem os saberes e aprendizados construído na vivência coletiva em sociedade.

Foto 1 - Produtos da Taxidermia de Espécies Marítimas.



Fonte: Acervo da autora

Observamos a taxidermia como um saber potente e expressivo culturalmente nesta comunidade de pescadores artesanais. Compreender a importância desses sujeitos na construção da história social da comunidade pesqueira de Itapuã motivou a aplicação deste estudo.

Os pescadores artesanais, sujeitos potentes e significativos pela prática da pesca na comunidade, lidam com um saber tradicional alimentado há anos na comunidade pesqueira por meio da complexidade em que estão inseridos no meio ambiente. Nessa perspectiva, de acordo com Diegues (1995), os pescadores travam uma relação constante entre meio ambiente e mundo natural no qual os pescadores estão cercados pelos constantes imprevistos climáticos, momentos em que a natureza os coloca em relação direta com o meio ambiente.

Os estudos em antropologia promovem, desde do século XX, riqueza de saberes que as populações tradicionais desenvolvem em suas comunidades. Essas populações tradicionais contribuem com o saber ao trazer o conhecimento tradicional que é construído no convívio com o meio ambiente. Logo, colaboram com os conhecimentos científicos que validam as diversas formas de saberes em existência em nossa biodiversidade.

Com efeito, desde meados do século XX, pesquisas em ciências humanas, especialmente em antropologia, sobre populações tradicionais de todos os continentes, se multiplicaram, revelando à comunidade científica a riqueza dos saberes tradicionais dessas populações. 2007 (PROST, 2007, p. 144).

Ao contextualizarmos os autores e as necessidades da comunidade tradicional, sua dinâmica, seu modo de vida, sua cultura e sua atividade profissional marcada pelo constante contato com o meio ambiente, expomos seu saber/fazer de modo significativo e relevante. Trata-se também de validar as multiplicidades desses saberes e contribuir de forma importante para as ciências e seus estudos científicos. É preciso validar os povos tradicionais e a riqueza no manejo direto com o meio ambiente. Sendo assim, da mesma forma que há avanços nesses estudos das populações tradicionais, há também, por outro lado, retrocesso quando se busca validar suas ações. Afinal, esses povos cultivam e preservam o meio ambiente, contrariando, muitas vezes, as políticas ambientais de preservação do meio ambiente. Isso podemos observar quando estamos mais de perto, inseridos e atravessados por essas comunidades tradicionais como é o caso da comunidade pesqueira de Praia de Itapuã. A pesquisa nos colocou diante dessas demandas tanto em âmbito do saber/fazer, quanto no uso e manejo do meio ambiente. Percebemos que a comunidade tradicional utiliza suas experiências com respeito pelo meio natural, contrariando as investidas das relações institucionais com a comunidade de pesca.

Neste contexto, acreditamos ser preciso conversar com o conceito de Norbert Elias (1897) para configurações. O autor busca analisar o comportamento dos indivíduos nos modos coletivos. Pretendemos visibilizar as ações sociais entre esses sujeitos através desta metodologia na dinâmica da comunidade pesqueira a fim de que os próprios sujeitos relatem suas experiências e modo de vida. A forma como estão imersos

na prática da pesca artesanal e se configurando conforme a dinâmica e o fluxo num modo cultural de pescadores e marisqueiras, na pesca artesanal, vemos suas narrativas como prioridade nesta pesquisa.

A partir das vozes desses sujeitos, buscamos analisar e compreender o conceito de configuração em que o autor Norbert Elias (1897) chama atenção para o comportamento dos indivíduos a partir do convívio com o coletivo. As configurações percorrem as transformações e a dinâmica em que os indivíduos estão inseridos nos coletivos além de se adequar aos costumes e práticas de determinadas regiões conforme as práticas culturais de determinada sociedade (ELIAS, 2000). Com base neste conceito, propomos os critérios na escolha dos membros representativos da comunidade com a intenção de buscar e ampliar a diversidade dos sujeitos por meio de entrevistas semiestruturadas e oportunidades de conversas informais na comunidade. Assim é possível melhor compreensão sobre as suas configurações ao estar imerso no universo da pesca artesanal, atravessados pelas ações antrópicas ao manejo com meio ambiente.

O contato constante nas idas e vindas na comunidade, nas reuniões do GAC, possibilitaram o enquadramento desses sujeitos representativos e deu destaque sobre os olhares da pesquisadora e da própria comunidade. Neste sentido que buscamos contextualizar as narrativas desses indivíduos e analisar as configurações que ocorrem com a pesca artesanal na comunidade tradicional de Itapuã.

Porém, nesta justificativa contemplamos em destaque os sujeitos Sr^a Arraia, Estrela e Mero; com breves relatos em que significativamente contribuíram com suas narrativas para esta pesquisa:

A começar pela Senhora Arraia (27/08/1944* 23/11/2020+) moradora da região por cerca de 59 anos. Relatou ter chegado à comunidade em 1961 aos 18 anos, após seu casamento. O primeiro contato com a dona Arraia ocorreu no ponto de ônibus quando das idas e vindas na comunidade no ano de 2019. Ao aguardar o coletivo público para retornar para casa, iniciamos diálogo devido à demora do transporte. Durante a conversa, acabei relatando ter ido ali na comunidade de pescadores pelo local ser objeto de minha pesquisa. Diante deste fato, a Senhora Arraia relatou vários acontecimentos de

sua vida, um deles foi: que seu esposo e seus filhos eram pescadores e ela moradora ali da região há anos. Foi aí que me chamou atenção para aquela conversa.

Dona Arraia com sua fala mansa e com a memória bastante viva sobre os acontecimentos de sua vida, envolvida pelo ambiente da pesca, relatou ter perdido dois filhos para a pesca. Ela ainda relata que seu marido acabou falecendo devido à falência nos rins. Segundo seus relatos, quando ele estava no mar acabava não bebendo água porque as garrafas acabavam caindo, ele não conseguia pegar, pontuando este fato como um fator relevante no falecimento de seu esposo, há mais de 30 anos. Nesta mesma conversa, ela ainda teve a oportunidade de relatar sobre a experiência de trabalhar na escola, com sede na colônia. Fui para casa bastante entusiasmada pela oportunidade da conversa com a Dona Arraia e ansiosa por novos encontros.

A oportunidade de novos encontros foram ocorrendo nas reuniões do CAG, onde estive com a Dona Arraia. Quase sempre ela estava lá nas primeiras fileiras sentada com seus crochês e tricôs, mas bastante atenta para ouvir sobre as demandas que o projeto trazia para discussões com a comunidade. Foi nesses encontros que trocamos vários diálogos que me motivaram a buscar cada dia mais há ouvir sobre as histórias de vida na comunidade. Nesses encontros, em oportunidades de conversas informais, Dona Arraia sempre falava com amor e carinho sobre sua experiência de trabalho na escola com as crianças.

A pesquisa foi atravessada pelo contexto de pandemia. Fato que acarretou afastamento das atividades presenciais do Projeto com a comunidade por mais ou menos uns 6 meses. Retornei as idas a campo em busca das entrevistas em novembro de 2020 e tive a oportunidade de fazer a entrevista com a dona Arraia. Estávamos sentadas ali na peixaria que estava fechada em frente a colônia Z2, sendo ali o local indicado por ela, o que demonstrou conforto para a entrevistada. Eu, um pouco apreensiva pelo fato de estar na beira da avenida com carros e pedestres passando a todo momento, fui tomada pela aflição em relação à gravação do áudio da entrevista e, apesar dos barulhos da rua movimentada Gil Veloso, conseguimos entrevistar Dona Arraia por mais ou menos uns 50 minutos.

Durante a entrevista passavam várias pessoas que a cumprimentavam e ela explicava quem era cada uma daquelas pessoas. Era nítido o carinho das pessoas com essa senhora tão sábia com as palavras e afetuosa nas atitudes. Realizei a entrevista no dia 17 de novembro de 2020, na parte da manhã, ao final, eu a acompanhei até o portão de sua casa, nos despedimos ela me passou seu telefone para contato posterior a fim de que eu pudesse ligar e marcar o próximo encontro no qual, a partir de sugestão dela, faríamos algumas imagens demonstrando o trabalho dela na manutenção de redes. Mas, infelizmente, esse próximo encontro não chegou a acontecer.

No dia 23 de novembro de 2020, recebi a notícia de seu falecimento por um amigo nativo da comunidade. “Tia” Arraia, como ele a chamava, havia infartado na manhã daquele dia em sua residência. Fim de sua história de vida na comunidade em presença física, mas marcada por suas histórias e um legado de ajuda e amor ao próximo na comunidade por mais de 50 anos vividos ali.

Ao mesmo tempo que me sinto feliz por ter tido a oportunidade de aprendizado de ouvir suas narrativas, o sentimento de saudade e perda deixa vestígios frente a este sujeito significativo, potente e afetuoso como foi a Dona Arraia na comunidade. A ela, gratidão por todas as conversas regadas por afetos e dedicação ao próximo.

Dona Arraia tinha a noção de que suas narrativas e falas eram importantes para a comunidade. No final da entrevista, ela relata: “Vai ser importante para o seu trabalho”? Eu logo respondo: “Sim, vai ser muito importante” !! Assim, eu deixo registrado esse depoimento de grande importância pela troca de saberes entre Dona Arraia e uma estudante de pós-graduação. Buscamos contribuir de forma significativa e afetuosa com a história social da comunidade, rica de conhecimento tradicional e belezas naturais na construção do coletivo na História do povo Capixaba. Dona Arraia deixou seu legado com maestria.

Logo após, destacamos o pescador Mero como é conhecido na comunidade. Ele é um dos mais experientes na região. Está há mais de quarenta anos na pesca, atividade herdada pelo seu pai, conforme relato do mesmo. Tem bastante representatividade na comunidade e, apesar de os filhos e netos gostarem da pesca,

nenhum deles seguiu a tradição. Fazem uso somente em momentos de lazer ao contrário de sua filha que é casada com um pescador.

Mero acredita que o pescador de fato seja o indivíduo que faz uso da atividade da pesca artesanal todos os dias em contato com o mar e que trabalha com embarcações menores. Com bastante experiência na pesca e convívio na comunidade relata que: “[...] nós não tá tendo muito mar bravo, nós não temos o peixe, o peixe sumiu, o peixe sumiu porque, por causa da poluição dentro do nosso Vila Velha” (MERO,2019). Em sua fala, podemos observar que, com o passar dos anos e em contato com o mar e a comunidade, ele faz questão de registrar o quanto o pescado está escasso nos últimos anos, dificultando a sobrevivência por meio da pesca. Esse fato acaba por trazer disputas para a comunidade. E o pescador, em particular, sofre as consequências em primeira instância ao perceber que sua fonte de subsistência foi afetada.

Desse modo, vê-se que a atividade pesqueira profissional é a atividade de onde o pescador retira seu sustento familiar, mas o mar, seu local de trabalho, se depara com poluições e a escassez de seus produtos, os pescados; observando cada dia mais escassez em decorrência dos impactos e desastres ambientais.

Terminar a conclusão do capítulo fechando a relação entre história oral e os sujeitos de pesquisa. Máximo de 1 parágrafo.

2. A COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ

Este capítulo refere-se à caracterização da comunidade de pescadores artesanais na divisão em subtítulos entre o território pesqueiro levantando reflexões sobre as ações antrópicas entre desastres e impactos ambientais, como também as disputas da região privilegiada para grandes empreendimentos entre os processos de gentrificação e territorialização do território pesqueiro. Já os sujeitos da comunidade se mostram em destaque e suas práticas desenvolvidas, na região, nas atividades entre a pesca artesanal, a técnica da taxidermia e o beneficiamento do sururu como pontos centrais na comunidade pesqueira.

A coleta dos dados por meio das idas e vindas na comunidade, as reuniões do GAC, a observação participante, conversas informais e as entrevistas, nas quais foram coletados os dados por meio das gravações em aparelhos celulares e posteriormente para as transcrições das entrevistas, permitiram a construção desta sessão que contempla as análises posteriores contextualizando os conceitos trazidos por alguns autores na dinâmica da comunidade. Alguns deles como: Little (2004), Moura (2008), Oliveira (1998), Norbert Elias (1994), Diegues (1995), Musiello e Fernandes(2018), Silva (2014), Guattari (1990) e Leff (2015) abordam os conceitos retratados neste capítulo, para visualização sobre o território pesqueiro na comunidade inserida no município de Vila Velha. A construção deste capítulo permitiu o enquadramento dos sujeitos representativos da comunidade, por meio dos primeiros contatos com o território pesqueiro e seus sujeitos, possibilitando posteriormente visualizar as práticas ali desenvolvidas no ambiente pesqueiro e construir as hipóteses sobre as problemáticas levantadas para este estudo.

Visualizar o campo de pesquisa permitiu criar diálogos e contato mais expressivo com a comunidade, contribuindo de forma significativa para enquadramento dos sujeitos para este estudo, sendo as narrativas contadas pelos próprios protagonistas na comunidade, elemento fundamental na construção da história social, na cultura local capixaba da comunidade pesqueira de Itapuã, percorrendo o objetivo central desta pesquisa. Sendo assim, o território pesqueiro quanto à disposição e localização, os sujeitos e suas práticas considerando a dinâmica da comunidade permitiram

visualizações quanto a aspectos relevantes da história social e das práticas políticas que atravessam a comunidade, mediante as disputas da região privilegiada e supervalorizada de Itapuã.

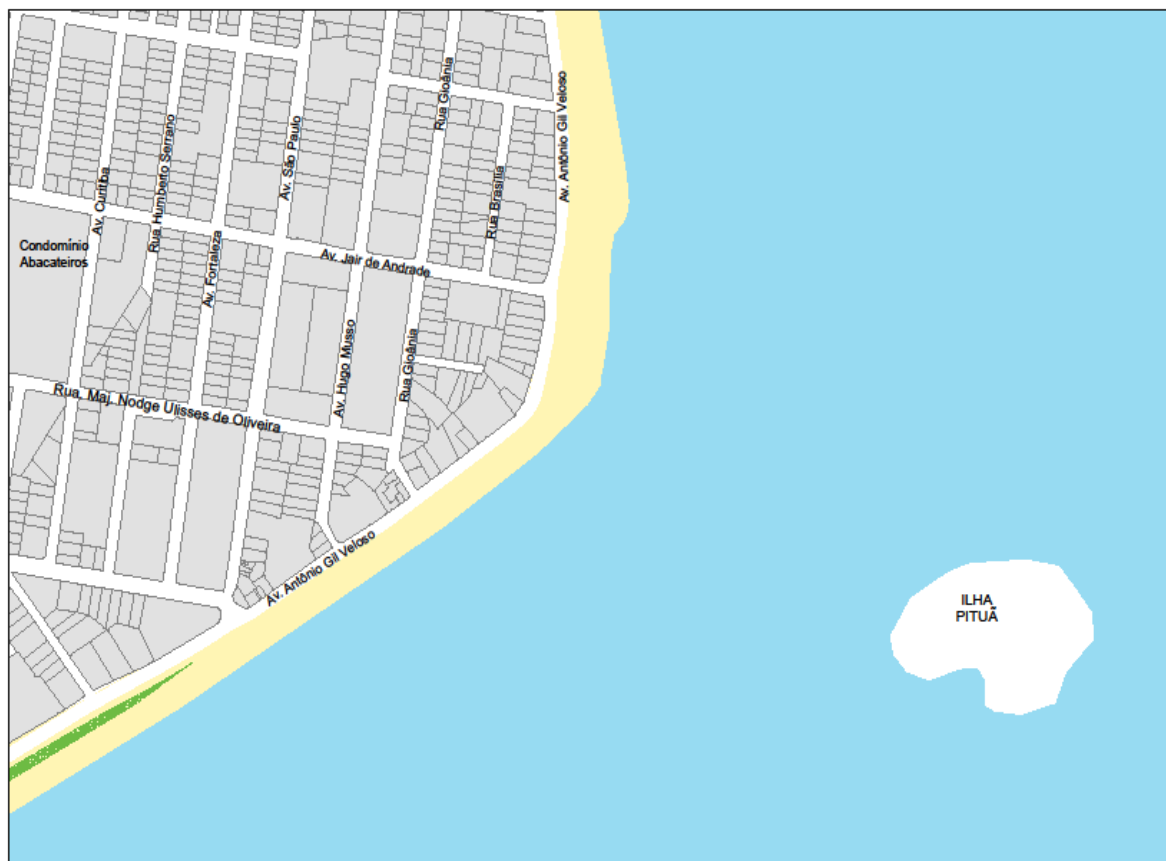
2.1. O TERRITÓRIO EM DISPUTA

A comunidade de pescadores e marisqueiras artesanais de Itapuã fica no bairro homônimo no município de Vila Velha no Estado do Espírito Santo-Brasil – conforme o mapa na Figura 1 – está vinculada às atividades da Colônia de Pescadores Z2 que atende a 370 famílias de pescadores do município de Vila Velha, sendo 35 famílias na comunidade de Itapuã. Suas funções se dão em busca de diálogos entre Instituições públicas e setores privados, sendo a colônia uma instituição que procura e promove recursos aos pescadores e busca legitimar a categoria na modalidade da pesca artesanal.

As dificuldades encontradas pela comunidade da Praia de Itapuã permeiam entre a escassez do pescado nos últimos anos, segundo os sujeitos, devido à poluição na área pesqueira, “muitos navios ancorados próximos à área de pesca”, empresas com drenagem e perfuração de petróleo (Petrobras) e os impactos de desastres ambientais como no caso da Mineradora Samarco.⁴

⁴ Os autores Felipe, Costa, Franco, Matos e Magalhães caracterizam o desastre ambiental ocorrido na tarde do dia 5 de novembro de 2015. Trata-se do rompimento de um dos diques da barragem de rejeitos de mineração do Fundão, localizada em Mariana-MG. A barragem é de responsabilidade da mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela companhia anglo-australiana BHP Billiton, que atua desde 1977 na produção de minério de ferro para produção de aço, com empreendimentos nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O rompimento da barragem do Fundão tem sido considerado por diversas e relevantes organizações (p. ex. Bowker & Associates) o maior desastre ambiental da história do Brasil. A tragédia provocou 19 mortes e um conjunto incalculável de prejuízos às cidades e povoados das margens do rio Doce e nas extensas áreas rurais ao longo de mais de 500 km do rio Doce (formador da quinta maior bacia hidrográfica do país). (2016, p.125-126)

Figura 1 - Mapa da Comunidade de Pescadores e Marisqueiras Artesanais de Itapuã.



Fonte: Acervo Redes de Cidadania, 2020.

As dificuldades encontradas pela comunidade da Praia de Itapuã estão entre a escassez do pescado nos últimos anos, em consequência da poluição, na fala dos nativos, na área pesqueira, “muitos navios ancorados próximo a área de pesca”, empresas com drenagem e perfuração de petróleo (Petrobras) e os impactos de desastres ambientais como no caso da Mineradora Samarco.⁵

⁵ Os autores Felipe, Costa, Franco, Matos e Magalhães caracterizam o desastre ambiental ocorrido na tarde do dia 5 de novembro de 2015, quando ocorreu o rompimento de um dos diques da barragem de rejeitos de mineração do Fundão, localizada em Mariana-MG. A barragem é de responsabilidade da mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela companhia anglo-australiana BHP Billiton, que atua desde 1977 na produção de minério de ferro para produção de aço, com empreendimentos nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O rompimento da barragem do Fundão tem sido considerado por diversas e relevantes organizações, como a Bowker & Associates, como o maior desastre ambiental da história do Brasil. A tragédia provocou 19 mortes e um conjunto incalculável de prejuízos às cidades e

O caso envolvendo a mineradora Samarco é resultante de um desastre ambiental ocorrido em novembro de 2015, na cidade de Mariana-MG contribui para conflitos envolvendo comunidades que sobrevivem da pesca artesanal. Conforme relatado na entrevista da marisqueira Estrela (2019), existe escassez do pescado nos últimos anos.

Observa-se como esses fatores têm contribuído para relações conflituosas envolvendo a comunidade pesqueira. Esses debates são recorrentes em relação aos desastres e impactos ambientais que as comunidades vêm sofrendo nos últimos anos. Sendo assim, surgem pautas relevantes nas discussões e problematizações com as comunidades tradicionais em que estes sujeitos envolvidos acabam tendo que lidar com relações sócio-políticas e socioambientais bastante conflituosas e desgastantes para esse grupo na modalidade da pesca artesanal como consequência do fato abordado. Conforme relatado por Estrela:

Há 46 anos, há 20 anos atrás vivia só da pesca. Tinha como o pescador dizer vivo só da pesca. Mas seguindo o progresso, como vem mudando, há 46 anos atrás, quando eu tinha acabado de nascer, isso aqui era terra de chão, isso aqui não tinha esses edifícios grandes, as casas, a situação era bem mais complicada, mas a gente era muito mais feliz do que agora. Porque? Por que o mar era livre, não tinha tanta escavação de Petrobrás, não tinha esses negócios desse pessoal cavando petróleo, não tinha essas lamas que o pessoal está jogando, ali a gente pegava grandes quantidades de peixe e realmente o pescador podia dizer assim: eu vivo só da pesca. Hoje há 46 anos não dá mais. (2019)

Por meio da entrevista, reflete-se e busca-se considerar que os conflitos desencadeados por estes desastres envolvendo a comunidade, os pescadores, as marisqueiras contribuem de forma potente e significativa na escassez dos pescados nesta modalidade de pesca artesanal, como no caso da comunidade de Itapuã. Ocorre então, a necessidade de se reinventar devido à escassez de seu principal produto que permite o desenvolvimento da atividade pesqueira na região. Assim, vê-se a conexão com o explanado por Little (2004, p.4) na identificação de conflitos socioambientais:

Localizo, pelo menos, três grandes tipos de conflitos: (1) conflitos em torno do controle sobre os recursos naturais, tais como disputas sobre a exploração ou não de um minério, sobre a pesca, sobre o uso dos recursos florestais etc.; (2)

povoados das margens do Rio Doce e nas extensas áreas rurais ao longo de mais de 500 km do Rio Doce (formador da quinta maior bacia hidrográfica do país). (2016, p.125-126)

conflitos em torno dos impactos (sociais ou ambientais) gerados pela ação humana, tais como a contaminação dos rios e do ar, o desmatamento, a construção de grandes barragens hidrelétricas etc.; e (3) conflitos em torno de valores e modo de vida, isto é, conflitos envolvendo o uso da natureza cujo núcleo central reside num choque de valores ou ideologias

Através das pesquisas e estudos referente ao tema, vestígios da lama no rio Doce podem contribuir para alterações ambientais, tais como nas espécies marítimas e isso colabora para ampliar relações conflituosas nas comunidades pesqueiras. Conforme Paul Little” (2004, p.4): “Para entender um conflito na sua totalidade, o pesquisador tem a obrigação de entender as intenções e posições de todos os atores sociais envolvidos, mesmo que tenha preferência por um dos grupos envolvidos. Visualiza-se, assim, que seu modo de vida pode ser alterado, modificado e até mesmo transformado por ações antrópicas, como ocorreu do desastre ambiental envolvendo a Mineradora Samarco. A degradação do meio ambiente envolvendo os indivíduos, a sociedade e o meio ambiente, são pontos fundamentais que movimentam as comunidades.

Essas ações antrópicas contribuem para alterações e transformações na biodiversidade de nosso ecossistema, podendo afetar diretamente esse grupo de pescadores e marisqueiras que fazem uso do meio ambiente como ferramenta de economia de subsistência. Desta forma, segundo Felipe *et al.* (2016, p.126):

A recuperação da biodiversidade pode levar décadas, o assoreamento pode ser irreversível em muitos trechos do leito do Rio Doce, assim como a extinção de espécies típicas. Não causam surpresa as tantas afirmações de estudiosos sobre a irreversibilidade dos danos ambientais, inclusive porque a lama aumenta a turbidez e barra a entrada da luz solar no meio aquático, dificulta a oxigenação da água e altera sua composição química, causando mortandade de peixes e de outras espécies que vivem no rio e em suas margens.

Os danos causados ao meio ambiente podem ser irreparáveis, podendo levar anos e décadas ou ser irreversíveis. Logo, as ações causadas por intervenções humanas em função do sistema capitalista são problemáticas ao setor pesqueiro. Ainda se corre o risco de não haver condições para reparos gerando conflitos socioambientais já que a subsistência está baseada em contato direto com o meio ambiente e, geralmente, são as condições em que estas comunidades estão inseridas. A quantidade de rejeitos, conforme mostram os estudos, foram suficientes para atingir o rio Doce e alterar a

qualidade das águas dos rios e mares em que essas comunidades exercem a atividade pesqueira como fonte de sua principal renda familiar. Para Felipe *et al.* (2016, p.126):

O volume de rejeitos liberados pelo rompimento da barragem fez surgir um fluxo de lama que rapidamente atingiu as artérias fluviais na bacia do Rio Doce, causando fortes impactos ambientais em termos geomorfológicos, ecológicos e sociais.

Observa-se que, conforme os estudos demonstram, os rejeitos atingiram por meio do oceano Atlântico, a costa litoral do Espírito Santo, o que pode colaborar para possíveis conflitos nas comunidades pesqueiras, uma vez que a pesca é uma atividade principal de fonte de renda desses indivíduos. Portanto, seu modo de vida pode ser afetado ou alterado por fatores como estes. Assim, compreendemos que as relações possam se tornar conflituosas, envolvendo as atividades econômicas como também, nas diversas esferas sociopolíticas e ambientais que envolvem comunidades em que seus rios e mares apresentam possível rejeitos em suas águas. De acordo com: Felipe *et al.*: “No dia 21 de novembro, a água com os rejeitos alcançou o Oceano Atlântico e se espalhou por uma extensão superior a 10 km no litoral do Espírito Santo”. (2016. P, 126).

Outra discussão que ainda ocorre na comunidade Praia de Itapuã gira em torno do setor imobiliário que tenta encurralar a comunidade, sendo o local bastante privilegiado para grandes empreendimentos residenciais.

A comunidade permanece enraizada neste território considerando sua história de vida ter sido construída naquele espaço, mas principalmente pelos afetos sentidos no decorrer das relações sociais construídas junto com o território (CELANTE, LAHASS, MOZINE, 2019).

A comunidade pesqueira de Itapuã se mostra nos processos de territorialização em relações conflituosas entre os empreendimentos imobiliários e o território pesqueiro. Conforme o conceito de Oliveira (1998), os “processos de territorialização” se apresentam em conflitos entre a comunidade de pescadores e o setor imobiliário e permanecem em disputa pela localização cercada por ilhas e atrativa para turistas. De acordo com Paul Little:

Nesses contextos, a conduta territorial surge quando as terras de um grupo estão sendo invadidas, numa dinâmica em que, internamente, a defesa do território torna-se um elemento unificador do grupo e, externamente, as pressões exercidas por outros grupos ou pelo governo da sociedade dominante moldam (e às vezes impõem) outras formas territoriais (2004, p. 255)

Observa-se que os empreendimentos imobiliários residenciais tentam tornar a localidade, que é privilegiada por belezas naturais, em um ambiente urbanizado em modo da gentrificação⁶, de acordo com o conceito de Ruth Glass (1964) para o termo, em que prioriza as classes mais altas e tenta extinguir um modo de vida tradicional em que suas demandas giram em torno de questões ambientais e naturais, sendo que o território favorece a comunidade dos indivíduos ali residentes.

Foto 2 - Empreendimento imobiliário – Praia de Itapuã.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Os indivíduos envolvidos recorrem a modos de justificar apropriação do território da comunidade por meio de avanços tecnológicos a defender as investidas dos setores públicos e privados. Conforme Catherine Prost aborda: “[...] os principais atores de produção do espaço, os governos e as grandes empresas, recorrem a representações de modo a justificar uma apropriação do território e os usos de determinadas técnicas e

⁶ Em sua dissertação de mestrado Suelem Celante (2014, p. 34) descreve: O termo “gentrificação” foi usado pela primeira na década de 1960 por Ruth Glass, socióloga alemã, para explicar as mudanças ocorridas nos bairros londrinos, onde as camadas populares foram substituídas pelas médias, tal processo evoluiu de forma rápida marcando o urbanismo contemporâneo (SMITH, 2006).

tecnologias” (2007, p.145). Sendo assim fazer o uso do território por meio destas justificativas. Percebemos então que, apesar das investidas dos setores públicos e privados, a resistência da comunidade continua, conforme visualizamos na imagem 2 e 3, em que observamos os empreendimentos imobiliários residenciais, as embarcações de pequeno porte e a Colônia Z2.

A marisqueira Estrela Guimarães (2019) na entrevista promove a discussão de que os avanços da sociedade contribuem para alterar a dinâmica do território (espaço) e que essas construções de empreendimentos residenciais na região da comunidade pesqueira colaboram para alterações no modo de vida da comunidade.

O progresso deveria de ser assim. Permitiram prédio aí de 20, 30 andares, em uma beira de praia, eles estão acabando com tudo, não é nós não. Não é a fumaça do meu marisco que tá atrapalhando, o que tá atrapalhando são eles permitirem esses arranha céus aí na frente de praia. Dá 3 horas da tarde não tem mais sol na praia, antigamente o sol ficava até 6, 7 horas da noite. Hoje em dia você vai ali, 3 horas da tarde você tem que ficar caçando o sol, correndo atrás do sol. Porque Deus mudou o sol? Não, continua do mesmo jeito que Deus fez, é o homem que está acabando, entendeu? (ESTRELA, 2019)

Foto 3 - Colônia Z2 e Empreendimento imobiliário – Praia de Itapuã.



Fonte:

Acervo da autora

Tais análises são frutos de conversas informais e durante as visitas a campo, em que o pesquisador se desloca para a comunidade, na situação em que estabelece um contato mais direto e expressivo com a localidade da comunidade e seus indivíduos. Estas observações sobre a prática da atividade pesqueira durante o tempo em que o

pesquisador permanece na comunidade e por meio de entrevista com moradores da comunidade, pescadores, marisqueiras com parentescos ancestrais na pesca, os relatos são de sentimento nutrido no espaço geográfico junto com a construção do território onde passaram sua infância, juventude e vida adulta e muitos ainda permanecem ali. Ao serem questionados porque continuam ali eles relatam: “[...] minha história está aqui neste local, nesta casa, como posso deixar minha história para trás, minhas lembranças, não tem como vender e ir embora e sair daqui. Minha vida foi construída aqui neste local” (INFORMANTE 1, 2019).

Por meio de suas vivências individuais ou coletivas, os sujeitos constroem imagens e memórias estabelecidos com o espaço em que passam boa parte de sua trajetória de vida e que são bastantes significativas para a sociedade.

Cada pessoa ou grupo cria imagens individuais ou coletivas sobre suas vivências cotidianas. Tais imagens podem trazer diversos subsídios à compreensão e estudo do espaço geográfico. Podendo ser representadas graficamente sob a forma dos chamados “mapas mentais. (MOURA, 2008, p.75)

A identidade dos sujeitos e o lugar de vivência dos indivíduos conversam e contribuem para discussões a respeito de certa comunidade ou grupos. Sendo bastante relevante para as memórias culturais e do processo histórico do coletivo. E, de acordo com Neide Moura: “A identidade com o lugar é o ponto de partida para a discussão da percepção que os moradores têm do entorno de seu espaço vivido” (2008, p. 73).

Percebe-se então uma relação construída com o espaço físico, o local e território no qual os indivíduos criam sentimentos não só pelo espaço em si, mas pelas relações criadas naquela localidade por meio de afetos e sentimentos, criam afinidades, promovem memórias, lembranças junto com o espaço construído ali nas relações com o meio ambiente.

Perante esse sentimento que os indivíduos carregam durante sua vida na troca com o espaço, entende-se o conceito de Neide Moura por pertencimento. Compreendendo que os indivíduos guardam lembranças em sua imaginação a respeito de um determinado lugar que ele carrega para sempre em sua memória. Porém, independentemente de o local ter sido modificado ou transformado por diversas ações

antrópicas ou fenômenos naturais, as memórias construídas pelos sujeitos permanecem para sempre nos indivíduos.

Memórias estas construídas ao longo do tempo que se fortalecem ao longo do convívio em sociedade, marcadas por diversas histórias, singulares e plurais. E, de acordo com Neide Moura: “O sentimento de pertencimento à um determinado lugar é fato concreto que faz parte do imaginário coletivo e individual de cada pessoa” (2008, p. 71). Este pensamento vai ao encontro dos questionamentos apontados por Elias no que se refere à relação entre indivíduos e sociedade:

Serão as relações sociais a única realidade e os indivíduos, mero produto do meio social? [...] serão os indivíduos a verdadeira realidade e as sociedades, mera figura de retórica? [...] ou será que ambos são reais e se acham numa relação recíproca”? (ELIAS,1994, p.77)

Observa-se que, além da relação de troca constante com o meio ambiente pelos indivíduos da comunidade, o local não é só um ambiente de vivência como também fonte de sustento e renda de algumas famílias que utilizam a pesca artesanal e a comercialização de peixes. São diversas formas e modos de se relacionar entre os indivíduos, a comunidade e a sociedade como: instituições públicas e privadas – prefeitura, empreendimentos; entre os próprios sujeitos – pescadores, comerciantes; entre os familiares, entre os comerciantes – peixarias; entre turistas que visitam o local e a praia como também os moradores dos prédios residenciais na região. Então, busca-se compreender como esses sujeitos expressam suas representações simbólicas por meio do contato com grupo atribuindo seus significados. Conforme Moura define: “Sendo assim, julga-se pertinente o estudo das percepções dos moradores e não moradores do lugar para sua melhor compreensão e avaliação de seus usos e significados”. (2008, p. 74)

Essa diversidade entre as relações é responsável por movimentar a comunidade, tanto em aspectos positivos como negativos, entre as potencialidades e as problemáticas envolvendo os indivíduos – sujeitos; a comunidade – coletivo; e a sociedade – cidadania, em que estão arraigadas nas relações junto com o espaço, ou seja, como define Paul Little territorialidade: “Defino a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela

específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’ ou *homeland*⁷ (LITTLE, 2004, p. 253).

Sendo assim, entende-se que a força coletiva de um grupo social, ao ocupar, marcar ou identificar um determinado ambiente como seu território específico, seja bastante relevante para as relações de uma comunidade. De acordo com Norbert Elias: “Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender e agir, falar e sentir no convívio com outros” (1994, p.67). Nesta comunidade as ações dos indivíduos ocorrem por meio da pesca artesanal.

Busca-se, com isso, compreender seu território e os saberes que ocorrem na pesca artesanal como pontos de partida para as discussões em torno das relações sociopolíticas, socioambientais, e as instituições públicas e privadas e com o meio ambiente está posto nas relações sociais destes sujeitos representativos na dinâmica desta comunidade.

Sendo assim, buscamos compreender através dos processos simbólicos em que cada grupo ou comunidade promove nas suas relações sociais e nos processos com o meio ambiente como o saber/fazer se torno significativo e potente para nossa sociedade também surgiu como elemento de resistência desta comunidade na região que vem sendo habitada por essa população há anos.

2.2. AS PRÁTICAS

Trata-se de uma comunidade muito coesa, pois a maioria das famílias da comunidade tem relações de coparentalidade. O grupo pode ser caracterizado como comunidade tradicional, de matriz afrodescendente, ocupa a região há pelo menos 5 gerações e vive do desenvolvimento das atividades de pesca e coleta de marisco como economia de subsistência. Na comunidade observa-se – conforme Foto 4 – que a maioria

⁷ A palavra inglesa *homeland* tende a ser traduzida como “pátria” em português. Contudo, o significado mais comum de pátria faz referência a um Estado-nação, o que desvia o termo *homeland* de seus outros significados possíveis referentes às territorialidades de distintos grupos sociais do Estado-nação.

dos barcos permanecem atracados na praia e, em sua maioria, são embarcações de pequeno porte. Conforme descreve Fernandes, Vieira, Flores, Cabral e Zappes: “Na praia de Itapuã as embarcações utilizadas na pesca artesanal são de pequeno porte entre 5 e 8 m de comprimento podendo ser a remo ou motorizados com baixa potência e autonomia de apenas 1 dia de embarque”. (MUSIELLO-FERNANDES et al,2018, p.08)

Foto 4 - Embarcações atracadas na praia da comunidade de Itapuã⁷ .



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Os pescadores da comunidade não contam com uma estrutura apropriada para manutenção e reparo dos artefatos e petrechos de pesca. De acordo com Musiello-Fernandes *et al* (2018, p. 8): “Os artefatos utilizados são a rede de espera (fundo e boiada), linha com anzol, espinhel e arrasto de praia que ocorre no fim da tarde diariamente”. O armazenamento dos pescados e a manutenção das embarcações e dos petrechos são realizados ali mesmo na areia da praia – conforme Foto 5. A falta de estrutura para armazenamento e locais apropriados para estocar os produtos derivados da pesca acabam provocando a necessidade de vender os produtos a preços mais baixos, por falta de estrutura de manutenção dos produtos.

Foto 5 - Condições de trabalho artesanal da comunidade de Itapuã.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Assim como o desastre ambiental tornou-se uma problemática entre as comunidades afetadas, observamos um fator que ocorre na comunidade de Praia de Itapuã que gira em torno da fiscalização municipal realizada pela prefeitura, tendo por objetivo erradicar o beneficiamento tradicional do sururu⁸ na praia, pois tal atividade gera muita fumaça, decorrente da queima de madeira – conforme Imagem 6 – e, segundo o poder público incomoda os moradores da região.

Conforme observamos no relato da entrevistada Estrela (2019), a atividade é uma tradição na comunidade, passada de geração em geração e esse conhecimento tradicional do beneficiamento do Sururu vinha sendo praticado por seus ancestrais como,

⁸ Conforme Palmeira et al (2016) caracteriza: O sururu é uma espécie de molusco bivalve que possui elevada importância econômica para dezenas de famílias ribeirinhas em diferentes estados brasileiros, como forma de subsistência, mas também na comercialização do produto; além da importância alimentar, pois possui grande valor nutricional, rico em proteínas, ácidos graxos poliinsaturados e vitaminas (LIRA et al., 2004).

no caso, seus avós. Muito antes de os empreendimentos imobiliários serem instalados na região, as casas eram em sua maioria baixas e as ruas de chão de barro, a prática já era realizada na comunidade, reforçando assim as características em que se enquadra a comunidade tradicional. Para Estrela:

E a gente esbarra com muita coisa, principalmente, eu na posição do marisco, desde os 09 anos até a data de ontem, eu cozinhava os mariscos na beira da praia. O marisco é o seguinte, a gente pega o barquinho, vai lá no mar, ranca, vem, chega em terra, faz o fogo na beira da praia, sempre foi feito assim, ó mais de 20 anos, antes de mim muita já fazia, meus avós, muita gente, entendeu? Porque eu tenho parentes que eles chegaram primeiro aqui, quando era terra de chão, quando era tudo mato, tudo barro. Aí faz um apartamento ali aí o fiscal fala: mas o pessoal do apartamento, do edifício está reclamando que a fumaça está atrapalhando. Sou eu que tô errada? Quem tá errado é eles, porque se você vai comprar uma casa para morar você tem ver o que está em volta. Se você vai morar numa vila de pescador, você vai sentir cheiro de peixe. Se você não quer sentir cheiro de peixe e de marisco, então não vem morar numa vila de pescador. Né? Num tô certa? (ESTRELA, 2019)

Conforme se percebe através dos relatos na entrevista da marisqueira Estrela (2019), os conflitos nas relações institucionais e sociopolíticas se mostram instalados na comunidade com atividade da pesca artesanal. Em contraposição à atividade artesanal, a prefeitura exige o uso do gás de cozinha em local controlado, o que se torna um problema, pois é mais econômico para a comunidade fazer uso de lenha na praia, sendo um fator que atrai o turista e consumidores dos moluscos na região.

A limpeza manual dos pescados na beira da praia é um atrativo para os consumidores já que são pescados frescos vindos direto do mar. A queima do sururu na lenha é um fator que atrai indivíduos de outras regiões para a comunidade e acaba sendo uma tradição praticada há anos – conforme visto nas Fotos 6 e 7. São esses processos manuais entre pesca e pescados que identificam e fortalecem a comunidade em seu modo de vida tradicional e a pesca artesanal.

Foto 6 - Beneficiamento do Sururu.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A marisqueira Estrela (2019) relata que a atividade é praticada há anos na região, por que só agora as instituições públicas querem utilizar leis para a proibição da prática? Sendo que a região é bastante conhecida da população e referência quando se fala em mariscos frescos. De acordo com suas informações, destaca-se que:

A mesma coisa é aqui, se as pessoas não estão se agradando com a fumaça do marisco, não sou eu que tô no lugar errado, eu tô aqui há mais de 30 anos, entendeu? Minha família, eu perdi uma bisavó há 5 anos atrás com 110 anos, ela era pescadora. Aqui tinha o seu João do Zé, que todo mundo conhece que era o pescador mais antigo daqui, morreu tem uns 4 a 5 anos, com quase, com 100 anos, entendeu? Nascido e criado fazia fogo na beira da praia, sempre foi assim. Então porque que agora os Governantes querem proibir a gente? (ESTRELA, 2019)

Na comunidade de Praia de Itapuã, ocorre a pesca na modalidade artesanal caracterizada por utilizar maior esforço braçal do pescador e por fazer uso de embarcações menores e ainda de poucos recursos tecnológicos ou quase nenhum. Observa-se que a coleta do sururu exige maior esforço dos marisqueiros, sendo uma atividade bastante exaustiva. Exige mais de 10 horas de trabalhos diários, o que acaba contribuindo para possíveis danos à saúde dos coletores. De acordo com Palmeira *et al.*:

Caracterizada como tipicamente artesanal e familiar, a coleta do sururu, constitui-se, dentre os diferentes tipos de pesca, uma das mais cansativas e potencialmente comprometedoras para a saúde. As atividades desenvolvidas pelo catador, a

captura, o processamento artesanal (limpeza, cozimento e desconchamento) requerem esforço adicional do mesmo. A sobrecarga de trabalho, quando somadas as horas da pesca com aquelas do processamento do molusco, produzem jornadas que superam as 12 horas diárias. (2016, p.36)

Foto 7 - Puxada de Rede – Praia de Itapuã.



Fonte: CELANTE, 2019.

Percebe-se, então, que a atividade pesqueira na modalidade da pesca artesanal exige bastante esforço físico de seus pescadores e marisqueiras que também não contam com estrutura apropriadas para as atividades quando retornam do mar com os pescados. Isso acaba dificultando as vendas e limpeza dos pescados de forma apropriada e mais higiênica. Esta é uma das contribuições negativas no setor da pesca artesanal, conforme visualizamos na comunidade deste estudo.

De acordo com Garcia (2015, p.50): “A pesca artesanal caracteriza-se pela simplicidade das tecnologias empregadas, pelo baixo custo, pelo fato de ser cultivada, em grande parte, por grupos com vínculos de parentesco, com o objetivo de subsistência familiar e comercialização em baixa escala”. Outra ação que ocorre na comunidade de

Itapuã são as puxadas de redes – conforme Foto 7 – em que os pescadores necessitam agir de modo coletivo, havendo a necessidade de vários indivíduos, pescadores ou não para a retirada da rede do mar.

Em geral, o arrasto de praia é direcionado para captura de cardumes que se distribuem próximos à costa. A partir da sua localização pelos pescadores, o cardume é cercado com uma das extremidades da rede, e o artefato é então conduzido de volta à praia. Ambas os cabos de arrasto são puxados em conjunto pelos pescadores para promover o cerco. (FREITAS NETTO; BENEDITTO, 2007, p;109).

Foto 8 - Manutenção Redes – Praia de Itapuã.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Como se vê, o modo de vida na comunidade Praia de Itapuã está baseado em suas raízes familiares em que os saberes são passados de geração em geração e a comunidade tem um forte parentesco entre seus pescadores. Há indivíduos na comunidade que exercem trabalhos manuais – artes – como a produção da taxidermia, que procura enaltecer e valorizar a cultura na comunidade. Existe a confecção e manutenção de redes, conforme mostram as Fotos 7 e 8. A Pesca artesanal é uma prática que contribui para história e cultura do povo brasileiro, surgiu como principal fonte de alimento e subsistência para os povos indígenas. Neste contexto, segundo Diegues:

A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil e peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar. Os inúmeros sambaquis, depósitos de

conchas encontrados em sítios arqueológicos ao longo do litoral atestam a importância da atividade da pesca e coleta (1999, p.01).

Sendo assim, a atividade da pesca artesanal foi sendo praticada pelos índios antes do descobrimento do Brasil, o que evidencia ser uma atividade histórica para a cultura Brasileira, sendo praticada até os dias de hoje, em modos de resistência pelos seus praticantes, não só pelo fato dos desastres ambientais afetarem a prática, mas, como também a influência do capitalismo tentando a industrialização do setor.

De acordo com Diegues: “Na década de 60, o governo brasileiro decidiu implantar uma indústria pesqueira em base empresarial, através de incentivos fiscais concedidos pela recém-criada Superintendência do Desenvolvimento da Pesca-Sudepe” (1999, p.3). Porém, o setor da pesca artesanal, por meio de ações em constante contato com o meio ambiente, contribui para um saber/fazer que agrega aos indivíduos aspectos positivos e relevantes nas relações sociais e comunitárias na sociedade de acordo com sua região. Segundo Silva: “A pesca artesanal brasileira possui numerosas e complexas características que levam em consideração fatores sociais, econômicos e ambientais intrínsecos a cada região” (2014, p. 05).

Segundo Diegues: “As comunidades marítimas se constituem pela prática da gente do mar num ambiente natural marcado pelo risco, pelo perigo e pela instabilidade” (1999, p. 371). Sendo assim, a vida do pescador é atravessada por fenômenos naturais que assolam o pescador, porém os saberes que o pescador desenvolve em seu cotidiano e suas vivências em mar possibilitam lidar com certas situações com mais rigor. Percebe-se que esses indivíduos contribuem com suas atividades e relações em comunidades com o meio ambiente, proporcionando práticas mais sustentáveis e menos agressivas, favorecendo assim a preservação do meio ambiente.

A participação das comunidades representa um elemento fundamental da sustentabilidade como vêm confirmando numerosos estudos ao longo das últimas décadas, que confirmam a procedência de uma perspectiva conservacionista, incluindo o ser humano na missão de preservação ambiental. (PROST, 2007, p. 149)

Dentre a dinâmica da comunidade de Praia de Itapuã busca-se, assim, problematizar, a partir da história de vida de três sujeitos-chave na comunidade – a

relação da comunidade com seu território, em meio aos conflitos desencadeados por vários fatores que vem se agravando no setor pesqueiro nos últimos anos, tais como: conflitos de identidade, mudança em seu modo de vida, industrialização do setor dentre outros que permeiam a pesca artesanal na comunidade. Desta forma, discute-se como o pescador pode afirmar sua identidade, enaltecer e favorecer os saberes que a comunidade pesqueira tradicional proporciona aos indivíduos.

Diversos são os embates entre o capitalismo vigente, as instituições e os pescadores. Vê-se com frequência que Estado e governos interferem no modo de vida tradicional dos pescadores artesanais e em seu saber-fazer construído na comunidade como fatores positivos e que agregam a cultura de nossa sociedade. Compreende-se, dessa forma, que as redes entrelaçadas entre o indivíduo pescador, sua comunidade e o meio ambiente produzem um saber/fazer potente a diversidade de nossa sociedade. Segundo Catherine Prost: “Os saberes empíricos são transmitidos de geração em geração, sendo, portanto, a historicidade das populações um elemento determinante na sua concepção enquanto tradicionais” (2007, p.150).

Dessa forma, percebe-se o saber como um ponto de fortalecimento das comunidades. Neste sentido, busca-se visualizar tais saberes que percorrem entre os sujeitos da comunidade tradicional relacionado com a atividade pesqueira, questionando: Como a comunidade valoriza e enaltece esses saberes? Como os pescadores – sujeitos – expressam o reconhecimento de seu saber e território pelos demais grupos do entorno da comunidade tradicional?

As relações entre a comunidade tradicional e a sociedade moderna ao mesmo tempo que agrega desenvolvimento e tecnologias nas relações entre os indivíduos e o meio ambiente, valida os saberes por meio de pesquisas e estudos que colaboram com as comunidades tradicionais em afirmar um saber-fazer que foi sendo construído há anos por esses indivíduos em seu modo de vida. Porém sua fonte de subsistência de se afirmar nas relações e trocas com o meio ambiente, como no caso da pesca artesanal.

O que chama atenção nos conceitos de Guattari (1990) em relação à ecosofia, em que ele aborda as relações em três eixos, sendo eles: o meio ambiente, as relações sociais

e a subjetividade humana que devem ser repensados e analisados diante da sociedade urbanizada e contemporânea nas quais as comunidades estão inseridas, como ocorre na comunidade de Praia de Itapuã.

Com isso, vislumbra-se que, em modos do capitalismo e a urgência dos setores privados e públicos em extinguir ou talvez eliminar essas comunidades tradicionais como é o caso de Itapuã, a qual trazemos neste estudo com foco no desenvolvimento da atividade na modalidade da pesca artesanal.

De acordo com Guattari: “A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc”. (1990, p.15) Guattari traz a discussão em âmbitos nos quais as relações precisam ser estudadas através desta ótica, em que se passam através dos três eixos, para que possam ser dados às respectivas relevâncias entre esses três aspectos. Que segundo o autor Guattari: “Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (1990, p.51).

Sendo esses três pontos fundamentais para preservação do meio ambiente e todo o seu ecossistema, buscamos refletir sobre as ações humanas em tempos modernos e consumistas, em que as populações crescem desenfreadas em diversos aspectos e por consequência em suas relações com o meio ambiente acaba sendo afetado, alterado e até mesmo transformado pelo tempo.

Percebe-se que, na região da comunidade Praia de Itapuã, as ações governamentais, entre setores públicos e privados de uma sociedade em constante modernização e urbanizada, tentam com os grandes empreendimentos aos poucos ir encurralando a comunidade e enfraquecendo o setor da pesca artesanal, contribuindo assim para os conflitos na comunidade.

As ações do poder público tendem a evidenciar uma maior gentrificação na região da comunidade e alavancar economicamente a exploração das belezas naturais locais à mercê do grupo da pesca. Segundo Guattari: “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações

técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico” (GUATTARI, 1990, p. 07). Neste sentido, observa-se que o aumento da população acelerada e desenfreada em questões demográficas, acaba por contribuir para investidas do setor capitalista em querer evidenciar as classes privilegiadas e em urbanizar cada vez mais esse tipo de região. Guattari (1990, p.15) esclarece que: “A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser- em grupo”

Nesse contexto, por mais que a comunidade seja entrelaçada por um saber-fazer de modos que contribua para a cultura e diversidade do povo, mesmo o conhecimento tradicional por meio da pesca artesanal, a taxidermia, o beneficiamento do sururu são práticas em que as instituições públicas devem dialogar de forma que seja significativo e produtivo não só para reforçar estudos científicos, como também para validar o conhecimento tradicional e reforça o saber-fazer dessas comunidades. Sendo que essas comunidades promovem e colaboram a discussão e reflexões em que Leff (2015) propõe em âmbitos dos saberes ambientais em que esses sujeitos agem de forma a preservar, domesticar o meio natural com suas condutas sustentáveis e o conhecimento tradicional é um grande aliado desses atores sociais nas práticas de proteção do meio ambiente.

Observa-se, com isto, que esse saber-fazer entre os pescadores e marisqueiras da comunidade proporciona aos indivíduos aprendizado que se traduz em modo cultural de nossa sociedade. Percebe-se que pouco se valorizam as questões culturais que a comunidade promove. Isto vai ao encontro das observações de Guattari de que: “Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais” (1990, p. 25).

Ocorre que esse modo de vida tradicional parece não ser relevante a ponto de gerar investimentos para permanência e continuidade de suas tradições já que não promove economicamente recursos satisfatório ao sistema capitalista de nossa sociedade. De modo contrário, há os aspectos rentáveis, como no caso dos grandes empreendimentos imobiliários residenciais na região e também as relações com o

turismo, através das paisagens naturais como a ilha de Pituã e Itatiaia, localidade privilegiada em que se enquadra a comunidade de Praia de Itapuã.

Segundo o conceito de Leff (2015), os saberes começam a se desenvolver através dos acontecimentos que ocorrem e se desencadeiam por meio das crises ambientais, a partir daí os indivíduos recorrem a estratégias e buscam a construção de uma nova racionalidade social, motivados por sistemas democráticos, sustentabilidade ecológica, diversidade cultural como também equidade social, o que permite a construção e desenvolvimento de um saber entre meios e fins em que os sujeitos entendam, que a existência se passa na complexidade e na subsistência com o meio ambiente. Assim, conforme Catherine Prost reconhece:

O conhecimento coletivo das populações tradicionais se localiza em um nível intermediário, o dos ecossistemas. Ora, é dentro dos contextos sociais e ecológicos onde as populações perfazem suas experimentações, inovam e se adaptam às mudanças sócio espaciais (PROST, 2007, p.151).

Com isso, é necessário levar em conta as relações entre comunidade, poder público, cidadania e reconhecimento, sendo um ponto relevante nas discussões referentes aos saberes na atualidade. Os estudiosos sobre o tema e o conceito do saber buscam promover discussões em que, as interdisciplinaridades dos conteúdos relacionados a biodiversidade do nosso ecossistema tenham necessidade de validar com os modos de vida culturais e tradicionais das comunidades e grupos como este, da qual abordamos durante este estudo, em que: os saberes ocorrem de modos e por meio do contato direto com o meio ambiente. Sendo assim, esses conceitos estão interligados e juntos promovem complexidade e urgência de conscientização cada vez mais em modos sustentáveis e democráticos de nossa população. Para Prost:

É preciso uma perspectiva interdisciplinar geográfica onde o social é considerado uma parcela do meio ambiente e onde a natureza, antes de constituir uma soma de recursos naturais, possui dinâmica própria que influencia a estruturação do espaço geográfico. Uma primeira razão da participação da população local no manejo dos recursos reside nos saberes empíricos acumulados sobre a natureza, formando uma base valiosa de partida para um plano de manejo. Além disso, o envolvimento da população incentiva uma melhor adesão às regras e a emergência de uma consciência sustentável (PROST, 2007, p.150).

É necessário repensar e analisar o modo como a comunidade e a sociedade se relacionam e como interferem no meio ambiente e os efeitos que isso tem sobre os aspectos simbólicos dos sujeitos inseridos nesse meio. Que segundo Leff:

O ambiente é integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica: a natureza superexplorada e a degradação socioambiental, a perda de diversidade biológica e cultural, a pobreza associada à destruição do patrimônio de recursos dos povos e à dissolução de suas identidades étnicas, a desigual distribuição dos custos ecológicos do crescimento e a deterioração da qualidade de vida. (2015, p.224)

Segundo Leff (2015), os saberes ocorrem de modo e forma em que as interações sociais entre os sujeitos e o meio ambiente são reinventados, pensados e articulados por meio de conhecimentos que promovam métodos e teorias que estejam baseados na sustentabilidade. Os resultados devem ser validados com qualidade a fim de que promovam a diversidade da cultura e dos saberes envolvendo a atividade pesqueira. Conforme Silva:

Um caminho mais árduo, porém, de efetivos resultados, é considerar, também nas estatísticas, a diversidade cultural e saberes tradicionais das comunidades pesqueiras, o que facilitaria as coletas de dados contínuos e de qualidade sob a perspectiva das comunidades pesqueiras (2014, p. 20).

A coleta dos dados com qualidade, a diversidade, como também outros instrumentos são peças fundamentais com as quais os pescadores artesanais têm contato e manejo com o meio ambiente, o que promove o desenvolvimento de saberes de povos tradicionais.

Conforme Catherine Prost (2007, p.150) relata: “Graças à observação da natureza, de seus ciclos, das tentativas de manejo bem-sucedida ou fracassada, as populações tradicionais vão acumulando uma experiência crucial”. Por meio de seus saberes e memórias, pescadores e marisqueiras tendem a preservar e colaborar com o meio ambiente em formas mais sustentáveis. Os estudos buscam evidenciar ações que tenham intenções de promover indivíduos que priorize, revigore e vitalize o meio ambiente, sinalizando ações ocorridas por intervenções humanas que acabam por alterar ou degradar o meio ambiente e seu ecossistema. Conforme Prost:

Também se agregam neste grupo pescadores da costa brasileira que utilizam bombas para aumentar a captura de forma considerável, embora saibam que

essa prática prejudica a regeneração dos ecossistemas costeiros. A contemplação desses grupos como tradicionais se justifica na medida em que um processo de planejamento e gestão ambiental comunitária pode ser deslanchado, uma vez que tais grupos ainda conservam os conhecimentos necessários para a formulação de um plano de manejo sustentável. (2007, p.151)

Leff (2015) aborda nas suas discussões sobre o saber que as intervenções humanas acabam por “capitalizar a natureza”, termo utilizado pelo autor para nomear e buscar compreensão nas demandas e nos fatores em que o meio ambiente acaba sendo utilizado como um produto de comercialização. Isso acaba por modificar e alterar recursos naturais, promovendo a escassez em modos socioambientais e ecológicos nas relações com o meio ambiente.

Esses três fatores – saberes tradicionais, maior adesão às regras de uso e emergência de uma consciência ambiental – estão estreitamente ligados, uma vez que as normas de preservação ambiental alcançadas por meio das decisões coletivas contribuem para que cada indivíduo se sinta corresponsável pela preservação ambiental, necessária à manutenção do grupo social como um todo e a sua reprodução no tempo. (PROST, 2007, p.154)

Os modos de vida como Leff (2015) visualiza os saberes percorrem meios que abordam ser válidos o conhecimento tanto nas formas tradicionais, como também os conhecimentos científicos. É importante validar práticas, experiências junto com a teoria. Saberes que se encontram, na atualidade, entrelaçados. Estes são pontos favoráveis que agregam indivíduos, sociedade e meio ambiente. E através desses saberes são construídas as relações e a dinâmica das comunidades em buscar soluções sustentáveis e de preservação nas ações com o meio ambiente. Estes pontos são relevantes para existência e convívio das relações em sociedade. Observando que é necessário analisar essa complexidade que envolve as relações com o meio ambiente. Essas relações entre a pesca artesanal, o território e as comunidades tradicionais procuram identificar os sujeitos e enaltecer a cultura popular de nossa história. De acordo com Silva:

Sua distribuição no território brasileiro está associada ao processo de colonização e mescla cultural. Entretanto, a pesca sempre foi exercida por pequenos produtores rurais, agrupados em comunidades conhecida como tradicionais e caracterizadas pelo manejo dos recursos naturais exercidos ao longo de sua permanência em determinado território (SILVA, 2014, p. 15).

Por meio das trocas sociais que ocorrem com o meio ambiente no território, esses sujeitos colaboram e caracterizam o manejo dos recursos naturais. Tal atitude

contribui para identificar e demarcar o espaço de uma determinada comunidade. Porém Leff (2015) argumenta que as diversas formas de conhecimento nas relações sociais são válidas e legítimas para a diversidade de nossa sociedade.

Desta maneira, é necessário promover ações sustentáveis que priorizem a educação como um fator aliado à preservação do meio ambiente. Neste sentido, o reconhecimento do ambiente como sujeito de direitos depende de não ignorar as diversas formas de saber e sim somar em busca de fortalecer os conhecimentos e promover ações democráticas em nossa sociedade. Os encontros promovidos por instituições – estado, governo – buscam discussões que favoreçam os pescadores e reconheçam esses saberes como válidos em busca de soluções e problemas envolvendo o setor da pesca. Conforme aborda Silva:

Os fóruns de pesca são espaços de discussão, não regulamentados, que promovem a organização e discussão dos principais problemas da pesca e a busca de soluções. Os debates são estimulados por instituições governamentais e não governamentais e geralmente possuem o objetivo de mitigar conflitos entre a atividade pesqueira e outras atividades (turismo, esporte, etc.) (SILVA, 2014, p.22)

Através deste recurso os pescadores são vistos como principais atores sociais relacionados à comunidade pesqueira, o que procura fortalecer o setor, por meio de estudos, pesquisas e experiências em modos coletivos enquanto sociedade contemporânea e moderna. De acordo com Catherine Prost:

Experiências no mundo inteiro revelam o quanto as comunidades são importantes auxiliares no manejo dos recursos naturais, quando um processo de participação efetiva é estabelecido, apresentando informações, sugestões e até avaliações preciosas. O novo profissionalismo deve, portanto, abandonar o enfoque de ensino junto às comunidades locais para se voltar para uma metodologia de aprendizagem coletiva, em que técnicos, cientistas e populações tradicionais interajam em prol da proteção socioambiental. (2007, p.152)

Os povos tradicionais e o seu conhecimento tradicional construído no manejo direto com o meio ambiente buscam validar o saber-fazer reafirmando a categoria dos pescadores artesanais e marisqueiras como um conhecimento que seja significativo para modos sustentáveis em busca do conceito em que Leff (2015) problematiza a discutir sobre o saber ambiental. O que acaba por promover os saberes dos povos tradicionais,

como no caso dos pescadores artesanais em todo o território brasileiro, colaborando com as diferenças de nossa cultura e a diversidade de nossa nação.

Visualizamos que as configurações em ser pescador e marisqueiras são pontuadas por meio das tradições quando um avô ensina seu neto a pescar, quando o irmão mais velho leva seu irmão mais novo para a beira da praia para pescar. São as práticas, as maneiras, os modos, os costumes que são passados de geração em geração. A comunidade através das relações sociais e no constante contato com o meio ambiente por meio da tradição promove essa configuração Elias (1897) nos sujeitos da comunidade pesqueira ao se declararem pescadores artesanais em Itapuã. Foi através dos ensinamentos e conhecimentos que seus ancestrais trouxeram para esses sujeitos que eles se configuraram em comunidade de pesca artesanal.

Esse conhecimento tradicional, essa conscientização de um saber ambiental, segundo Leff (2015), esses sujeitos a desenvolverem, ao longo de sua história de vida, por meio das tradições de seus ancestrais a configuração como esses sujeitos agem e se comportam no coletivo de sua comunidade de pesca ao se enquadrar no padrão dentro da atividade pesqueira artesanal de acordo com as demandas burocráticas que regulamentam o setor da pesca. É preciso saber sobre os padrões normativos em que os sujeitos estão inseridos nos coletivos de uma determinada sociedade. Observamos abaixo, conforme o trecho do livro “Os estabelecidos e Outsiders”, em que os autores pontuam esta questão diante da situação da comunidade de Winston Parva, na Inglaterra;

Os indivíduos exerciam considerável pressão uns sobre os outros, para que todos se conformassem a imagem coletiva da comunidade na fala e no comportamento; nesse padrão de controle da vizinhança, as redes familiares mais altamente respeitadas ocupavam uma posição chave: enquanto tinham poder suficiente, agiam como guardiãs da imagem comunitária e das opiniões e atitudes aprovadas. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 55)

A partir deste contexto, visualizamos que os sujeitos estão a todo o momento se transformando e se adequando às configurações de determinado grupo ou sociedade. Há de se considerar as formas de controle pelas quais os sujeitos passam mediante as configurações que lhes são impostas pela sociedade.

Em destaque, pontuamos o exemplo do Sr. Espada quando realiza a técnica da taxidermia. Ele seguiu os comandos de seu amigo que lhe ensinou como realizar a técnica da taxidermia para, assim, realizar o empalhamento das espécies marítimas. Sr. Espada se configura na comunidade de diversas formas: quando ele realiza a taxidermia, quando ele vai ao mar com outros pescadores ajudar na pesca em alto mar e precisa seguir os comandos do mestre do barco para que a pesca seja realizada com sucesso. Outro modo como podemos visualizar no conceito de Norbert Elias (1897) em que os sujeitos da comunidade se configuram **como pescadores é** quando esses sujeitos seguem as regras e normas relacionadas ao defeso.

Período em que os pescadores devem obedecer às fiscalizações para realizar a pesca de forma a atender as demandas burocráticas que se enquadram na atividade pesqueira de forma profissional. Outra situação que se configura em pescadores artesanais acontece quando esses sujeitos necessitam de uma carteira de identificação para se enquadrar em determinado grupo, seguindo as regras, normas e condutas para fazer uso daquele título estipulado pela categoria profissional. Esses sujeitos se configuram ao se enquadrar no indivíduo pescador da comunidade tradicional e, ao se identificar como pescador, atende a determinadas funções na comunidade.

Quando partimos para enquadrar os sujeitos pescadores no conceito de configurações de Elias (1897), a partir das práticas e modo de vida tradicional que ele leva, diferente da sociedade do entorno, em que ele segue a tradição de seus familiares. Observamos que isto mais acontece com os sujeitos de meia idade ou idoso na comunidade. Geralmente, os filhos em sua maioria os jovens, não seguem a tradição da pesca por fatores que envolvem as dificuldades de ser pescadores na atualidade. Então, destacamos que esses sujeitos fogem à configuração de pescadores na tradição de seus familiares e se veem estimulados a se configurar conforme determinada sociedade capitalista que prioriza os estudos e outros modos de se desenvolver em atividades profissionais que promovem o consumo, às vezes excessivo, e demandas que são promovidas para justificar às necessidades do mundo contemporâneo cada vez mais tecnológico e consumista.

A partir das diferenças e posições sociais, podemos refletir sobre o exemplo do jovem Badejo. Ele sentiu necessidade de deixar a comunidade para percorrer novas áreas de acordo com outras necessidades que fogem as configurações de pescadores e marisqueiras na comunidade pesqueira. São as transformações e as mudanças impostas pela sociedade que estimulam os sujeitos a não fazer parte de determinada configuração que antigamente ele fazia.

As relações crescem, transformam e promovem novas formas e modos de se configurar buscando atender demandas capitalistas da sociedade contemporânea. Necessidades, às vezes, contrárias aos modos tradicionais de uma comunidade pesqueira e de constante contato com meio ambiente. Neste sentido, contextualizamos quando os autores Elias e Scotson (2000) trazem em seu livro “Os Estabelecidos e Outsiders” a discussão sobre as diferenças sociais entre a comunidade de Winston Parva; o que nos chama atenção na diferença da estratificação social que se encontra entre a comunidade de pescadores artesanais de Itapuã e a sociedade do entorno com seus prédios luxuosos, seus meios de transportes em carros de luxos, contrariando as casas humildes dos pescadores e seus barcos de pequeno porte, atracados na beira da praia. Vale, então, refletir sobre esse trecho do livro:

Havia, portanto, diferenças consideráveis entre os antigos residentes e os recém-chegados. Não foi fácil encontrar conceitos adequados para expressá-las. Elas representavam uma forma distinta de estratificação social. Os imigrantes compunham um quadro social de nível inferior ao dos operários residentes já estabelecidos, mas dificilmente poderíamos referir-nos às diferenças entre as duas zonas operárias como diferenças de classe. Falar de diferenças puras e simples de status seria enganoso, porque essa expressão costuma aplicar-se a diferenças na hierarquia das famílias dentro de uma mesma região. O que se constatava em Winston Parva eram diferenças na posição social dos três bairros em si. Elas se expressavam sob a forma de atritos, que passaram a ocorrer tão logo os antigos residentes e os recém-chegados começaram a se avaliar mutuamente. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 63)

Diante de algumas narrativas dos sujeitos representativos da comunidade, observamos muitas vezes as relações de disputas entre o território pesqueiro privilegiado entre os grandes empreendimentos; Estrela costuma levantar essa discussão em suas narrativas. Em uma delas, ela relata a questão de toda a orla ter chuveiros para os banhistas, moradores fazerem uso, porém na região que contempla a comunidade não foram instalados chuveiros. Ao reivindicarem às instituições públicas, ouviram sobre a

hipóteses de que, para instalação dos chuveiros, seria preciso instalar hidrômetros para medir e cobrar o gasto da água utilizada pelos chuveiros instalados, sendo que isto não acontece no restante da orla. Então, muito nos chama atenção quando a comunidade traz esses relatos sobre as questões sociopolíticas que atravessam a comunidade e marca o território pesqueiro de disputas.

O território pesqueiro é marcado por disputas. Esses sujeitos pescadores e marisqueiras da comunidade se veem ameaçados a modificar suas ações e práticas em benefício das necessidades urbanísticas e tecnológicas que cada vez mais avançam sobre a comunidade pesqueira de Itapuã.

A comunidade se vê encurralada pelos grandes empreendimentos e cada vez aumentam as construções no entorno da comunidade. A marisqueira Estrela (2019) relata, em sua entrevista, que o sol já não bate mais na praia como antigamente, devido a essas grandes construções na beira da praia. Quanto à falta de investimento no setor pesqueiro artesanal, a marisqueira enfatiza que enfraquece a comunidade e desestimula os pescadores e marisqueiras da comunidade. A comunidade e seus sujeitos se veem ameaçados a modificar e alterar seu modo de vida tradicional. Desse modo, eles muitas vezes são obrigados a se configurar não mais como população tradicional, mas como submetidos e forçados a se retirar devido a fatores que supervalorizam o território pesqueiro com as grandes investidas dos setores privados e os grandes empreendimentos na região.

Outro ponto que podemos levantar para reflexão sobre as configurações no conceito de Norbert Elias (1897) quando Elias e Scotson (2000) iniciam seu capítulo I do livro “Os Estabelecidos e Outsiders” em que eles relacionam as diferenças encontradas ali no Vilarejo da comunidade de Winston Parva, na Inglaterra em que os moradores fazem a diferenciação entre as zonas 1, 2 e 3 em que as zonas 1 e 2 se mostravam superiores a zona 3 sendo que as estruturas das zonas percebiam se ser as mesmas. Mas as relações sociais que atravessavam essas comunidades se mostravam divergentes quando a zona 1 se considerava superiores as outras zonas. Agora ficam as hipóteses sobre os motivos pelas quais eles se sentiam superiores as outras zonas.

Diante deste contexto, partimos para a comunidade pesqueira de Itapuã em que a sociedade do entorno, os moradores dos prédios de luxo na região se sentem incomodadas com os pescadores e marisqueiras quando acendem sua lenha e fazem o beneficiamento do sururu na beira da praia, prática realizada há mais de 40 anos na região conforme Estrela (2019) relata em suas narrativas. Assim, ela diz: “meus avôs queimavam lenha aqui na beira da praia, chegamos aqui na região bem antes de existir esses prédios na comunidade”. Segundo o pensamento dos autores Elias e Scotson, (2000) de fato ocorre ao contrário na comunidade de Itapuã; os novatos que se acham no direito de se sentir pertencentes à região na qual a comunidade de pescadores está há pelo menos cinco gerações onde já estiveram seus primeiros ancestrais. “Em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de “se enquadrar”. (ELIAS; SCOTSON; 2000; p 65). Em ambas as situações observamos o controle social como pontos chaves que regem as sociedades e colocam à prova para as discussões.

Diante deste fato, a sociedade do entorno não reconhece como potente os saberes dessa comunidade, as configurações de pescadores e marisqueiras são colocadas à prova e a comunidade nativa, que há anos se instalou na região, se vê encurralada pela configuração da sociedade em que os modos de vida não permitem as condições de trabalho dessa população tradicional.

A configuração potente e significativa da sociedade moderna urbanizada promove disputas no território pesqueiro. Os moradores, as instituições públicas e privadas promovem a gentrificação na comunidade, os membros da comunidade se veem obrigados a vender seus terrenos, o que muitos ali já fizeram, devido à região ser supervalorizada e o custo de vida da comunidade não condizer com os rendimentos de uma população tradicional, o que força muitas vezes os pescadores e marisqueiras se retirarem da comunidade devido a essas demandas urbanas e as transformações civilizatórias não valorizarem esse tipo de população, ela se torna marginalizada pela sociedade.

Concluimos que as relações de poderes são colocadas à mostra e as configurações dos sujeitos e indivíduos marginalizados da comunidade de pescadores e marisqueiras em Itapuã se mostram cada vez mais ameaçadas conforme o passar do tempo. Os grupos prioritários impõem a sua configuração à comunidade que vive de modo tradicional no território pesqueiro. O constante manejo com o meio natural se tornou hábito de vida, contrariando a sociedade contemporânea que se torna refém das tecnologias e modos de vida cada vez mais urbanizados e super-exploradores da natureza, como se o ecossistema fosse uma fonte de recursos infinitos.

Por esses fatores esta dissertação já que se torna relevante para visibilizar a comunidade pesqueira ao enaltecer os saberes na construção da história social desses sujeitos e promover a configuração de se fazer pescador e marisqueira como potentes, significativos na construção da cultura local capixaba.

3. A HISTÓRIA CONTADA DA COMUNIDADE DE PESCADORES E MARISQUEIRAS DE ITAPUÃ

Discutir a história oral da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã, a partir de suas percepções, propõe visibilizar e protagonizar os sujeitos ali envolvidos no território pesqueiro como forma de propagar a história de vida na realidade dos sujeitos e suas contribuições para a cultura local Capixaba tendo em vista uma comunidade tradicional de pesca artesanal. Oportuniza demonstrar a própria realidade vivenciada anteriormente na comunidade até os dias de hoje.

Com isso, a história oral se mostra relevante já que os próprios sujeitos da pesquisa trazem suas narrativas a partir dos significados e a realidade de um experimentado no saber/fazer de uma comunidade tradicional de pesca artesanal. Sendo assim, permite conhecer a história de vida a ser contada pelos próprios indivíduos envolvidos nos processos sociais daquela comunidade, considerando suas próprias narrativas, dentro de suas realidades.

As configurações de pescadores e marisqueiras se mostram a todo momento atravessadas pelas demandas da sociedade contemporânea, o que nos aproxima para analisar as transformações e as regras e normas impostas no território pesqueiro atravessadas nas relações socioambientais e sociopolíticas das quais a comunidade vem convivendo com bastante relevância nos últimos anos, diante das intervenções antrópicas no manejo com o meio ambiente. Neste contexto, de acordo com Norbert Elias (1897), os indivíduos se configuram a partir da realidade nas quais estão imersos. Ainda, de acordo com os autores Elias e Scotson (2000), os indivíduos se configuram a partir da existência e da correlação com o outro em âmbitos coletivos.

Além da oportunidade de sujeitos marginalizados se mostrarem para a sociedade do entorno e promover a resistência e propagar quem de fato é nativo no território pesqueiro disputado pelas demandas urbanísticas na atualidade. Neste sentido, a oralidade busca promover um protagonismo na comunidade a partir das vivências e a realidade dos próprios sujeitos de como eles vivenciaram, entre suas interpretações e os

sentidos que lhe foram dados ao longo de sua existência. Dessa forma, os sujeitos são atravessados pelas demandas urbanísticas e moderna da sociedade, mas nem sempre as transformações e as dinâmicas em um modo de vida tradicional os sujeitos se configuram da mesma forma, o que oportuniza diversos olhares a partir da vivência na comunidade pesqueira.

Conforme enfatizado nos capítulos anteriores, as histórias orais nessas narrativas priorizam o discurso de alguns indivíduos, mas tendo em vista que se pretende compreender o meio social no qual estes sujeitos estão inseridos (LE VEN; FARIA *et al*; 1993). Sendo assim, a história de vida traz marcas do coletivo. Torna-se relevante esta metodologia em história oral já que os indivíduos contribuem para reflexões tanto em âmbitos sociais em sua comunidade, como também reforça as discussões acadêmicas em que os sujeitos e o pesquisador colaborem para a construção de processos mais democráticos para a sociedade.

Compreender a comunidade, a partir do seu início, promove analisar as configurações na identidade de ser pescadores e marisqueiras e atribuir significados e sentidos por meio de sua realidade na atualidade. Conforme os sujeitos vão sendo afetados pelas transformações sofridas diariamente ao estar inseridos numa comunidade de pesca artesanal em que os modos de vida são diferenciados da sociedade capitalista e urbanizada, permite-se analisar as diversas formas de configuração desses sujeitos. Muitas vezes, essas comunidades se mostram forçadas a promover outras configurações na identidade de pescadores e marisqueiras e se adequar com as demandas tecnológicas que a sociedade impõe em determinadas situações.

Por exemplo as tecnologias que vão ganhando força na pesca artesanal já que os barcos de pequeno porte possuem motor e antigamente os pescadores não faziam uso desta tecnologia. Isso mostra avanço na modalidade de pesca artesanal. Muito do que se vê hoje na comunidade são mudanças urbanistas e tecnológicas que a comunidade vem sofrendo com a passar do tempo e que muito acarreta nos desafios que a comunidade enfrenta como a escassez dos pescados nos últimos anos, falta de incentivo das instituições públicas e investidas no território pesqueiro obrigam

configurações desses sujeitos para se movimentarem conforme as demandas vão atravessando cada indivíduo entre suas práticas tradicionais na comunidade.

3.1 O INÍCIO DA COMUNIDADE PESQUEIRA

O objetivo desta seção é analisar como as mudanças e transformações atravessam a comunidade e os próprios sujeitos visto que diante das dinâmicas e fluxo alterados há a necessidade de reinventar e configurar outros modos de existir. A metodologia em história oral se torna relevante na realidade desta comunidade já que as narrativas são pontos fundamentais na construção da história social desses sujeitos.

Nessa perspectiva, compreender como a comunidade se instalou através das narrativas dos sujeitos, as suas relações no território pesqueiro nos ajudam a analisar as diferentes configurações que existem na comunidade nos dias de hoje. Neste contexto a história social desses sujeitos são atravessadas por dinâmicas urbanísticas que inviabilizam a comunidade, desfavorecendo essa população tradicional como fator potente e significativo no manejo ao meio ambiente.

Compreender as configurações desses sujeitos nos possibilita analisar suas ações e práticas na dinâmica da comunidade e na realidade de cada um conforme seu modo de vida e sua identidade de pescadores e marisqueiras se tornam não mais estáticas conforme antigamente. Configura-se o pescador por ter sido imerso na comunidade pesqueira artesanal com as tradições culturais dos ancestrais e pelo processo histórico marcado pelos pioneiros quando se trata da pesca artesanal nas sociedades. De acordo com Elias (1980) as configurações são elásticas, elas se movem, flutuam diante do contexto social que os sujeitos estão inseridos.

As configurações, conforme Elias define (1980), se passam como num jogo, o jogo não somente se define nas regras, mas, também pela dinâmica das ações. Compreender a dinâmica das relações que se passa no território pesqueiro se mostra bastante sólido junto ao processo histórico de toda a comunidade ao longo dos anos.

Nesta perspectiva, buscamos analisar como se deu o início da comunidade na região, para assim compreender as mudanças e as configurações na comunidade pesqueira de Itapuã na atualidade. A antiga Vila como ficou conhecida, no início, era habitada apenas por pescadores. Não havia luz, água, energia, pavimentação das ruas, nem mesmo ruas de terra batida que ligassem o povoado ao centro de Vila Velha. Havia apenas barracões de pesca e residências (SILVA, 2011).

A Praia de Itapuã, por volta do ano de 1965, apresentava apenas 3 casas em construção, as ruas eram de areia e o acesso à praia passava por matos e árvores frutíferas no caminho. Foi por volta dos anos 70 que começaram as construções de conjuntos habitacionais na região e, em torno do ano de 75, iniciaram os prédios em Itapuã. Na década de 80, surgiram casas populares. Contrariando os aspectos de hoje quando a maioria das moradias são prédios luxuosos em torno da comunidade. (MORRO DO MORENO, 2010)

O modo de vida diferenciado dessas comunidades tradicionais difere das grandes civilizações urbanizadas, modernas e globalizadas que evidenciam a era tecnológica na qual estamos vivenciando. São por meio das normas, regras, tradições culturais que se constroem ao longo do tempo num processo histórico que se limita a definir o modo de vida das sociedades modernas. (MOZINE; 2010). A pesca artesanal é uma prática bastante antiga, mas permanece até os dias de hoje sendo uma atividade que veio sendo estabelecida por grandes civilizações conforme seus ancestrais e se torna relevante para a economia e cultura local.

Na comunidade de Praia de Itapuã ocorre a pesca artesanal que se caracteriza por utilizar de maior esforço braçal do pescador e por fazer uso de embarcações menores e poucos recursos tecnológicos ou mesmo quase nenhum. De acordo com Garcia (2015, p. 50) “A pesca artesanal caracteriza-se pela simplicidade das tecnologias empregadas, pelo baixo custo, pelo fato de ser cultivada, em grande parte, por grupos com vínculos de parentesco, com o objetivo de subsistência familiar e comercialização em baixa escala”. Dentre os modos de vida destes sujeitos pescadores e marisqueiras artesanais, observamos que a caracterização desses indivíduos se enquadra no aspecto de uma comunidade tradicional.

O modo de vida e a identidade dos pescadores e marisqueiras se mostra diferenciado ao do início da comunidade. Hoje em dia as casas dos pescadores são moradias com instalações elétricas, água encanada, as ruas foram pavimentadas e o entorno da comunidade está totalmente urbanizado com os prédios luxuosos na região.

As dinâmicas urbanísticas da sociedade moderna interferem no modo de vida desses sujeitos e os obrigam a se configurar de outras maneiras. Houve a necessidade de se reinventar conforme as demandas e a dinâmica foram sendo atravessadas no território pesqueiro e os sujeitos tendo que se adaptar às novas configurações da sociedade moderna. Conforme relata a marisqueira, Estrela:

[...] esse prédio não tem 48 anos, aquele prédio não tem não tem 48 anos, não tem a minha idade, eu tenho certeza que não tem, eu vi eles construindo, eu vi então eu cheguei aqui primeiro, eu comecei a morrer 105 anos, minha avó morreu 3 anos atrás com 98 anos, então elas começaram aqui primeiro, um senhor daqui morreu com Seu João de Zé morreu com cento e poucos anos acho o pessoal chegou a fazer entrevista com ele também, então são pessoas nativas, que eles começaram a comunicar isso aqui, fundar isso aqui praticamente, entendeu? (ESTRELA, 2020)

Por meio das narrativas de Estrela (2020) observamos que há pelo menos 3 gerações a comunidade já apresentava indícios da pesca artesanal na região pelos seus ancestrais, avôs, bisavôs que já realizavam a atividade pesqueira na região. As intervenções urbanas na região negam os saberes ambientais dessa população nativa na região há anos. Ela acrescenta:

Ah eu fui nascida e criada aqui, bem eu sou nascida e criada aqui, sou da família de pescadores, meus avôs, minha mãe, meu pai tudo mexia com pesca, tudo assim direcionado a pesca eu nasci e cresci vendo isso e to aqui até hoje; (ESTRELA, 2020)

O saber ambiental proporciona novos métodos e meios divergentes que possam aparecer diante da trajetória construída na constante transformação que sofrem o meio ambiente e os indivíduos em sua sociedade. Tal saber busca compreender que diante dos impactos socioambientais, das transformações que sofrem os sujeitos em determinadas sociedades permitindo assim um entendimento diante das experiências não científicas em que os sujeitos tiveram com o meio ambiente.

Sendo assim as relações sociais são reinventadas para que possa ser articulado um saber diverso e potente para as demandas emancipadoras em que esses sujeitos estão inseridos na sociedade contemporânea. Neste sentido, conforme Leff:

O saber ambiental se inscreve num processo de construção de uma nova racionalidade produtiva e de novos processos civilizatórios. Neste sentido, o saber ambiental surge como um processo de revalorização das identidades culturais, das práticas tradicionais e dos processos produtivos das populações urbanas, camponesas e indígenas; oferece novas perspectivas para a reapropriação subjetiva da realidade; abre um diálogo entre o conhecimento e saber no encontro do tradicional com o moderno (2015, p.232).

A prática da atividade pesqueira artesanal, conforme relatos da marisqueira Estrela (2020), utiliza o conhecimento tradicional, os ensinamentos de seus familiares desde o início na infância quando as crianças da comunidade viviam na beira da praia e aprendiam a pescar, fazer o beneficiamento do sururu. Desde bem pequenos eles já começavam a tomar gosto pela prática pesqueira. Ainda acrescenta:

Olha, filho de pescador é assim, desde de pequeninho de criança, primeiro que pescador, pai e mãe não tem com quem deixar criança, as vezes eu até trago meus netos; a maioria das vezes meus netos está aqui comigo; já tão aprendendo, os dois maiorzinhos já falaram que é isso que querem fazer, entendeu? Então devidamente por estar sempre junto, está olhando eles vão tomando gosto, vai vendo, vai aprendendo, entendeu, vai tomar esse marzão que Deus deu, isso aqui é uma coisa maravilhosa, a gente sabendo trabalhar, sabendo lidar com as coisas, a gente não passa necessidade (ESTRELA,2020).

Do relato de Estrela, temos uma expressão do Saber Ambiental que, segundo Leff: “[...] constitui novas identidade e interesses, onde surgem os atores sociais que mobilizam a construção de uma racionalidade ambiental” (2015, p.235)

Neste contexto, citamos Diegues que promove discussões que pretendem visibilizar os povos tradicionais e seus conhecimentos entre o saber/fazer no manejo com o meio ambiente e se tornam relevantes as práticas sustentáveis desses indivíduos. Seus saberes são transmitidos oralmente por seus ancestrais no modo de vida da comunidade tradicional. Para o autor:

O conhecimento tradicional na pesca é entendido como um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber-fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida. (DIEGUES, 2004, p. 2).

O modo de vida do pescador, sua tradição, sua cultura permanece junto ao território demarcado pelo espaço geográfico. Suas raízes foram sendo construídas ao longo de anos em que carregam suas histórias de vida para a atualidade. Seu modo de existir vai além, é herança de um povo, um modo de vida diferenciado, alimentado há anos que não pode e não deve ser negado o saber/fazer na existência desses sujeitos.

Pescadores e marisqueiras precisam e devem ser levados em consideração tanto nos aspectos culturais, sociais e econômicos de nossa sociedade; até porque são marginalizados pelas investidas da sociedade moderna já que suas ações são pautadas na natureza como uma fonte inesgotável de recursos, o que contraria as práticas de uma racionalidade ambiental versos a racionalidade econômica da sociedade moderna (LEFF,2010).

As demandas urbanísticas se aceleram na região, a narrativa dos sujeitos nativos da comunidade reafirma a existência da comunidade há longos anos e a modalidade da pesca favorável no território ainda vem sendo praticada. Outra narrativa da jovem reafirma a existência da comunidade há anos na região e as práticas que já vinham sendo desenvolvidas desde daquela época e permanecem até os dias de hoje por meio das tradições familiares na comunidade pesqueira. Nesse sentido, Pescada, uma jovem filha de pescadores, acrescenta:

Tradições é tudo isso que nois vivemos aqui; porque não mudou muita coisa; então a pesca é uma tradição porque a gente segue isso a muito tempo e o sururu também, meus avôs iam na ilha e tiravam sururu, meu pai hoje vai na ilha e tira o sururu, isso pra mim é uma tradição, é o que nós estamos seguindo; (PESCADA, 2020)

Contrapomos as narrativas de dois membros da comunidade entre uma jovem e uma idosa e ambas relataram as práticas tradicionais há anos na região. Sendo assim, a Dona Arraia (2020) que foi membro ativo na comunidade durante mais de 59 anos, com seu relato, reafirma a tradição da pesca ali na região em torno dos anos 60. Relata que aos 18 anos casou e foi morar na comunidade com seu esposo que era pescador, dando início a sua história na comunidade de muito trabalho e empatia com os demais membros. Isto se vê no seguinte relato:

Casei, vim morar aqui em 1961, aqui aprendi a fazer rede, consertar rede, aí fiquei consertando redes para ajudar nas despesas de casa (ARRAIA,2020).

Fator relevante que precisa ser pontuado na história da comunidade é a existência da extinta escola que havia na sede da colônia de pescadores na comunidade e marcou a trajetória da Arraia (2020) na comunidade; trabalhou na escola que tinha sede na colônia por anos, lá deixou seu legado fraternal com as crianças onde com muita empatia exercia seu trabalho, seja fazendo a merenda na escola como também em sala de aula na ausência dos professores. Ainda acrescenta:

Aí entrei na escola, aqui na escola Maria Rita; aí fiquei trabalhando esses dias de auxiliar de serviços gerais, dos meus serviços gerais eu fui para merendeira fui até aposentar (ARRAIA,2020).

Muito se questiona na comunidade nos dias de hoje sobre a retirada da escola da comunidade. Os filhos dos pescadores tinham acesso à escola na comunidade, atendimento médico entre outras assistências sociais que nos dias de hoje se ausentam na comunidade. Isso se percebe na seguinte fala:

Aí Doutor Geraldo que trabalha aqui que era dermatologista, a senhora faz uma sopa não tem carne mais fica gostosa; eu ia nos pés de batata, arrancava aquelas folhas assim novinha, cortava tudo fininho igual couve, botava dentro da sopa, ele falava nossa tá é gostosa (ARRAIA,2020).

A saída da escola da comunidade era um dos questionamentos que os membros da comunidade sempre pontuavam nas reuniões do GAC (Grupo de Ação Cidadão) ocorridas no ano de 2019 na comunidade e realizadas pelo Projeto Redes de Cidadania, os membros tinham participação ativa e democrática nas discussões e traziam demandas envolvendo a comunidade pesqueira.

Ao trazer o conceito de Elias (1897) em Configurações para dinâmica da comunidade, nos permite concluir que diante da tradição da pesca, em que os ancestrais propagam os conhecimentos, o saber ambiental em Leff (2015) de uma conscientização de que da natureza venha ser seu principal meio de subsistência e que desde de pequenos através dos costumes e modo de vida os pescadores vão se configurando para na vida adulta a realizar a pesca artesanal como modo de sobrevivência e sustento de suas famílias, e que nem todas as famílias permanecem na configuração que se enquadra dentro da pesca artesanal na comunidade tradicional. Há a necessidade de

outras configurações pelos sujeitos da comunidade nos dias de hoje. Assim, segundo o autor:

O saber ambiental é uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida; constitui um saber que vincula os potenciais ecológicos e a produtividade neguentrópica do planeta com a criatividade cultural dos povos que o habitam. Muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do saber no mundo na relação que estabelece o ser com o pensar, com o conhecer e o atuar no mundo (LEFF, 2009, p. 18).

Conforme Leff (2009) enfatiza os indivíduos estão sujeitos a transformações nas suas relações sociais e sua forma de olhar o mundo se estabelece em redirecionar suas práticas em sociedade. Os indivíduos ali se configuram de modos, costumes e práticas dentro de uma dinâmica e fluxo diferenciado de sua sociedade do entorno.

A comunidade de pesca artesanal se configura dentro de uma racionalidade ambiental em que as atividades levam em consideração a escassez dos recursos naturais, ao contrário das práticas modernas, urbanísticas e tecnológica da sociedade contemporânea em que a racionalidade econômica se mostra em modos desenfreados de consumo excessivo do meio natural. (LEFF, 2010).

Diante das mudanças e transformações que ocorrem na sociedade moderna esses sujeitos como a comunidade pesqueira tradicional se mostram em suas configurações (ELIAS, 1897) elásticas a se moldar conforme as mudanças vão ocorrendo ao longo do tempo e construindo o processo histórico social de toda a comunidade. O que muito se mostra relevante para compreender como as demandas e transformações com o passar dos anos atravessam os sujeitos de modos alternados. O tempo é fator importante na construção da história social desses sujeitos. Compreender todo o processo envolvido durante esse tempo se mostra a promover os sentidos e significados ao longo da história de vida desses sujeitos de acordo com as realidades vivenciadas pela comunidade pesqueira e os indivíduos em suas particularidades.

3.2 DESENVOLVIMENTO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO

Compreender as demandas que a sociedade moderna impõe às populações pesqueiras artesanais se mostra relevante diante da apropriação do território pesqueiro. Assim que os primeiros habitantes da pequena Vila como era conhecida a comunidade povoaram a região o território foi sendo apropriado pelos familiares dos pescadores mais antigos que deram início as primeiras moradias e por pelos menos cinco gerações permanecem no território pesqueiro.

A comunidade de pescadores foi ao longo do tempo aumentando sua população através dos mais antigos constituindo famílias e aumentando a natalidade na região. A atividade pesqueira foi sendo passada por meio das tradições culturais na comunidade e o modo de vida tradicional e em constante contato com o meio ambiente foi se acentuando ao longo dos anos na região.

No território prevalecia a prática da atividade pesqueira na modalidade artesanal. Porém, nesse contexto dos moradores mais antigos da comunidade que tivemos acesso durante a pesquisa vale ressaltar o caso da Dona Arraia, que se casou com um pescador da comunidade e veio morar na região, assim foram aumentando as famílias na construção da história social desta comunidade. Dona Arraia (2020) esposa de pescador, teve filhos na pesca, traz em sua narrativa que algumas mudanças são percebidas na comunidade e acabam que sendo negativas a dinâmica da comunidade pesqueira tradicional segundo a sua compreensão. Conforme relata a Dona Arraia:

O que mudou foi esse asfalto, o transito mudou e prejudicou em algumas coisas; porque era duas mãos, uma indo e outra voltando e agora só indo; aí quem vende o peixe aqui na beira da praia fica contramão porque a pessoa não tem onde estacionar um carro; porque o espaço é pequeno, muito pequeno o espaço aqui; tem três filas de carros, como é que vai parar carros? (ARRAIA,2020).

De acordo com relatos de outros membros da comunidade pesqueira de Itapuã algumas mudanças se tornam imperceptíveis ao convívio de determinados indivíduos na comunidade. As mudanças muitas vezes podem ser percebidas ou não nas relações sociais em que os indivíduos com o passar do tempo com as mudanças e transformações que os sujeitos sofrem em sociedade muitas das vezes não afetam diretamente os sujeitos, mas indiretamente o que acabar tornando certas mudanças mais imperceptíveis

que outras a determinados sujeitos, o que promove diversas configurações na comunidade. Já segundo o Espada, a realidade se mostra de outra maneira, conforme sua narrativa aborda:

O que mudou foi que mudança não tem nenhuma não; mudança não têm não, têm a mesma coisa; a pessoa vai evoluindo, fazendo uma coisa diferente né, vai fazendo uma coisa e outra; a mudança é essa, os amigos aqui continuam os mesmos, na beira da praia está tudo a mesma coisa; não têm mudança não; continua do mesmo jeito; pelo menos pra nós aqui não tem mudança não (ESPADA, 2020).

Muito mais se percebe na mudança das relações sociais do que nas mudanças concretas e urbanísticas que a comunidade vem enfrentando em que boa parte do território pesqueiro vem sendo tomado pelos grandes empreendimentos na região. Já o pescador Marcus consegue perceber as mudanças de outras maneiras na realidade vivenciada por ele na comunidade.

Nessa época aqui mudou muita coisa, mudou, tipo assim o jeito dá a gente conviver com as pessoas entendeu? Um morador que chega pra gente; muita coisa também não mais uma coisinha mudou né, mudou pra melhor, mais unido, melhorou mais a situação pra gente; facilitou mais (CAÇÃO, 2020).

Porém, já no relato da jovem ela se conscientiza de que a modernidade chegou na comunidade com o calçamento da beira da praia, sendo que no início da comunidade o que podia se avistar na região era matagal, árvores e difícil acesso à beira da praia. Então, Pescada acrescenta:

Não mudou muita coisa, a história que eu sei e que, como eu tenho 22 anos é a única coisa que mudou foi a; esse calçamento que foi colocado é os pescadores que foram mudando, netos e filhos de pescadores que foram virando pescador e é isso (PESCADA, 2020).

Outro jovem pontua que as mudanças que vêm ocorrendo na comunidade são relacionadas aos passeios de barco nas Ilhas, em que os equipamentos passaram a ser motorizados tornando as travessias mais seguras e como sendo um ponto de destaque na região para a comunidade pesqueira com sua atração dos passeios na Ilhas Pituã e Itatiaia. O que se torna uma forma de promover a comunidade local de modo que seja muito procurada por turistas e moradores local no verão visibilizando a comunidade pesqueira da região. Badejo enfatiza com seu relato sobre as mudanças que ele visualiza

que ocorre na comunidade e que a modernidade nesse sentido acabou contribuindo com suas tecnologias:

enfim, primeira mudança que eu vejo hoje na comunidade eu falando sobre a questão de, sobre a questão de cultura né que vem com o avanço total em relação aos passeios nas ilhas, antes era uma coisa mais discreta, tinha né o seu valor, tinha assim seu brilho seu encanto, só que talvez a gente fazia uma coisa talvez um pouco mais irresponsável, a gente não tinha equipamento de segurança adequado, a gente não tinha equipamento motorizado pra poder fazer essas travessias, era tudo no braço, hoje eu vejo pela evolução, hoje o pessoal costuma dar mais valor, hoje todos os barcos que vivem da pesca, os raízes que vivem um bom tempo já vivendo dessa pesca conseguiram né dar um salto em relação a esse tipo de cultura e também em rendimentos; porque no verão né hoje parando pra pensar, hoje o maior ganha pão se torna assim falando de pesca se torna mais passeio nas ilhas né eu acho que essa foi uma grande evolução que teve né no meu ponto de ver; que tem um tempo que eu não acompanho de perto (BADEJO, 2020).

A comunidade foi se apropriando do território pesqueiro na região ao longo do tempo em que construíram suas relações socioambientais em constante contato com o meio ambiente de modo a promover a discussão em que o autor Leff (2010,2015) aborda entre saber ambiental: Seu conhecimento tradicional foi sendo transmitidos de geração em geração como potentes a sociedade moderna. Em que Diegues promove a discussão sobre essa população tradicional contribuir para uma a racionalidade ambiental que evidência suas práticas em modos de vida sustentáveis ao manejo com o meio ambiente. (DIEGUES,1995)

Diante da modernidade em modos avançados a adentrar a comunidade muito se observa a resistência desses sujeitos em se configurar com ações e práticas em que priorizem o manejo de forma mais sustentável possível. Não que os demais avanços não afetem e alterem seus modos com o passar do tempo, mas esses sujeitos se configuram de forma a se moldar em priorizar a natureza como um recurso sustentável e escasso e não em modos desenfreados como a sociedade moderna. Sendo assim, os pescadores ao resistir e permanecer na comunidade promovem legitimidade ao território pesqueiro e contribuem de forma que os conhecimentos ali praticados são formas mais apropriadas de lidar com os recursos naturais e o quanto as configurações na identidade de pescador e marisqueira na comunidade reafirmam a existência no modo de vida da comunidade pesqueira na região.

3.3. CONFIGURAÇÃO ATUAL DA COMUNIDADE

A configuração atual da comunidade pesqueira de Itapuã se mostra modificada pelos atravessamentos da sociedade moderna. Hoje se avista, na paisagem bela da Praia de Itapuã junto aos barcos de pequeno porte atracados na beira da praia, o contraste dos prédios luxuosos cada vez mais altos sendo construídos ao redor da comunidade no território urbanizado. O sol já não mais bate em determinada área e horários na região devido às grandes construções na beira da praia na comunidade.

Portanto, neste contexto, visualiza-se que alguns moradores da comunidade pesqueira acabam sendo motivados a vender suas casas humildes na região e morar em bairros próximos da comunidade em que muitos desses sujeitos não se veem na configuração atual da comunidade tradicional pesqueira em aspectos geográficos sofridos pela comunidade.

Nos dias de hoje, a comunidade se mostra refém das buscas urbanísticas que atravessam a comunidade, muitos moradores vendem seus terrenos em decorrência das investidas das grandes construções na beira da praia. A região vem se tornando cada vez mais valorizada e alguns moradores da comunidade acabam se rendendo às investidas desses setores. Também se percebe, na comunidade, que moradores de outras regiões acabam adentrando a comunidade para realizar a pesca artesanal sem serem nativos da comunidade. Estas situações acabam enfraquecendo o setor da pesca no local. O pescador Sururu acrescenta:

Menina tradição hoje, hoje aqui é até meio difícil falar em tradição entendeu? Porque mudou muitos as coisas; são muitos pescadores já morreu outros mudaram daqui, venderam que moravam aqui vendeu as casas deles; aqui por outro lado não aguentaram ver assim um dinheirinho a mais aí achou que dava pra fazer um bom negócio; vender; foi morar na no subúrbio entendeu? naquele tempo e hoje em dia a tradição aqui eles vem de lá fora agora de outros bairros pra poder ter uma tradição aqui; que é a pesca, antigamente tinha a festa de São Pedro aqui pescador; hoje em dia eles já não fazem mais a festa de pescador; mais as vezes por mesmo motivo né de das pessoas de faltar muita gente hoje em dia do ramo da pesca aquelas pessoas que se formava uma aldeia de pescadores aqui né; que hoje em dia não tem mais; hoje em dia o pessoal vem de outros bairros pra pra pode realizar a pesca e as festas de comemoração foi ficando pra trás entendeu? (SURURU,2020)

Outra demanda que acaba tomando proporção na comunidade é que a maioria dos jovens acaba que não seguindo a tradição da pesca deixada por seus familiares, muito do que se vê na comunidade é que a maioria dos pescadores são de meia idade ou terceira idade, pouco se veem jovens pescadores ou marisqueiros seguindo os ensinamentos e os saberes tradicionais da comunidade pesqueira artesanal. Sururu ainda acrescenta:

Os jovens de hoje eles não, vai nascendo as crianças, vai crescendo os jovens eles não querem saber dessa, disso mais, pra eles a tradição do jovem hoje é clube é o funk, aquela coisa toda e a nossa tradição de pescador ficou pra trás, vai ficando esquecida (SURURU, 2020).

Os jovens da comunidade se veem atraídos pelas conquistas da sociedade moderna. O modo de vida e costume de uma comunidade tradicional não acompanha mais sua existência enquanto sujeitos na configuração de pescadores e marisqueiras de uma comunidade tradicional em que o modo de vida se baseia no manejo constante ao meio ambiente. Há uma necessidade de se configurar conforme a sociedade moderna, o que na maioria das vezes foge a essa disposição. O que se mostra de forma clara na narrativa do jovem Badejo:

quando eu me casei a oportunidade de ter um imóvel próprio; flexibilidade no trabalho e dentre outras coisas que, que já não tavão mais assim me satisfazendo no local mas, é algo assim que e até difícil comentar porque parece assim que eu não vivi aquela vida se eu comentar da forma que eu quero; mais e algo assim que é difícil de explicar é porque tem horas que que tudo tem um início, meio e fim e acho que o meu ciclo chegou ali pra buscar espaço em outro lugar ne mais assim eu sai de da colônia de pescador mais ela não saiu de dentro de mim porque ainda lembro das minhas raízes , lembro ne da minha infância lembro como tudo começou que ali foi onde a minha vida começou onde eu aprendi ser homem , onde eu aprendi a cultivar, onde eu aprendi a trabalhar e ter a dignidade que eu tenho através dos princípios da cultura da pesca...(BADEJO,2020)

A configuração do modo de vida de um pescador tradicional já se mostra transformado e surge a necessidade de outras configurações que não cabem mais no modo de vida tradicional de uma comunidade de pesca. Um jovem que foi criado na beira da praia, com os ensinamentos e a tradição da pesca artesanal de seus familiares ancestrais se vê entrelaçado em outras necessidades e fluxos que não acompanham mais a dinâmica tradicional. É afetado pela modernidade da sociedade contemporânea em que os modos se mostram urbanizados e tecnológicos, o que atrai muitos mais os jovens desta geração. Ele ainda acrescenta:

Então, não moro na comunidade mais atuei na comunidade há 25 anos né, dois anos eu morei fora, depois devido ao projeto de estudo ne eu tive que alcançar novos objetivos me ausentei da comunidade, aí retornei, casei e após o casamento, construí uma família e saí do local há sete anos atrás; mais é um lugar que deixa muita saudade (BADEJO, 2020).

Algumas narrativas demonstram que as sociedades modernas acabam por atravessar os jovens dessas comunidades tradicionais e eles sentem a necessidade de buscar outras formas de existência fora os modos tradicionais da comunidade pesqueira artesanal. Isso se mostra na realidade vivenciada por ele:

Tudo da família do meu pai, 6 tios, meus primos, todos continuam morando ali, exceto alguns primos que trouxeram o meu caminho que eu, casaram e buscaram a sua independência (BADEJO, 2020).

Diante desta narrativa concluímos que os sujeitos, na maioria os jovens, não se veem mais na configuração de uma comunidade tradicional em que a racionalidade ambiental promove praticas tradicionais em sua existência Leff (2015). São atravessados pela sociedade moderna que promove consumo exagerado dos recursos naturais trazendo uma racionalidade econômica preocupante, potente e significativa quanto menor a faixa etária dos jovens. Muitos se adequam às tecnologias como meios de sobrevivência na atualidade.

Sendo assim as práticas tradicionais de uma comunidade pesqueira não mais desperta satisfação enquanto existência desses indivíduos na modalidade da pesca artesanal. Muitos de seus antepassados não fizeram uso de meios tecnológicos como os jovens de hoje em dia que estão à mercê das tecnologias na atualidade. Assim, se promovem outras formas de se configurar que a sociedade moderna alimenta cada dia mais o consumo excessivo diante dos olhos dessa geração.

3.4 DINÂMICA E TRANSFORMAÇÕES: DESAFIOS DA COMUNIDADE

As transformações que a sociedade moderna vem enfrentando modifica a dinâmica e modo de vida tradicional dessas populações. O fluxo de carros intenso que se vê nos dias de hoje que movimentam a região indiretamente contribui negativamente para as demandas da comunidade. Assim como também os grandes empreendimentos

instalados na região colaboram para a saída dos membros da comunidade para outras regiões mais acessíveis ao seu modo de vida de uma população marginalizada e que seus rendimentos poucos se somam para sanar as necessidades básicas de existência de um sujeito, contrariando a sociedade moderna do entorno que fazem uso de carros luxuosos e moradias confortáveis e privilegiadas na beira da praia cercadas de tecnologias. Nesse sentido, esses fatores são bastantes favoráveis para os indivíduos ao promover outras formas de configurações, principalmente nos jovens que são os grandes estimuladores dos avanços tecnológicos e ganhos mais produtivos em que a sociedade moderna atravessa nas relações socioambientais desses sujeitos. Porém, na realidade de alguns indivíduos da comunidade que permanecem até os dias de hoje em evidenciar a pesca na modalidade artesanal esbarram com demandas totalmente contrárias ao histórico da comunidade. Ponto relevante e de destaque na comunidade fica por conta do crescimento populacional em torno do território pesqueiro. Observamos essa realidade na fala de Dona Arraia:

Esses carros parados aqui é tem prédios (ao lado da Colônia ela se referia) aqui na frente do prédio eles não querem ninguém que deixem, só os carros deles; depois desses prédios grandes aí oh o que mudou muito é isso; isso aí mora juiz, mora deputado mora o presidente dá; o Casagrande morava aí, mora aí, ele morava aqui oh; essas coisas mudaram muito (ARRAIA, 2020).

Diante deste trecho na entrevista com Arraia (2020), observamos como os investimentos imobiliários na região movimentam a dinâmica da comunidade tradicional. Já o pescador Sururu contribui desta forma:

Mudou muita coisa; oh u ah o progresso chegou aqui na praia que foi; ah o motivo da do afastamento dos pescadores, chegou a então, a partir do momento que chega o progresso, evoluiu a orla e aí muitos tiveram que vender suas casas e sair e demais são as pessoas tem mais dificuldades de se locomover pra pescar; tem que vir de outros bairros, pegar condução e tal pra chegar aqui cedo e pescar e aí é uma dificuldade e outras mudanças também é com relação a pesca né; (SURURU, 2020)

O progresso chegando na comunidade conforme a narrativa dos membros da comunidade, um dos fatores que contribui para a saída dos pescadores da comunidade para outros bairros se baseia nos grandes empreendimentos que acabam propondo a venda dos terrenos dos pescadores e muitos deles acabam cedendo as investidas dos setores que priorizam os prédios luxuosos no local devido ao território pesqueiro

privilegiado, porém alguns deles ainda permanecem na prática da atividade pesqueira na região mesmo não sendo moradores do local como no caso do Pescador Sururu e sua esposa Marisqueira Estrela, nativa da região. Nesse sentido, Estrela e Sururu acrescentam:

Olha as mudanças que tiveram aqui que pioram fora a nossa situação que permitiram fazer os prédios com mais de 4 andares, deveria de ser só 4, tapou o sol, não é que o sol acabou mais tem certo horário não tem mais sol entendeu, os peixes sumiram também por causa de muito fluxo de carro, muitos carros, pessoal que moras nos prédios aí é vários carros entendeu, então principalmente contribui para o peixe se afastar daqui da orla, das margens entendeu? Esses negócios de bares enche a praia de cadeira as vezes atrapalha a gente um pouco e a gente não pode reclamar porque a gente tem direito, ah porque o bar e em frente à minha casa eu tenho direito do botar o bar que eu quiser aí as vezes a gente tem ficar discutindo com a gente, a mais sua cadeira está na frente do meu barco, ah seu barco é que tem que sair e a gente não tem, olha que a gente pega a colônia, paga o INSS, entendeu, a gente paga mais então a gente não tem aquela fiscalização que fala não pescador é amparado, não pode mexer é o que eu falo sempre, bota uma praça ali; oh que é local dos marisqueiros dos pescadores, bar vocês se viram, vocês se viram com o bar de vocês que aqui é tradição não é bar; a tradição aqui é o setor pesqueiro, é pesca artesanal, então nós vamos entendeu? Vamos botar cada pingão nois i mais aqui infelizmente é o que eu falo infelizmente a gente não tem essa pessoa que dá esse aval pra gente que a gente precisa é isso, pessoas que dão esse aval pra gente (ESTRELA, 2020).

A minha história aqui na comunidade ela começou a pouco tempo, ela começou em 2001, entendeu em 2001 eu conheci a Estrela e agente casamos; eu vim morar aqui em frente, aí depois, aí como é um terreno de herdeiros aí eles pegaram e queria vender né, venderam e com a parte da Estrela viemos morar no Divino Espírito Santo e fui morar lá, desde de 2001 eu entrei na pesca aqui e to até hoje (SURURU, 2020).

Diante deste relato podemos também observar a tradição na manutenção dos petrechos de pesca na comunidade enraizada há décadas na região e permanece até os dias de hoje, muitas vezes atravessada por demandas externas à comunidade e falta de incentivos das Instituições Públicas; o que promove a invisibilidade do setor da pesca artesanal na região. A marisqueira Estrela contribui com sua fala sobre o que é tradição na realidade da comunidade e em sua compreensão:

Tradição é o marisco é a rede, a pesca são as tradições que a gente tem aqui, o artesanato que o Espada faz que se fosse mais explorado, mais pessoas também fariam; porque hoje em dia só o Espada faz; mais não é uma coisa assim muito explorado porque se tivesse assim eu tenho certeza que se ele tiver assim; ele bota a banquinha e tal mais se ele tivesse uma ajuda com certeza ia ser muito melhor entendeu? Se vê ela na Ilha das castanheiras, eles apoiam, tem lá tão bonito, tem o negócio da panela de barro, nois temos espaço aqui pra isso; mais não temos quem banca, não temos que ajuda nois também poderia fazer, aqui é

uma colônia de pesca, entendeu? As únicas tradições que nós temos aqui; eles tão querendo acabar que é o marisco e as redes entendeu? Eles ainda querem acabar; esta perigoso acaba e nem poder fazer entrevista mais com a gente aqui (ESTRELA, 2020)

A colônia na comunidade é um ponto de transformação nos dias de hoje que busca por favorecer a categoria como também fortalecer a comunidade na prática da pesca artesanal na região. Quanto à Colônia Z2 na comunidade, podemos destacar que o ambiente da colônia busca diálogos entre os pescadores e as instituições governamentais e privadas que envolvem o setor da pesca artesanal, ou seja, movimenta as demandas correlacionadas com as burocracias que envolvem a atividade profissional dos pescadores. Algumas destas demandas, por exemplo: a carteirinha de pescadores, a aposentadoria especial, o seguro Defeso- período em que os pescadores têm a obrigação de não fazer uso da pesca artesanal. Período este resguardado para a reprodução das espécies. Os pescadores sem realizar a atividade profissional acabam ficando amparados por uma quantia em dinheiro durante o período estabelecido pelas autoridades fiscais, denominado como: Seguro Defeso. A Colônia de Pescadores Z2, com sede na comunidade, atende a pescadores de todo o município de Vila Velha, em torno de mais ou menos 370 famílias envolvidas na pesca, sendo mais visível na comunidade de Praia de Itapuã onde por volta de umas 35 famílias são amparadas pela colônia na região. Os pescadores associados à colônia pagam uma taxa anual que promove a manutenção do local como também as demandas e os processos envolvendo os pescadores e a comunidade pesqueira enquanto atividade profissional. O pescador Cação acrescenta:

Oh se for falar, tipo assim entre as pessoas que convivem aqui é meio difícil, meio complicado a colônia, muitos pescadores pra fazer uma coisa, pra se reunir entendeu? Participar todo mundo junto, se reunir entendeu? Isso é meio complicado com esse pessoal, pra conseguir alguma coisa deles e muito trabalho e muita coisa para poder pra poder conversar é meio difícil eles; tanto a colônia nossa está até aí desativada entendeu? Porque muitas vezes até ajuda o próprio morador mesmo, em vez de participar das reuniões que têm e vir bater papo com um, quando vem aí pra saber não vêm; é aquele negócio é meio complicado isso; entendeu? Isso aqui não é de agora; desde de quando eu vivo aqui que isso aqui é meio; é difícil lidar com esse pessoal; muita coisa a gente podia fazer e ganhar, deixa de ganhar por causa disso entendeu? Por causa deles mesmo, se vem aqui numa reunião com quarenta pessoa, quando vê tem dez pessoas; aí fica meio difícil né; aí complica as coisas, a gente perde as coisas eles não participa, queria ter alguma coisa né, mudar (CAÇÃO, 2020).

A pesca artesanal na comunidade acaba sendo atravessada pelas demandas tecnológicas já que antigamente as embarcações de pequeno porte dos pescadores artesanais eram a remo e hoje em dia podemos observar que os barcos apresentam motores de baixa potência, o que aos poucos contribui para a industrialização do setor. Ele ainda acrescenta:

É eu morava lá do outro lado lá, na rua com minha mãe, aí quer dizer depois de uma certa idade eu arrumei família, vim morar aqui na casa da minha sogra; sempre trabalhava como pescador aqui na praia aí; entendeu!? Como eu trabalho até hoje, aí ainda; i é aquele negócio né, vai mudando; antigamente nosso trabalho era a remo, nois ia artesanal aí daqui a dois anos pra k a gente conseguiu autorização pra poder usar o motor; a gente tá usando, faz esse trabalho aí bem melhor que o remo e a gente ta usando o motor agora; é isso aí...mais ou menos (CAÇÃO, 2020).

Todo esse processo histórico na construção da história social da comunidade por meio das narrativas de sujeitos pescadores e marisqueiras se torna relevante em promover visibilidade de todo esse processo a sociedade do entorno e as demandas externas entre os desafios que toda a comunidade vem sofrendo ao longo dos anos. O uso desenfreado dos recursos naturais de modo a promover a racionalidade econômica como produtiva e benéfica a nossa sociedade (LEFF, 2015).

Nesse contexto, por mais que a comunidade e os sujeitos sejam afetados pelas transformações ao longo do tempo na construção da história social dos indivíduos, cada sujeito tem a diversidade de se configurar e lidar com as transformações ao modo de se reinventar nas ações e práticas em seu modo de vida. Porém, cada indivíduo é movido e estimulado através das relações sociais de modo que cada sujeito é afetado ou atravessado em suas práticas sociais. Os sujeitos se mostram estimulados a se configurar de acordo com o que promove mudanças em seu cotidiano e, muitas vezes, não necessariamente as configurações se mostram as mesmas em cada sujeito por mais que sejam padronizadas as regras e as normas de uma sociedade.

Vale enfatizar que a comunidade pesqueira de Itapuã diante do processo histórico na construção de suas narrativas se configura conforme os desafios na comunidade afetam suas relações. Dentre elas, estão a urbanização ou mesmo como nos relatos “o progresso chegou aqui”, a modernidade com seus grandes

empreendimentos na beira da praia não necessariamente essa demanda é vista por todos na comunidade como um desafio que os motive a se configurar de outras maneiras, tanto que nem todos os membros da comunidade são motivados a deixar o local e vender suas casas, muitos permanecem e se configuram de modo a se adequar à dinâmica da sociedade moderna que vem progressivamente avançando sobre a comunidade. Alguns visualizam essas transformações como positivas à comunidade e outros já não veem da mesma forma.

Nesse sentido, há sujeitos que compreendem a relevância da comunidade da construção da história social para a sociedade do entorno como a dona Arraia e, por meio de suas narrativas, sabia da importância de relatar oralmente suas experiências vivenciadas no contexto da comunidade pesqueira, ela tinha a consciência de como sua fala seria significativa na construção da história social da comunidade através de sua história de vida. Cabe ressaltar que esses modos de vida na sociedade modernizada e globalizada se tornam questionáveis pelo uso excessivo dos recursos naturais que movimentam a crise ambiental (MOZINE,2010). A partir deste modo de vida tradicional que se sustenta no conceito de Diegues que os povos tradicionais agem de modos a preservar os recursos naturais como aliados à sociedade moderna, contrariando a lógica do consumo excessivo das sociedades modernas que vêm discutir e ressaltar com esta pesquisa a analisar as configurações que ocorre na comunidade pesqueira.

4. COMUNIDADE TRADICIONAL E QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

No Brasil a prática da pesca artesanal é caracterizada como um modo de vida: “Entende-se por pesca artesanal a dependência elevada do conhecimento tradicional para banalizar as práticas extrativistas de peixes nativos de diversos ecossistemas aquáticos: rios, lagos e oceanos” (VENTURATO; VALÊNCIO, 2009). Sendo assim as populações tradicionais são vistas como relevantes protetoras na preservação do meio natural frente às questões socioambientais acentuadas nas sociedades contemporâneas em que a crise ambiental tem sido pautas de grandes debates mundiais nos últimos anos. (PEREIRA; DIEGUES, 2010). Seus saberes e conhecimentos são vistos como grandes aliados na preservação do meio natural.

Diante deste contexto abordaremos neste capítulo como as questões socioambientais têm atravessado essas populações alterando sua cultura e seu modo de vida; o que na atualidade acaba por atravessar suas configurações e motivar esses sujeitos a se reinventar diante das demandas da sociedade moderna em fazer uso desenfreado, não levando em consideração a escassez dos recursos naturais e os ciclos naturais de vida dos ecossistemas. São priorizados os recursos naturais como mercadorias cada vez mais lucrativas as sociedades. Nesse sentido em que os sujeitos são atravessados pela sociedade capitalista urbanizada vê a necessidade de novas configurações diante das questões socioambientais problemáticas dos últimos anos.

4.1. CULTURA E MODO DE VIDA

A cultura de uma comunidade tradicional se passa através de suas ações e práticas em seu modo de vida. Segundo Diegues (1996) as culturas e formas de organização social ocorrem de maneira própria em representar, interpretar e manejar o meio ambiente dos quais estão inseridos. A construção de suas ações em seu dia a dia que limitamos ao modo de vida de determinada sociedade. O modo como ocorre suas

ações nas relações sociais determinam as características culturais dessas populações ao manejo com o meio ambiente.

Nessa perspectiva destacamos algumas narrativas para discutimos questões socioambientais que envolvam a dinâmica e o fluxo da comunidade pesqueira artesanal de Praia de Itapuã. Vale ressaltar que essa população tem um modo de vida diferenciado da sociedade moderna urbanizada, os pescadores iniciam sua jornada antes mesmo do sol nascer contrariando a sociedade do entorno em que muitos dão início a suas atividades em diversos horários durante o dia, porém na comunidade os pescadores e marisqueiras atendem as especificidades do meio natural, respeitando os seus ciclos, contrários às demandas urbanas.

A jovem através de sua narrativa sobre sua história na comunidade, filha de pescador relata o dia a dia do pescador na comunidade que às 4 horas da manhã inicia suas atividades com a pesca artesanal na comunidade. A jovem acrescenta:

Como eu não estou trabalhando, mas, para o meu pai a realidade é outra; ele acorda as 4 horas da manhã, vai pra praia, vai pra ilha, quando aparece peixe ele cerca, às vezes, a quando igual; pegou muito peixe semana passada a gente ficou a madrugada na praia, então pra mim a realidade é uma e pra ele é outra; então são dois exemplos que eu gosto de enfatizar (Jovem Nativa, 2020).

Assim como os saberes são passados de geração em geração na comunidade, as realidades de uma jovem de 22 anos e seu pai pescador são outras. Através das narrativas podemos observar a tradição da pesca artesanal sendo passada de geração em geração, de pai para filhos, de irmão mais velho para os mais novos; o conhecimento tradicional foi sendo desenvolvido por meio da prática no dia a dia dessas famílias na comunidade. Há um modo de vida e cultural específico dessas comunidades. Conforme enfatiza o pescador Cação:

Apreendi com meu irmão; meu irmão me levava moleque pra fora pra pescar; aprendi com ele, ah eu tinha uns sete anos, comecei pequeno; bem pequeno mesmo; saía com ele aqui pra pescar, nessas áreas aqui de pesca; acabei... (CAÇÃO, 2020).

É esse modo de vida diferenciado marcado pelo constante contato com o meio ambiente que caracteriza esses sujeitos em suas configurações na identidade de pescadores e marisqueiras. De acordo com os autores Silva *et al* (2017): “o modo de vida

faz referência ao conjunto de características e de práticas desenvolvidas por um determinado grupo social”. O modo de vida da comunidade é narrado pelas memórias dos membros da comunidade ao relatar sobre sua infância, o aprendizado da pesca artesanal por seus ancestrais que se torna uma tradição na comunidade, sendo passada de geração em geração. São essas memórias afetivas que muitos colaboram para a história social da comunidade e o legado que a pesca contribui para a cultura local capixaba. De acordo com o autor, o modo de vida se expressa:

Na comunidade, ocorre a expressão do modo de vida, e está só existe em razão de diferentes estratégias de sobrevivência empreendidas. Assim, é a partir do cotidiano em comunidade que se observa e se apreende/compreende o modo de vida e as territorialidades dos que nela interagem e habitam, com seus semelhantes e com o ambiente à sua volta, constituindo uma relação baseada em saberes da tradição e que confere a este grupo humano uma particularidade por meio de uma identidade territorial. (SILVA *et al*; 2017, p. 251)

É nesse ambiente marcado pelo cotidiano da comunidade em que o modo de vida se baseia em práticas de sobrevivência e contato constante com o meio ambiente na prática da pesca artesanal. A pesca artesanal praticada por muito dos pescadores mais experientes nos dias de hoje que receberam ensinamentos de seus ancestrais na infância. O pescador Cação acrescenta:

Aqui foi arrancar, trabalhar com marisco, rede, isso aí, aprendi tudo aqui mesmo, tudo com pescador, tudo com irmão, entendeu? A maioria tudo do pessoal meu era tudo daqui, trabalhava com pesca, isso aí.... (CAÇÃO, 2020)

Outras formas que caracterizam esses sujeitos em suas práticas artesanais são as manutenções e a própria fabricação dos petrechos de pesca. Geralmente os mais experientes na comunidade realizam essa tradição em produzir as próprias redes e fazer as manutenções dos barcos e até mesmo a construção desses barcos que são de pequeno porte, herança de seus ancestrais na pesca artesanal na comunidade, mas isso vem se tornando cada vez mais extinto na comunidade nos últimos anos. Sururu acrescenta:

As minhas redes eu mesmo faço; eu mesmo monto né, porque essas malhas são tudo comprada, industrialmente, hoje em dia é pouco que fazem aqui na mão as malhas, só que a gente compra os panos e monta né (SURURU, 2020).

Por meio das narrativas dos membros representativos da comunidade podemos visualizar que a atividade pesqueira, o beneficiamento do sururu, a pesca em alto mar, as manutenções das redes são prática artesanais que esses sujeitos receberam os ensinamentos por seus familiares mais antigos da comunidade. O que reforça a tradição da atividade pesqueira artesanal há anos na região. O autor destaca o saber transmitido na tradição:

O saber da tradição é transmitido pelo seu modo de vida, a cada geração, constituindo-se em conhecimento marcado pela observação empírica do comportamento da natureza, tais como: o movimento dos cardumes, os apetrechos mais apropriados para capturar uma determinada espécie de peixe, os locais de reprodução e de maior ocorrência do pescado etc. (SILVA *et al*, 2017, p. 252)

O saber tradicional permanece enraizado nos grupos sociais pelas experiências e o constante contato com o meio ambiente. Os indivíduos aprendem a reconhecer o ciclo natural das espécies em todo seu envolvimento com o ecossistema. Todas essas características no saber/fazer da comunidade pesqueira artesanal caracterizam esses sujeitos em seu modo de vida. Cação acrescenta:

Sei lá acho que tradição é acho que manter o mesmo trabalho que a gente faz, se unir com as pessoas, isso; aqui é a ilha, passeio, hoje, agora é passeio essa época, os cardumes que se encontra nos meses na mesma época do ano é esse aí (CAÇÃO, 2020).

As tradições dessas populações são marcadas no cotidiano e na construção cultural dessa população tradicional. Já o jovem Badejo acrescenta sobre a tradição:

Tradição é uma coisa assim que eu entendo é muito complicada achar uma palavra certa pra tradição mais, ao meu entender a tradição ela vem o seguinte é como se fosse uma etapa assim de pai pra, de avô pra filho de pai pra filho e de filho pra neto então assim é não tem algo concreto de tradição é isso no meu entender são os ensinamentos que a gente vai acompanhando com nossos avôs, pais, tios, primos que fizeram lá atrás e a gente dá seguimento de geração pra geração (BADEJO, 2020).

O jovem da comunidade compreende tradição como sendo os ensinamentos passados de pai para filhos, netos, avós entre gerações esses saberes vão se moldando com o passar do tempo entre as gerações, mas nos dias de hoje com interferências da sociedade moderna em seus saberes.

Assim como a pesca artesanal era uma tradição na comunidade a Festa de São Pedro realizada pelos pescadores na comunidade se tornou uma tradição na comunidade em que os pescadores e marisqueiras e seus familiares tinham participação ativa na organização do evento. Porém nos dias de hoje a realização da festa já não ocorre mais na comunidade pesqueira e passou a ser realizada pelos féis da Igreja Católica do bairro. A jovem Pescada destaca:

Da comunidade seria também uma festa que a igreja aqui atrás faz, quase todo ano faz é a Festa de São Pedro, esse ano não teve, mas ano passado foi lá na rua de trás, isso é uma tradição pra nós, desde de quando eu nasci, então essa é uma tradição que deixa marcado na gente... (PESCADA, 2020)

Quanto às tradições culturais dessa comunidade, muito dos relatos mostram a escassez de determinadas tradições que são atravessadas por questões socioambientais que vem se acentuando na comunidade e acaba por promover a extinção de certas tradições como a Festa de São Pedro que era realizada pelos próprios pescadores como um marco cultural na comunidade pesqueira. Badejo acrescenta:

meu nome é.Badejo, tenho 35 anos, sou filho de pescador, sou nativo da colônia de pescadores, onde na minha infância vivia com marisco, pesca e entre outros atrativos na comunidade de pesca, na colônia de pescadores; em 1990 há 1999 foi uma, foi o maior, o maior, como que eu posso dizer o maior período que eu trabalhei com a pesca, ajudando meus tios nas embarcação, fazendo arrastão de rede, é fazendo a coleta de marisco, que é o tradicional sururu que a gente costumava a pegar nas ilhas e a minha infância foi toda baseada nisso aí; aí quando eu cheguei na fase da adolescência é por alguns motivos especiais, estudos eu me afastei um pouco da, da parte da pesca e do marisco e retornei com 25 anos onde eu fiquei mais dois anos e depois me afastei novamente, mas a minha história com a pesca vem de geração pra gerações né; com meus avôs, com meus pais sempre viveram do cultivo da pesca local....(BADEJO, 2020).

A infância marcada pelas toneladas de peixes na beira da praia, enquanto se curtia a infância também transmitia o conhecimento da pesca artesanal como um modo de vida em constante contato com meio ambiente. Essas são as memórias que muitos sujeitos narram ao relatar suas histórias de vida na comunidade pesqueira de Praia de Itapuã. Pescada acrescenta:

o que mais me marcou a minha infância foi crescer aqui na comunidade já é um marco muito grande pra mim; porque mesmo que tipo, foi difícil né, mesmo com todas as dificuldades com tudo que a gente já enfrentou, crescer aqui pra mim eu posso dizer que é uma honra eu não me arrependo de nada do que eu vivi aqui, eu tive uma das melhores infâncias porque; hoje em dia a gente vê as crianças

elas não eu sou muito grata por todos os peixes, as toneladas e todas as noites mal dormidas e isso marca muito a minha infância... (PESCADA, 2020)

Dentre as memórias da infância no território pesqueiro estão a fartura nas toneladas de peixes que eram constantes na comunidade, o que hoje em dia se torna mais escasso. Badejo acrescenta:

O que marcou a minha infância na comunidade foi o ano 1995 quando nós pegamos aproximadamente 13 toneladas se não me engano ou mais de xaréu foi uma coisa que marcou não só a minha, minha vida mais como a vida de muita gente ali, foi na rede da minha avó Olga que Deus o tenha é a gente teve uma benção de ter feito um arrastão de quase 13 toneladas de xaréu, isso aí ficou marcado na história de Itapuã (BADEJO, 2020).

Dentre as narrativas de alguns sujeitos da comunidade pesqueira muitos deles têm a consciência de que as questões socioambientais que atravessam a comunidade e os sujeitos em sua individualidade promovem outras configurações nesses sujeitos. As toneladas e toneladas de peixes que o Badejo e Pescada estavam acostumados a visualizar na comunidade na infância não é uma realidade tão presente nos dias de hoje da comunidade. Esse excesso de peixe que marcou a infância dos dois jovens se tornou um desafio nos dias de hoje em que essa população necessita se configurar de outras formas para driblar as questões socioambientais que interferem em suas práticas culturais na comunidade. Sururu acrescenta:

As vezes as famílias crescem entendeu? E a escassez de peixe tá aí, não tem mais fartura de peixes porque, porque existem vários fatores que afastou o peixe da praia de Itapuã; os fatores são a pesca predatória como as traineiras mesmo é chegou muitas traineiras, vem muitas traineiras aqui pro Espírito Santo; de forma que o peixe está escasso e também tem outros fatores também né que prejudica também as dragagens, as dragagens da, de Vitória, da Baía de Vitória, que essa lama aí eles falam que ela é jogada a 10 milhas entendeu, mais eles contam 10 milhas é de lá de dentro de Vitória; se for contar de lá de dentro de Vitória quanto eles não passam pra saber, quanto eles não andam pra sair dentro de Vitória pra poder pegar o início lá; pra poder sair agora as 10 milhas está logo ali pra trás ali de Vitória; da Baía de Vitória porque essa lama aí ela é jogada 10 milhas entendeu? Se for contar de dentro de Vitória quanto eles não andam pra sair de dentro de Vitória pra poder pegar o início lá pra poder sair ali próximo ao costa; essa lama o peixe que vem aqui que a gente tinha aqui o peixe se alimenta é dos corais entendeu? (SURURU, 2020).

No relato do Sururu, se percebe que, nos dias atuais, as famílias aumentaram e, ao contrário, os peixes diminuíram. Além disso os desastres ambientais são fatores

relevantes que acabam contribuindo para escassez dos pescados nos dias de hoje, já que polui os oceanos dificultando o fluxo do ecossistema no ambiente pesqueiro.

Essas demandas, muitas vezes, são promovidas por questões que vêm de fora a comunidade como: a poluição petrolífera, as grandes construções, desastres, impactos ambientais, a pesca industrial entre outras demandas e ações antrópicas que acabam afetando o fluxo e a dinâmica no território pesqueiro.

Os pescadores e marisqueiras marginalizados na sociedade moderna a grande maioria têm a conscientização de que suas ações são relevantes e contribuem para a preservação do meio natural. E como Diegues (1996) aborda o conhecimento tradicional dessas populações são contribuintes à construção de um saber ambiental em que esses povos conduzem com bastante maestria quando se trata da racionalidade ambiental (LEFF, 2015) contrariando a sociedade moderna em que a configuração social contribui para as dinâmicas de exploração do meio ambiente como uma fonte de recursos inesgotáveis, promovendo uma racionalidade econômica (LEFF, 2015) contraditória ao verdadeiro significado de econômica e de econômica, em que a intencionalidade deveria partir das ações e práticas renováveis, considerando sua escassez dos recursos naturais envolvendo todo o meio ambiente.

4.2 PRESSÕES EXTERNAS NA COMUNIDADE DE PESCA ARTESANAL

A pesca industrial se caracteriza por usar recursos de grande porte, altas tecnologias e recursos para suporte; por ser uma prática totalmente contrária à modalidade da pesca artesanal já que a pesca ocorre com recursos de baixa escala pouco ou quase nenhuma tecnologia e seus trabalhadores utilizam força braçal e se mostram em grandes desvantagens quando se deparam com as duas modalidades da pesca no mesmo território. A população tradicional que faz uso da pesca artesanal acaba ficando em desvantagens com as grandes demandas que envolvem o setor da pesca industrial. Diante deste contexto, observamos as pressões externas adentrando a dinâmica da comunidade tradicional e afetando a pesca artesanal, muito relevante nos dias de hoje. Muitos desses indivíduos acabam sendo obrigados a se reinventar e se

reconfigurar de outras formas para driblar as pressões externas que adentram na comunidade de pesca artesanal diante das demandas da sociedade modernizada e globalizada em ascensão nos dias de hoje.

A pesca industrializada muitas vezes usa alguns instrumentos que contribuem para a escassez dos pescados na comunidade nos últimos anos. Muitos dos relatos dos pescadores e marisqueiras atravessam as pescas industriais como a pesca de camarões, as traineiras avançam léguas na margem da costa e muitos atraem toneladas e toneladas de peixes e torna inviável aos pescadores artesanais e seus barcos de pequeno porte; concorrer com essas embarcações industrializadas que faz a pesca se torna em grande escala torna inviável as condições de pesca artesanal. Estrela acrescenta:

Tamo passando aperto agora, só por conta das traineiras e por conta do homem que não quer governar direito, entendeu, deixar a pesca artesanal fluir, porque se não a gente taria sobrevivendo somente da pesca; hoje em dia não tem aquele pescador que fala assim; eu vivo só da pesca; chega a época que você tem que fazer alguma coisa por fora porque senão você passa necessidade, mais antigamente quando eu era criança a gente vivia só da pesca, meus pais, meus avôs tudo vivia, então eu fui vendo eles, cresci no meio da pesca, então quem é filho de pescador acaba virando pescador por causa disso, uns até estudando, tenta fazer outras coisas, tem gente que acha que pescador não estuda, não estuda assim, tem filhos de pescador quem tem faculdade, mais não exerce a profissão, acaba vindo pra cá por gosta mesmo, isso aqui não é só um trabalho, você tem que gostar, se tem que gostar do que você faz; se você gosta do que você faz, você faz perfeito entendeu? Então você cuida pra não acabar, então nosso intuito é que a pesca artesanal não acabe, mais aqui na natureza não há manual, cheio de máquina, a gente não se vê numa máquina puxando a rede, não que a gente não tenha condição, talvez um dia se precisar, mas a gente não quer isso; a gente quer continuar isso aqui, enquanto Deus dar força pra gente, a gente quer no manual entendeu? Então é assim que a gente começa, todo filho de pescador se perguntar vai dar a mesma resposta, começa assim; vindo; olhando aí acaba seguindo entendeu? (ESTRELA, 2020).

A pesca industrial promove e contribui para a escassez dos pescados na comunidade e acaba por inviabilizar a pesca na modalidade artesanal. Muitos dos pescadores artesanais têm que buscar outros meios de sobrevivência visto que a pesca artesanal acontece em pequenas proporções e não atende às necessidades de subsistência das famílias que dependem da pesca como principal fonte de renda. Sururu acrescenta:

Porque hoje em dia você não encontra mais o pescado pra que você pode fazendo uma boa pescaria, pra que você, tem pessoas que as vezes até fazem outros bicos fora; pra pode conseguir sobreviver; porquê da pesca mesmo só da

pesca a pessoa muitos não estão conseguindo sobreviver mais (SURURU, 2020).

Podemos observar nos relatos de Estrela e o seu esposo Sururu como as demandas externas alteram os modos de vida desses sujeitos. A comunidade se vê ameaçada e precisa procurar outras formas de sobrevivência que fogem à realidade desses sujeitos. Sururu acrescenta:

E inclusive o pessoal de lá, a Renova eles pegaram, eles montaram um escritório pra poder cadastrar o pessoal lá entendeu? e a gente aqui como não afetou diretamente eles esqueceram da gente; eles esqueceram da gente e a gente ficamos aí hoje em dia o sindicato tá aí tentando ver se consegue que a gente receba esse dinheiro; porque o peixe sumiu, sumiu, antes você ia aqui fora você pegava aqui na beira da praia; aqui você pegava caixa de peixe, pegava caixas e caixas de peixes não precisa ir longe não; hoje em dia você não acha nada, por exemplo eu coloco uma rede eu coloco dois, um km de rede na água deixo ela dormi lá no outro dia pra poder pegar o peixe não tem meia caixa de peixe, tem 5kg de peixe, no outro dia tem dois, no outro dia tem 1kg entendeu quando pega muito, pega meia caixa de peixe; então, isso aí acabou com o peixe, a fartura que nós tinha aqui já foi; agora eu espero que o governo que os responsáveis por isso vê o lado do pescador de Vitória, daqui de Vitória porque esse o pessoal de lá recebeu, quem recebeu o impacto direto recebeu entendeu? Mais só que nós que fomos impactados indiretamente não recebemos nada; não e estamos aí na luta pra tentar receber; mais se Deus quiser um dia eu vou receber (SURURU, 2020).

Apesar das demandas externas impactarem a pesca artesanal muita das vezes as ações e prevenções relacionadas a essa população não conseguem chegar ao alcance dessas comunidades, o que a deixa à mercê dos impactos visto que os pescadores e marisqueiras, por eles mesmos, não conseguem reverter a situação nem recebem apoio e fiscalizações de autoridades responsáveis. Isso promove o impacto de forma direta nas configurações desses sujeitos, modificando e transformando o seu modo de vida em formas mais brutas e agressivas, desconsiderando suas particularidades de povos tradicionais e de constante contato com o meio ambiente.

Outro pescador experiente da comunidade contribui com sua narrativa sobre a escassez dos pescados nos últimos anos na comunidade. Mero acrescenta:

Tem dia que você olha ali poxa bem que você falou mesmo, cada onda braba tá aí, agora tá até esse ano tá até baum, já tá no inverno já, nós não tá tendo muito mar bravo, nós não tem o peixe, o peixe sumiu, o peixe sumiu porque, por causa da poluição dentro do nosso Vila Velha, dentro do nosso Brasil a poluição tomou conta né, todo lugar tá poluído né, e não tem jeito né de abater esse troço não, quem é que causa é nós mesmo, é é e que vem os valões que tão aí, esses valões podres que vocês vê aí, isso é tudo jogado, esgoto é ali vai pra dentro

daquele valão, vai lá pra dentro canal, né o valão tem uma saída daqui ele vai pra dentro do valão, do valão joga pra dentro do canal, aí é muita poluição por causa disso, aí o peixe não se dá bem com aquilo, aqui nós pecava peixe com a mão, hoje nem com anzol pega, pescador vão lá pega 6kg de peixe pra sustentar família com 6kg de peixe eu pesco, i tem uns quarenta anos já vi peixe aqui de você pegar com mão, hoje de tanto peixe de você não querer mais aqui era peixe mesmo de você amarrar uma camisa assim é fazer tipo um saco entrar dentro de um cardume e pegar hoje não tem mais lombada, xinxarru, espada era cinquenta centavos cada um, vinte centavos, um centavos, tem nada da algum mais não dá, uma caixa quando dava dois três mil kilo hoje dá uma caixa, meia caixa e assim desse tipo. (MERO, 2019).

No relato da marisqueira Estrela (2020), podemos inferir que, antigamente, eram proibidas as traineiras na orla. Esse trânsito era proibido por lei. Hoje em dia estas fiscalizações e burocracias se mostram mais brandas com relação à pesca em grande escala, o que acaba que indiretamente enfraquecendo o setor da pesca artesanal e colocando em desvantagens o setor. Estrela acrescenta:

Isso aqui há uns 20 anos atrás mais ou menos as traineiras não podiam vir até aqui na orla, era proibido por lei, hoje em dia elas vem aqui. Então, hoje era um dia que era para estar cheio de sardinha, cheio de manjuba, mas não tá. Aí vai ver as traineiras, estão cheias, porque? Porque não tá vindo? Eu não culpo deles de trabalhar, só que quem tem uma traineira pode ir 500 milhas dentro da água, nós não temos condição de entrar 500 milhas dentro do mar e uma traineira tem. Então o certo seria as fiscalizações botar a lei para elas ficar no lugar delas e nós ficar no nosso lugar, para que a pesca toda não cabe. Porque se Deus deu o mar livre para a gente trabalhar, entendeu? Mas sói que com tanto progresso, o progresso ao invés de ser uma coisa boa para ajudar, tem gente que fala assim: há o progresso é ajudar, mas no nosso caso aqui o progresso está vindo para acabar com a pesca artesanal, entendeu? Isso não é uma coisa boa. Daqui uns dias quando eu partir meus netos não vão nem saber do que minha avó vivia? Minha avó trabalhava de que? E eu quero deixar essa herança pra eles. Principalmente que a pesca, o marisco, essa coisa de viver do mar é uma coisa honesta, é um trabalho digno, entendeu? (ESTRELA, 2019).

A marisqueira Estrela (2019) promove a discussão sobre a competição em que os pescadores e marisqueiras travam nas disputas pela área de pesca com as traineiras e diz ser inviável competir com as traineiras que adentram ao mar léguas a mais e conseguem recolher toneladas de peixes e os pescadores artesanais que trabalham mais com a força braçal ficam em desvantagem com a pesca industrial em larga escala. Registramos que a marisqueira Estrela (2019) é conhecida na comunidade por sua voz ativa e participativa em relação ao beneficiamento do sururu e promove discussões, levanta a bandeira nas lutas pelos direitos das mulheres na comunidade juntamente com a sociedade de modo democrático e participativo.

Neste contexto, refletimos sobre a sociedade moderna adentrando a população tradicional visto que o modo de vida da comunidade tradicional é baseado na Racionalidade Ambiental LEFF (2010) que busca reflexões sobre como essas populações em seu cotidiano de constante contato com o meio ambiente contribuem de forma relevante para práticas mais sustentáveis ao manejo com o meio ambiente, contrariando as ações da sociedade moderna, em seu uso desenfreado dos recursos naturais, contribuem para o conceito de Racionalidade Econômica (LEFF, 2010). Percebemos como as demandas externas acabam por interferir nas configurações desses sujeitos e como eles mostram mudanças acentuadas na história da comunidade e como esses sujeitos são atravessados em suas particularidades e se moldam diante das situações.

Nesse sentido, a pesca artesanal se mostra ameaçada pelo setor industrializado. A marisqueira Estrela tem consciência de que diante da pesca industrial é difícil sobreviver da pesca artesanal. O que acaba por contribuir para novas configurações na existência de pescadores e marisqueiras na comunidade considerando que seus modos de vida acabam por serem transformados em todo o processo histórico de construção da história social desses sujeitos.

Outra demanda que permeia a comunidade está enfatizada pela Estrela (2019) quando promove discussões e reflexões relacionadas à fiscalização acirrada na comunidade em relação à queima da lenha na beira da praia já que a prefeitura tenta extinguir a prática na comunidade, alegando que os moradores da região reclamam da fumaça gerada pela prática tradicional na comunidade há mais de 40 anos. Estrela acrescenta:

E a gente esbarra com muita coisa, principalmente, eu na posição do marisco, desde os 09 anos até a data de ontem, eu cozinhava os mariscos na beira da praia. O marisco é o seguinte, a gente pega o barquinho, vai lá no mar, ranca, vem, chega em terra, faz o fogo na beira da praia, sempre foi assim, ó mais de 20 anos, antes de mim muita gente já fazia, meus avós, muita gente entendeu? (ESTRELA, 2019).

A marisqueira mostra ações de uma ativista na luta por preservar as tradições quanto ao beneficiamento do sururu que compõe a modalidade da atividade da pesca

artesanal na região. Mostrando que a comunidade é composta por sujeitos participativos e fundamentais na luta de uma racionalidade ambiental. Estrela (2019) relata o desconforto com as Instituições Públicas e Privadas na discussão das disputas acentuados na comunidade que gira em torno do beneficiamento do sururu. É preciso considerar como essas relações sociais entre o território/espço em seu uso e ocupação em destaque envolvendo as disputas sociopolíticas e socioambientais em ascensão nos últimos anos na comunidade. Relembrando que a região é privilegiada por suas belezas naturais e suas Ilhas Pituã e Itatiaia atraindo a cobiça dos grandes empreendimentos na região. Segundo Estrela:

A mesma coisa é aqui, se as pessoas não estão se agradando com a fumaça do marisco, não sou eu que tô no lugar errado, eu tô aqui há mais de 30 anos entendeu? Família, eu perdi uma bisavó há 05 anos atrás com 110 anos ela era pescadora. Aqui tinha o seu João do Zé, que todo mundo conhece que era o pescador mais antigo daqui, morreu tem uns 4 a 5 anos, com quase, com 100 anos, entendeu? Nascido e criado fazia fogo na beira da praia, sempre foi assim. Então porque que agora os Governantes querem proibir a gente? (ESTRELA, 2019).

Observamos que essas relações entre disputas na comunidade com as Instituições Públicas e Privadas são um modo de ampliar o lucro e promover o capitalismo a qualquer custo na região, promoção de urbanização desenfreada associada ao capitalismo na região. Busca-se o mais rentável para a sociedade nos argumentos das relações Institucionais, mesmo que isso seja contrário aos modos de vida das populações tradicionais. Porém foi possível visualizarmos que essas populações se organizam em defesa e preservação ao meio ambiente. Segundo os autores Pereira, e Diegues “As populações tradicionais passaram a ser consideradas importantes como atores responsáveis pela proteção do ambiente natural no qual estão inseridos” (p;28; 2010).

Os pescadores e marisqueiras atravessados pelas demandas externas acabam tendo que se reinventar ao se configurarem de outras maneiras, tornando necessário se submeter a determinadas transformações que afetam esses grupos sociais na atualidade, devido às investidas tecnológicas e urbanísticas que afetam a região dessas populações tradicionais. De acordo com o IBAMA, na Instrução Normativa 35 de 27 de dezembro de 2013:

Art. 2º Para fins desta Instrução Normativa entende-se por: I - População Tradicional: populações culturalmente diferenciadas e que se reconhecem como tais, que tem no extrativismo dos recursos naturais renováveis o meio de reprodução física e social essencial para seu modo de vida, utilizando de forma sustentável o ambiente que vivem, garantindo a conservação dos ecossistemas, com formas próprias de organização social;

Nesse sentido, na região, o sururu se tornou uma tradição na comunidade pesqueira de Itapuã e, devido à qualidade, se tornou referência na região, fato que contribui para a cultura local já que há grande procura na culinária para a torta Capixaba, tradicional na Festa da Penha, na Semana Santa no estado. Sururu acrescenta:

Então hoje em dia a extração do sururu também que pra mim eu gosto muito e é uma coisa boa aqui na praia; porque chega época de semana Santa é muita procura né do sururu e é o melhor sururu que nós temos por aqui é o sururu daqui de Itapuã, porque o sururu da de Vitória ele não é um sururu bom; as pessoas todo vez aqui compra pra vender aqui; mais não é o sururu de boa qualidade, você olha é um sururu bonito é gordo mais quando você vai comer você vai sentir que ele não é aquele sururu gostoso; ele é um sururu que as vezes tem que ele tem até gosto de óleo; que eles tiram lá na Baía de Vitória, ali na mediações da 3 ponte, Ilha do Boi, e ali paira muito resíduos de óleo de navio roncador ou até mesmo de barco, todo tipo de embarcação e as se você quer saber as vezes até esgoto lá tem que desagua dentro da Baía de Vitória e aí o sururu ele se alimenta; o alimento dele na água, então ele se alimenta tudo que vem ali ele se alimenta; aí ele vai se alimentando daquelas porcarias e não é um sururu de boa qualidade, as vezes tem pessoas que comem passam até mal; então eu nunca tirei sururu lá por causa da qualidade; o meu sururu aqui eu tiro lá lá; no farol lá fora entendeu? Ou nessas pedras aqui de Itapuã, entendeu, nessa Ilhas aqui de Itapuã, é o melhor sururu limpo, é um sururu saudável entendeu? E é isso aí (SURURU, 2020).

Além da qualidade do sururu na comunidade, a prática do beneficiamento do sururu é referência para os marisqueiros Estrela e Sururu. O jovem Badejo acrescenta o sururu como uma tradição na comunidade:

A cultura local nos dias de hoje com relação a isso e também em questão dos mariscos que hoje se tornou uma referência se tornou referência aqui em Vila Velha né o cultivo de marisco com pessoas assim que vivem completamente disso é a Tia Estrela, Tio Sururu; então, assim é em relação a isso eu vejo essa mudança, essa melhora né vejo como uma evolução né (BADEJO, 2020).

Conforme as narrativas dos sujeitos representativos da comunidade, os acontecimentos externos da sociedade modernizada acabam atravessando os sujeitos e promovendo modificações nas configurações desses indivíduos. Podemos observar que as transformações e as mudanças na dinâmica da sociedade atravessam os sujeitos em

suas particularidades e os mesmos dão sentidos e significados diferenciados a isso. Muito do que se percebe modifica ou colabora com o modo de vida desses sujeitos. Alguns veem como progresso e ações positivas para a comunidade, porém outros não conseguem visualizar da mesma forma, por isso as configurações são diversas. Segundo Elias (1897), elas se mostram elásticas na construção da história social desses sujeitos, visto que são consequência das intervenções de uma racionalidade econômica Leff (2010) acentuada nos dias de hoje na comunidade pesqueira tradicional. Lembrando que esses sujeitos estão acostumados a lidar, em seu modo de vida, com a racionalidade ambiental. Leff (2010) e Diegues (1996) enfatizam que essas populações são defensoras da natureza por utilizar conhecimento empírico e desenvolvido no constante contato com o meio ambiente.

Diante de diversos estudos e discussões acentuadas na sociedade moderna, informando que a população tradicional e sua modalidade de pesca artesanal contribuem com o seu saber tradicional construído no território pesqueiro por seus ancestrais, pouco se leva em consideração como as pressões externas atravessam essas populações modificando seu modo de vida.

A escassez dos pescados na atualidade muito reflete as pressões externas que essas sociedades vêm sofrendo ao longo do tempo: os desastres e impactos ambientais acarretando a poluição do território pesqueiro como também as desvantagens em concorrer com a pesca industrial; a pesca artesanal passa despercebida quando se buscam apoio e reivindicações que solucionem essas questões socioambientais que atravessam esses sujeitos e que na maioria das vezes não são levados em consideração pelas instituições políticas que priorizam a modalidade da pesca industrial que gera retorno para o sistema capitalista visto que é mais rentável e lucrativa. É preciso reconhecer que quanto mais se exploram os recursos naturais mais lucrativos são os rendimentos em benefício da sociedade globalizada o que é contrário ao modo de vida dessas populações tradicionais em que os recursos são utilizados de forma a respeitar todo o ciclo do ecossistema onde são explorados.

De modo algum é levado em consideração, na sociedade moderna, que os usos e recursos do meio natural são considerados mercadoria e capital. Por mais que os

saberes tradicionais dessa população sejam potentes para as demandas socioambientais de nossa população, pouco se promove sobre esses sujeitos em evidenciar o modo de vida desses indivíduos como significativo quanto às questões socioambientais discutidas na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte do estudo, a intenção é trazer e fazer algumas considerações pertinentes ao assunto tratado. O principal ponto é retratar que as configurações desses sujeitos acabam sendo atravessadas de modos contrários entre suas realidades, muita das vezes influenciadas pelas demandas externas que se acentuam na região em decorrência da sociedade modernizada nos últimos anos, em uma comunidade, relativamente pequena, como é a de pescadores de Itapuã – Vila Velha.

A princípio, permitiu a reflexão sobre a importância metodológica em história oral aplicada na comunidade tradicional pesqueira em que a interação dos colaboradores e pesquisador, por meio das entrevistas, é ponto fundamental para a compreensão da dinâmica e o fluxo da comunidade pesqueira e as configurações desses sujeitos na sociedade moderna que se mostram atravessadas pelas demandas externas no território pesqueiro, o que permite diante deste contexto compreender como a construção da história social tem fator determinante ao longo do tempo na história de vida desses sujeitos.

A metodologia em história oral permitiu os sujeitos representativos relatarem sua história de vida e, sendo assim, visualizaram-se marcas que os indivíduos carregam do coletivo. Isto possibilitou a compreensão das configurações que ocorrem no território pesqueiro diversificadas entre os sujeitos. Essas configurações se mostram diversas entre as demandas no território pesqueiro devido aos fatores que atravessam os sujeitos de modos diferenciados. Assim, por mais que pressões externas possam ser visualizadas na comunidade pesqueira por um sujeito como positiva, para outro ela pode ser interpretada como um fator contrário conforme suas interpretações e a realidade vivenciada por esse sujeito na comunidade. A metodologia aplicada em história oral possibilitou aos sujeitos representativos da comunidade pesqueira a oportunidade de expressar suas configurações diante das demandas modernas da sociedade e mostrar o sentido e o significados na realidade desses sujeitos o que muito diz sobre todo o processo histórico social da comunidade.

O estudo promoveu, assim, a caracterização da comunidade de pescadores e marisqueiras de Itapuã a partir do território pesqueiro privilegiado por belezas naturais entre as Ilhas Pituã e Itatiaia favorecendo o turismo e as travessias nas ilhas fator este que visualizamos ser demanda da sociedade moderna que se acentua na região e as tecnologias, nesse sentido, são vistas como positivas ao produzir mais segurança aos passeios de barcos pelas Ilhas. Assim, surge no território pesqueira outra forma de os sujeitos se configurarem na comunidade perante as investidas das demandas modernas na região. Algumas análises permitem visualizar, quanto à localização e o território no sentido de pertencimento dos indivíduos quanto ao espaço geográfico, visualizar os sujeitos da comunidade e suas práticas desenvolvidas na região, práticas essas entre a pesca artesanal, o beneficiamento do sururu, a taxidermia, a venda dos mariscos e pescado na beira da praia, proporcionando compreender como elas ocorrem a partir da dinâmica da comunidade pesqueira.

Na história contada por meio das narrativas de 09 sujeitos representativos que movimentam a seção sobre o início da comunidade, sua dinâmica e as transformações no território pesqueiro, percebe-se muito dos sujeitos mostrando a necessidade de se reconfigurar de outros modos no território devido às demandas externas que atravessam sua realidade. Os jovens se mostram mais atraídos a se configurar conforme as demandas modernas pautadas na racionalidade econômica e são atraídos pelas demandas tecnológicas que fogem ao modo de vida tradicional dessa população.

A infância desses jovens é marcada pelo excesso de peixe na região, porém isso já não faz mais parte da realidade dessa comunidade e muitos desses indivíduos, em suas narrativas, expressam a necessidade de se configurar de outras formas para suprir a necessidade da racionalidade econômica (LEFF, 2010). Tal situação contraria o modo de vida desses sujeitos pautada no consumo consciente de suas ações e práticas no manejo ao meio ambiente. DIEGUES (1996) pontua sobre as comunidades tradicionais que os saberes e conhecimentos dessa população são fatores relevantes à preservação do meio natural, fato que se discute nos dias de hoje em diversos estudos que confrontam os modos de vida diferenciados e pautados na conscientização de que o ciclo dos ecossistemas necessita de demandas que fogem a uma racionalidade

econômica em que se incentiva o excesso de consumo dos recursos naturais como algo benéfico às sociedades modernas. Assim, o que se observa é que essas ações são lesadas e fraudadas quando se trata de fiscalizações e investidas de instituições públicas e privadas nas demandas socioambientais que se acentuam ainda mais quando se trata de desastres e impactos ambientais sobre essas populações.

Por fim buscamos refletir sobre a comunidade tradicional e suas questões socioambientais nas subdivisões entre a cultura local e o modo de vida da comunidade pesqueira diferenciado da sociedade moderna em que os costumes da comunidade pesqueira passam pelos saberes tradicionais de suas gerações transmitidos pela cultura e, geralmente, marcados no processo histórico social da comunidade pelas tradições que ocorrem na região do território pesqueiro e suas demandas externas no que diz respeito à atividade de pesca artesanal na região. Compreender que a maneira como a história oral desses sujeitos pescadores, marisqueiras e membros da comunidade pesqueira de Itapuã traz as marcas do coletivo no contexto histórico da comunidade ao longo do tempo e que seus ancestrais deram início por meio das tradições culturais no território pesqueiro, bastante disputado pelos grandes empreendimentos da região se mostrou relevante para compreender as configurações que ocorrem ao longo do tempo com a comunidade atravessada pelas demandas da sociedade moderna, o que muito contraria o modo de vida da comunidade tradicional.

A comunidade tem a consciência de que os saberes tradicionais que a comunidade impõe no território pesqueiro contribui para demarcação do espaço geográfico como legítimo da comunidade pesqueira, porém muitos dos sujeitos ali acabam cedendo às investidas da sociedade moderna em urbanizar cada vez mais a região atendendo às demandas urbanísticas e alguns deles acabam necessitando de se configurar de outras maneiras, vendendo seus terrenos, saindo da comunidade na qual foram criados e fez parte de sua história de vida. Observa-se que a sociedade moderna e as dinâmicas atravessadas no território pesqueiro nos dias de hoje onde, entre seus membros, cada sujeito interpreta e analisa de formas diferentes.

Nessa perspectiva, o que pode ser avanço e progresso na comunidade para uns, não ocorre do mesmo modo para outros, por isso visualiza-se que as demandas

atravessaram os sujeitos de modos diferenciados em suas realidades e as configurações se mostram as mais diversas num ambiente que se mostra padronizado em suas práticas, porém os indivíduos, conforme as suas realidades, se reinventam e se configuram de diversos modos, decorrente das demandas socioambientais que atravessam a comunidade pesqueira de Itapuã.

Já sobre o referencial teórico, abordamos conceitos que dialogam com as demandas e a dinâmica da comunidade tradicional de pesca artesanal e que aponta para o desenvolvimento desta pesquisa que se estabelece nos conceitos de Configurações (ELIAS, 2000), Saber Ambiental (LEFF, 2015). Além disso, as metodologias em História oral e memória percorrem com os autores Le Ven, Faria e Motta (1996) e Orlandi (1996) para contextualização de suas narrativas. Isso se mostrou relevante diante da realidade da comunidade pesqueira para compreender a dinâmica da comunidade.

No que se diz respeito aos sujeitos da comunidade pesqueira assim como a comunidade no geral, apesar de lidar de diversas formas com as demandas externas da sociedade moderna que atravessa a comunidade e seu modo de vida, esses sujeitos conforme os atravessamentos sofridos com o passar do tempo, esses indivíduos se configuram de modo a se adequar às transformações que a comunidade vem atravessando ao longo do tempo, porém esses sujeitos reagem às transformações conforme a realidade de cada um. A maioria da comunidade tem a consciência de como seus saberes tradicionais (LEFF, 2015) são pontos fundamentais no manejo do meio ambiente e como essa população tradicional contribui de forma a visibilizar a racionalidade ambiental na sociedade moderna visto que a sociedade do entorno é totalmente contrária no que diz respeito à racionalidade econômica (LEFF, 2010) como potente e significativa a visibilizar as demandas relacionadas ao progresso em que o consumo se mostra cada vez mais estimulado e exagerado como se a natureza e seus recursos fossem renováveis ao consumo desenfreado da população moderna.

Após finalizar este estudo, pesquisas posteriores se mostram satisfatórias para compreender a dinâmica das crianças e jovens na comunidade. Isso se mostra relevante para estudos posteriores já que percebemos que a maioria dos jovens acabam preferindo se configurar de outras formas e não levar adiante a tradição de seus ancestrais, porém

se torna importante sociologicamente para compreender que a tradição da pesca artesanal se mostra ameaçada quando os jovens não levam adiante a modalidade da pesca artesanal da prática na região.

REFERÊNCIAS

ARRAIA (Outsider na comunidade). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 08/12/2020

BADEJO (Jovem da Comunidade). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 08/12/2020

CAÇÃO (Pescador e Atravessador). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 28/12/2020.

CELANTE, Suelem Simão Alves C392 **Gentrificação: impactos do mercado imobiliário sobre a colônia de pescadores de Itapoã – Vila Velha – ES.** / Suelem Simão Alves Celante.

DIEGUES, Antônio Carlos. **A sócio-Antropologia das Comunidades de pescadores Marítimos no Brasil: Uma Síntese Histórica**, 1999. pp.01-23

_____. **A sócio Antropologia das comunidades.** Etnografia. V. 3 N. 2. pp.361-375. 1999.

_____. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: HUCITEC, 1996. 169 p.198

DIEGUES, A.C; ARRUDA, R. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2001.

DOMINGUES; CARROZZA; Newton. História oral, discurso e memória. **Tempos Históricos.** Volume 17, 2º semestre 2013, p.141-161

ELIAS, Nobert & SCOTSON, John L. 2000. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução, Vera Ribeiro; Tradução do posfácio á edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000, 224p.

FELIPPE, Miguel Fernandes; COSTA, Alfredo; FRANCO JUNIOR, Roberto; MATOS, Ralfo Edmundo da Silva; MAGUALÃES JUNIOR, Antônio Pereira. **Acabou-se o que era Doce: notas geográficas sobre a construção de um desastre ambiental** In. MILANEZ, Bruno; LOSEKAN, Cristina. (orgs). Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição. Rio de Janeiro: Folio Digital/Letra e Imagem, 2016. p. 11-437

FREITAS NETTO E BENEDITTO. **Diversidade de artefatos da pesca artesanal marinha do Espírito Santo.** Revista Biotemas, 20 (2): 107-119, junho de 2007.

GARCIA, Fernando Murilo Costa. **Dano ambiental existencial: reflexo do dano aos pescadores artesanais.** Curitiba: Juruá, 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

ESPADA (Outsider na comunidade). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 08/12/2020

ESTRELA (Liderança Feminina). **Relato de História de Vida da Pesca.** Entrevista concedida a Maria Angela Rosa Soares. Comunidade Praia de Itapuã, Redes de Cidadania. Vila Velha, 30/10/2019.

_____. (Liderança Feminina). **Relato de História oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 28/12/2020.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE VEM, M. M; FARIA, E.; MOTTA, M. H. S. História Oral de Vida: O instante da entrevista. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 16, set. 1996, p. 57-65

LITTLE, Paul E. **A etnografia dos conflitos socioambientais: bases metodológicas e empíricas.** I Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade-Anppas. Anais.... Indaiatuba, Maio de 2004.

MERO (Liderança dos Pescadores). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 28/12/2020.

MOURA, Neide. **Percepção e memória: uma barragem, muitas vidas, uma história**, 2008. pp.70-81 *Caminhos de Geografia Uberlândia* v. 9, n. 26 Jun/2008 p. 70 - 81 Página 71

MOZINE, Augusto Cesar Salomão. Modernidade e Trato da Natureza: Desencantamento do Mundo e Racionalização. In: **V Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, 2010, Florianópolis - SC. Anais da ANPPAS, 2010.

MOZINE, Augusto Cesar Salomão; CELANTE, S. S. A. ; LAHASS, G. . Preservação ambiental através das relações topofílicas na colônia de pescadores de Itapuã-Vila Velha/ES. In: XXXII Congresso Internacional Associação Latino Americana de Sociologia, 2019, Lima. **Anais do XXXII Congresso Internacional ALAS**, 2019. v. 1.

MUSIELLO Fernandes; VIEIRA Fernanda; FLORES Roberta; CABRAL Lucas, ZAPPES Camilah; **Pesca artesanal e as interferências sobre a atividade na mesorregião central do Espírito Santo**; Bol.Mus. Biol.Mello Leitão (N.Séri.) 40(1). 2018.pp.01-21

NORA, Pierre. **Entre memória e História: A problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

PALMEIRA, Karoline; CALIXTO, Flávia; Aline; KELLER, Luís; KASNOWSKI, Maria; MESQUITA, Eliana; **Qualidade Microbiológica do Sururu (Mytella charruana) Comercializado por**

Catadoras da Baía de Sepetiba, Rio de Janeiro, Brasil; Proceedings do VII SIMCOPE. Inst. Pesca, São Paulo, 2016.pp;32-42

PESCADA (Jovem nativa da comunidade). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 02/12/2020.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antônio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 22, 2010, p. 37-50.

PROATER, **Relatório do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural.** PROATER 2011. INCAPER, Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca. Disponível em: http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Vila_Velha.pdf. (21/07/2016).

PROST, Catherine. **Ecodesenvolvimento da pesca artesanal em região costeira-estudos de caso no Norte e Nordeste do Brasil.** *Geo Textos*, vol. 3, n. 1 e 2, 2007, pp.139-169.

SANTOS; SANTOS. **A etapa de análise no método história de vida- uma experiência de pesquisadores de enfermagem**,2008 Out-Dez

SILVA, Adriano Prysthon da. **Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**-Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura,2014.

SILVA, Cátia Antônia; **HISTÓRIA SOCIAL DA PESCA E DA MODERNIZAÇÃO ESPACIAL DO RIO DE JANEIRO: A ÁRDUA TAREFA DE PERIODIZAR EVENTOS;** *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 11, n.1, págs. 2-19, jan/jun. 2015

SILVA, V.P BARROS, D.D. **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional.** *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 1. 68-73, jan./abr.2010.

SURURU (Pescador). **Relato de História da oral na Comunidade Pesqueira.** Entrevista concedida a Alike da Silva Alves. Comunidade Praia de Itapuã, Bolsista do Projeto Redes de Cidadania. Vila Velha, 04/12/2020.

TAFFAREL, Carlos. **Museus Escolares: A Utilização de Técnicas de Taxidermia como Auxílio no Ensino da Educação Ambiental.** *Remoa*, v.10, n.10, out/dez;2012.

VENTURATO, Raquel Duarte; VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva. Desafios do modo de vida da pesca artesanal em uma região em crescimento: a comunidade Tanquã, Piracicaba/SP. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 35, n. 2, 2018, p. 319-333.

APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA – AOS PESCADORES E COMUNIDADE:

Questão 1:	Conte-me um pouco sobre a sua História na comunidade:
Questão 2:	Como aprendeu a prática da Pesca Artesanal? Ou o que você aprendeu na comunidade?
Questão 3:	O que pensa quando diz que é “pescador artesanal em Itapuã”?
Questão 4:	O que você entende por tradição? Quais são as tradições daqui de Itapuã?
Questão 5:	Quais as atividades de pesca/marisco que você aprendeu na comunidade? Com quem você aprendeu?
Questão 6:	Como é a vida na Comunidade?
Questão 7:	O que marcou a sua infância na comunidade pesqueira?
Questão 8:	Continua sendo morador da Comunidade? Se não? Quais foram os motivos?
Questão 9:	O que faz permanecer na comunidade?
Questão 10:	Quais mudanças você observa na comunidade nos dias de hoje? O porquê delas?